FON FON



Rio de Janeiro, 29 de Dezembro de 1951
A revista feita para o lar
Cr$ 4,00 em todo o Brasil

"PERNAMBUCO FALANDO *para o* NORDESTE"

AJUDANDO A CONSTRUIR
O PROGRESSO
DA NOSSA TERRA

PARTINDO DE GARANHUNS, A SUA MENSAGEM DE VENDAS ATINGIRÁ IMPORTANTES NÚCLEOS DE CONSUMIDORES, EM VÁRIOS ESTADOS!

A Emprêsa JORNAL DO COMMERCIO S. A. entregou ao povo da cidade de GARANHUNS, a "Suissa pernambucana", a primeira Emissora do interior de Pernambuco!

Ela é o marco inicial de um empreendimento estimado como uma das mais valiosas contribuições do Rádio ao desenvolvimento das forças econômicas e culturais de vasta e próspera região brasileira!

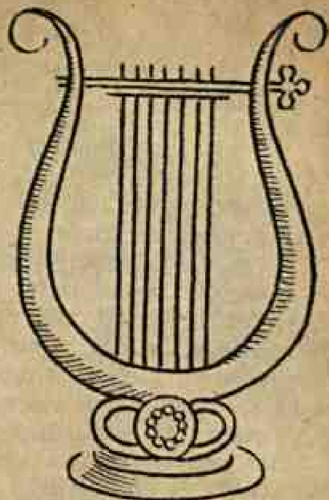
Anuncie, agora, na Rádio DIFUSORA DE GARANHUNS e a sua mensagem de vendas atingirá importantes núcleos de consumidores, em diversos Estados nordestinos!

Radio DIFUSORA DE GARANHUNS

ZYK-23 · FREQ. DE 1.210 KCS.

REPRESENTANTES.
REPRESENTAÇÃO DE JORNAIS E EMISSORAS LTDA
RIO: RUA MÉXICO, 164 - 9.º AND. - SÃO PAULO: RUA FORMOSA, 409 - [illegible]

Ainda O Caso Colombina-Maria Lessa



MARTINS CAPISTRANO

OLEGARIO MARIANO, meu amigo de longos anos, e poeta que admiro como uma das mais altas expressões literárias do continente, leu com amargura minha crônica de FON-FON "sôbre o caso Colombina-Maria Lessa", segundo me confessa, em carta muito afetuosa e melancólica, datada de três de outubro findo.

De regresso de São Paulo, onde revi paisagens e corações, que não esqueço, encontro, em minha mesa de trabalho, a missiva do glorioso artista de "Quando vem baixando o Crepúsculo..." E leio-a, também, com amargura, pelo juízo que Olegário Mariano fêz dêste seu velho amigo em relação à minha intervenção no lamentável episódio, em que se envolveram duas poetisas brasileiras, duas representantes da nossa inteligência feminina: a criadora de "Lampeão de Gás" e a autora de "Da janela do Sonho".

Não me deixei levar, Olegário Mariano, como supõe e afirma você, em sua carta, "por informações capciosas de um poeta medíocre, que quer publicidade seja a que preço fôr, sem medir conseqüências". Só me atrevi a escrever a página "O plágio dos versos de Colombina" depois de ler, por vêzes encantado, aliás, e tristemente decepcionado, outras vêzes, todo o belo e bem impresso volume de Maria Lessa, a quem não hesito em aplaudir nos versos que me parecem seus. E foi, apenas, a carta de Colombina, citada em minha crônica, que me conduziu à leitura de "Da janela do Sonho" e ao depoimento literário publicado na edição de 15 de setembro de 1951 desta revista. Nenhuma outra influência pesou em meu espírito independente para inspirar aquêle desabafo.

Transcrevo, a seguir, menos por uma questão de ética do que como uma homenagem a Olegário Mariano, os principais trechos de sua carta de 3 de outubro de 1951.

"Como V. deve saber, sou velho admirador de Colombina, de quem possuo quase todos os livros. Não posso, entretanto, concordar com a injustiça que se vem fazendo à idoneidade literária de Maria Lessa, moça que inicia sua carreira, sem patrocínio de ninguém, levada, apenas, pelo entusiasmo de seu amor à Poesia.

"Acostumada às boas leituras, teve, sempre, Maria Lessa, a mania de copiar e decorar páginas dos poetas de sua predileção. Com o passar dos tempos, muitos dos poemas por ela decorados e copiados perderam os nomes dos próprios autores, ficando apenas na sua memória a lembrança dos mais lidos e relidos. Até com os profissionais se repete o fenômeno. Eu mesmo sei de cor muitos poemas cujos autores ignoro.

"Agora no momento de preparar seu livro de estréia, mal sabia Maria Lessa que seu subconsciente viria traí-la de maneira tão desagradável. Ela própria estranhou o fato, indagando, num exame de consciência, como poderia ter acontecido aquilo, a que V. chama, rudemente, de "plágio".

"Se me tivessem passado pelas mãos os originais de Maria Lessa, seria eu o primeiro a chamar-lhe a atenção, de vez que conheço quase todos os poemas de Colombina. Mas êsses originais foram, diretamente, para o editor, que se apressou em mandar compor a matéria, conforme havia combinado.

"A inexperiência da estreante, o seu recato em submeter à apreciação alheia os seus poemas, tudo isso resultou nesse episódio, que outra solução teria, se não fôsse a maldade de um fracassado fazedor de quadrinhas claudicantes.

"Quanto à parte, que lhe toca no caso, espero que V. reconsidere o ato, que praticou, e procure dar a interpretação exata ao fato, que tantas contrariedades trouxe a uma pessoa que, positivamente, não merece ser julgada com tanto rigor".

*
* *

Estou de acôrdo com Olegário Mariano, nas suas observações sôbre a "traição" do subconsciente, sôbre os imprevistos da memória, sôbre o fenômeno do esquecimento dos autores de certas produções, que sabemos de cor...

Seus argumentos, entretanto, não destruíram, antes confirmaram, o raciocínio e os confrontos da minha crônica sem maldade e sem veneno, que visou, ùnicamente, salvaguardar o patrimônio espiritual de uma artista e mulher abandonada e pobre.

Se a poetisa Maria Lessa, cujo livro de estréia, brilhantemente prefaciado pelo beletrista Fioravanti Di Piero, apresenta, inegàvelmente, páginas inspiradas, dignas de elogio, foi arrastada no turbilhão de suas confusões mnemônicas, houve, no que chamei, duramente, de "plágio", apenas uma estranha coincidência de idéias...

Mas, como não desejo, de forma alguma, obscurecer o talento dessa moça, que teve a infelicidade de ler demais uma colega consagrada, presto-lhe, terminando esta "explicação", uma homenagem tôda especial, transcrevendo o lindo soneto "O amigo", página de arte, sentimento e emoção, de seu livro "Da janela do Sonho".

"Se amor à vida traz encantamento
E prazeres a todos oferece,
Amizade é consôlo ao sofrimento,
Ameno lenitivo a quem padece

Amor é sacrossanto sentimento,
Teia ilusória, que o destino tece,
Que dura às vêzes pouco, e, num momento,
Em fumo de ilusão se desvanece.

Amizade, porém, hora por hora,
No cadinho do tempo se depura,
Na sucessão dos dias se avigora.

Quando, então, nos assalta algum perigo,
E sofremos alguma desventura,
Só nos ampara o coração amigo".

Uma Mocinha Mal-Comportada

A história de Janice é típica, igual à de milhares de outras mocinhas que atravessam uma crise. Quando Janice tinha cinco anos, seu lar se desfez e ela foi entregue a uma instituição infantil. Apesar das promessas de sua mãe, de que haveriam de ter outro lar para viverem juntas, Janice passou os seis anos seguintes mudando de um lar adotivo para outro.

Finalmente, sua mãe levou-a para uma casa — aliás, pequeno apartamento onde ela vivia em companhia de um solteirão de certa idade. Desejosa de afeição e de intimidade, que sempre lhe tinham faltado, Janice tornou a desapontar-se. A sra. mãe de Janice, que tinha muitos amigos na maior parte homens, quase não parava em casa com a filha.

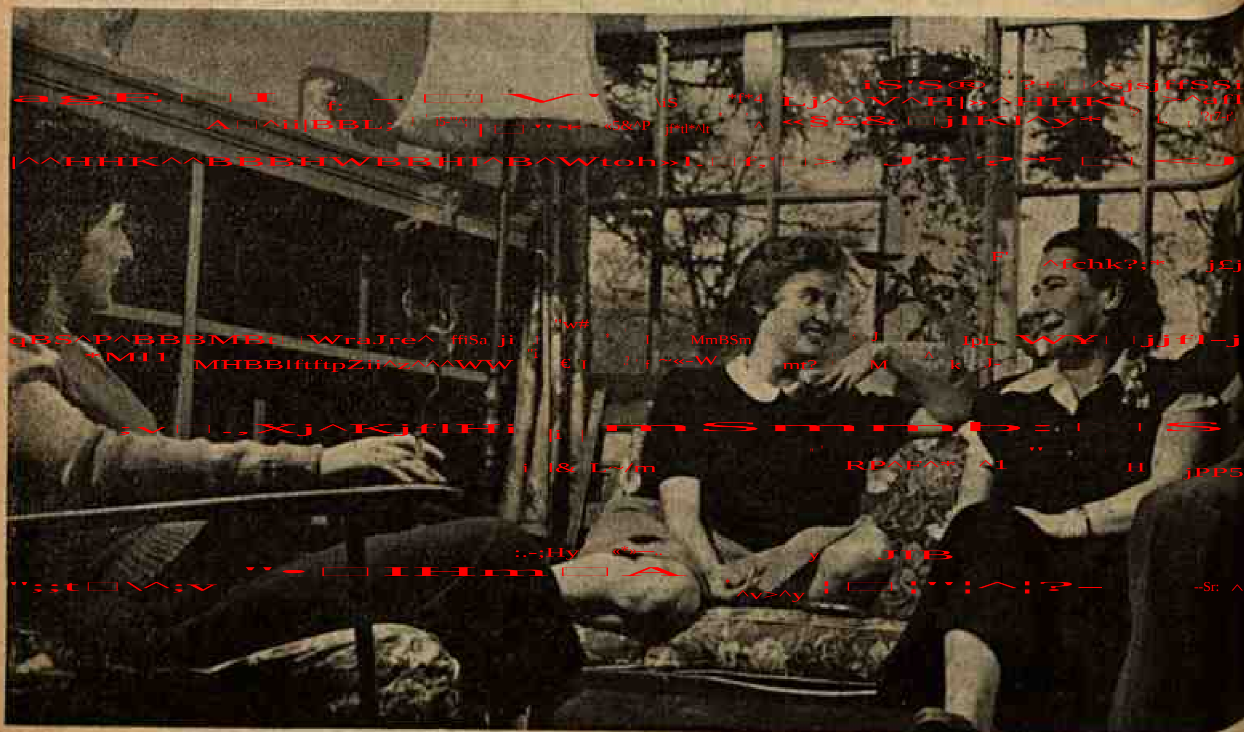
Aos 15 anos, muito ferida e isolada, Janice vagueava pelas ruas. Fisicamente tão madura quanto uma moça de 25, ela procurou afeição nos homens mais velhos da vizinhança. Ficou logo com a reputação manchada, de moça fácil.

Tornou-se desconfiada e sem contrôle. Finalmente, como se recusasse a ir à escola, foi levada ao tribunal. Nos Estados Unidos há dêsses "tribunais juvenis", muito úteis à juventude. Ao deixá-lo, mal sabia ela a sorte que se lhe oferecia. O juiz, descrevendo-a como "moça difícil e amarga, destinada a sérias complicações e talvez à prostituição, poderia tê-la mandado para uma escola reformatório. Na falta de instituições com tratamento psicológico adequado, Janice poderia ter figurado entre as 60.000 mocinhas que, nos Estados Unidos, vão anualmente parar atrás das grades de uma prisão.

Em vez disso, o "tribunal" enviou-a para a Howthorne-Cedar Knolls School, em Hawthorne, Nova Iorque, uma das maiores e uma das únicas instituições que aujdam a resolver os problemas emocionais das jovens erradas como Janice. Dirigida por uma administração de Guardas Judeus, essa escola destina-se às crianças que precisam de auxílio psiquiátrico e re-educacional.

Não é absolutamente uma escola reformatória. Não há guardas, nem barras nem portas trancadas. Cedar Knolls é mais uma espécie de escola particular supervisionada, onde os estaudantes vivem em cazinhas, frequentam a escola e as classes e levam vida social variada. O corpo administrativo é de quase 100 membros, incluin-

Os Faulkners, chamados "os pais" procuram dar às moças que sofrem, tais como Janice, o ambiente do lar que lhes faltou.



Às 15 anos, Janice era mal comportada, desaforada e sem objetivos. O internamento na Escola Cedar Knolls, de Hawthorne, nos Estados Unidos, salvou-a.



do-se psiquiatrias, professôres e ajudantes de trabalhos de psiquiatria.

Fundada em 1906, a Cedar Knolls foi a princípio escola reformatória. Mas nos anos mais recentes, a escola pioneira no emprêgo da psiquiatria como auxílio às crianças, transformou-se num centro de tratamento reeducacional.

Tem servido de modêlo a várias outras instituições do mundo.

Entre as inovações nela apresentadas, nota-se a coeducação. Atualmente, há 135 rapazinhos e 65 mocinhas, entre as idades de 10 a 18 anos na escola. Os planos da "vida em grupo" e "psicoterapia individual" ajudam o desenvolvimento das personalidades normais e completas. As autoridades da escola acreditam que as atividades coeducacionais representam sensível aproximação à solução dos problemas dêsses adolescentes.

Quando Janice chegou à Cedar Knolls, de Hawthorne, seu caso foi estudado por um grupo de peritos. Foi planeja o seu programa escolar e os cuidados psiquiátricos de que precisava ficaram resolvidos. Ela foi designada para uma casinha ao lado da casa dos "pais" — o sr. e a sra. Donald Faulkner.

A atmosfera da escola era diferente de tudo quanto ela conhecera. Pela primeira vez na vida, Janice teve seu quarto sòzinha. Pôde decorá-lo como quiz, mas era obrigada a mantê-lo limpo.

Janice, apesar de tudo, estava resolvida a brigar. Caçoava daqueles que queriam ajudá-la e recusou a amizade dos "pais". Recusou partici-

par do programa da escola e armou brigas com outras moças.

Nos três primeiros mêses, Janice fez apenas duas amigas: Ruth e Sílvia. Escolheu as piores que pôde. Sílvia, filha ilegítima, também andara de casa em casa como filha adotiva; Ruth, aos 15 anos, fôra prêsa roubando numa loja. Essas duas moças não podiam ser de grande ajuda para Janice. Certa tarde, depois de estar na escola havia seis mêses, Janice fugiu. A polícia encontrou-a às 4,40 da manhã, num banco do Parque Central. Reconduzida à escola, encontrou no seu quarto sanduíches e um copo de leite — ali pôsto pela sra. Faulkner. Ruth e Sílvia tinham deixado alguns cigarros na cômoda.

Voltando agora seu pensamento para aquêles tempos, Janice admira-se de como pôde ser tão amarga e vingativa. Esperando ser castigada duramente, ela teve, ao voltar naquele dia, após a fuga, a surprêsa de ver que em vez de a enviarem para a escola reformatória, lhe disseram: — Não queremos saber o que você fez, mas sim *porque* o fez... Não estamos aqui para castigá-la, mas sim para tentar compreendê-la e ajudá-la.

Janice conta que, à vista disso, sentiu-se doente de vergonha. O único castigo que lhe deram foi privarem-na de ir à dancinha semanal.

Janice começou a compreender que tudo o que sofria não era devido à escola. Ela é que andava errada. Pensou no seu procedimento e conversou com a sua "ajudante". Sua atitude mudou. Janice começou a vestir-se mais cuidadosamente; melhorou de notas na escola. Começou a gostar mais das companheiras. E, o mais importante, é que ela viu que as outras também estavam gostando mais dela. Em breve, ela estava de encontro marcado com um dos rapazes.

Quando Janice já estava na escola havia quase um ano, enfrentou o seu maior teste. Algumas moças da escola trabalhavam nas cidades mais próximas. Poderia ela também? A decisão foi favorável, e a administração considerou-a como perfeitamente apta. A própria escola arranjou-lhe um emprêgo, e a sua empregadora, já cientificada das suas condições, gostou muito do seu trabalho. Poucos mêses depois, Janice deixava a escola. Não precisava mais de cuidados e proteção, assim decidiu a administração. Janice queria construir um lar para si e sua mãe. Ela ainda tem difíceis períodos de ajustamento diante de si, mas as conversas semanais com a sua "ajudante" da escola a ajudarão muito.

O diretor da Cedar Knoll disse: "Perdemos algumas, mas a maior parte das nossas garotas voltam para o mundo como Janice — e isso prova de que algo de melhor pode ser feito com as chamadas crianças delinquentes, em vez de as deixarmos desenvolverem-se em criminosas.

Esperemos que dentro de pouco tempo estejamos todos capacitados e aptos a salvar as milhares de Janices, que há pelo mundo, com os modernos métodos de reeducação emocional".

●

As moças ali aprendem costura e fazem outros cursos, preparando-se para a vida prática.



●

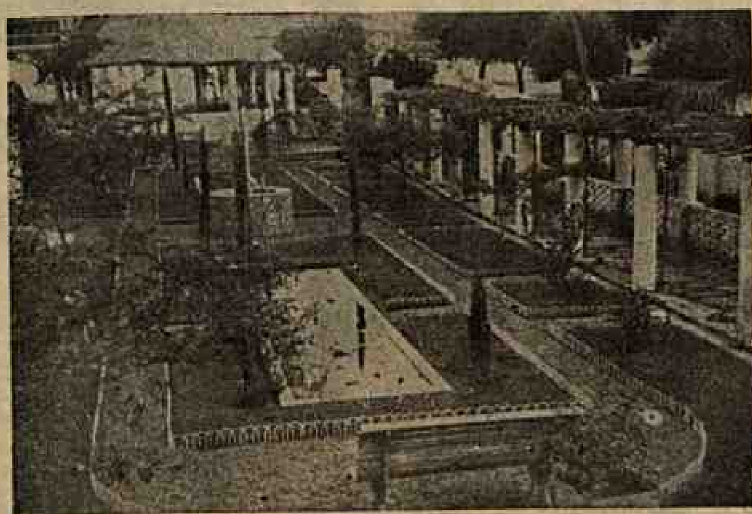
Conversas francas com o diretor ajudaram Janice a resolver seus problemas. É preciso grande tacto nessas sondagens da alma.





IMPERIAL HOTEL

(LAMBARI)



CONFORTO — DISTINÇÃO — GRANDIOSIDADE

DIÁRIAS COM REFEIÇÕES:	1 pessôa	Cr$ 130,00
	2 pessôas	Cr$ 230,00

CAPACIDADE PARA 600 PESSOAS — REABERTURA: DIA 1.º DE JANEIRO

INFORMAÇÕES E RESERVAS:

EDIFÍCIO REX — 5.º ANDAR — SALA 501 — TELEFONE 22-8554

ÁGUAS ESCURAS

Conto de MARIA FLORA YAÑEZ

Tradução de Làsinha Luís Carlos de Caldas Brito

SEIS meses... Já êle começava a esquecer essa mulher estranha, silenciosa e loura, cuja presença gravitou sôbre sua vida como um castigo. Nunca compreendera porque, quando lhe falou de seu amor, ela o detivera com gestos de gazela assustada.

— Casar-me, eu? Mincho, não pode ser. Algum dia, talvez, venha a contar-te...

A luz avermelhada e moribunda da tarde velava como uma gaze o rosto estático e ardente da mulher.

— Luiza...

— Não, Mincho. Há uma coisa que não posso esquecer. Uma visão, uma pavorosa visão... Algum dia, talvez, venha a contar-te...

Falava com uma pobre voz partida que lhe feriu os tímpanos e lhe secou a garganta. Era como-se essa incurável tristeza que pesava sôbre ela se tivesse transmitido de súbito a êle, ao seu corpo, ao seu espírito. Quis apartar-lhe as mãos e apenas tocou a frieza da sua dor. Deixou-a, então, partir.

— Adeus, Luiza.

— Algum dia, numa carta, contar-te-ei essa visão.

Êle viu desaparecer no crepúsculo, sob o desalento azul, a sua figura, calada, harmoniosa e loura. Sentia-se vencido. Todo o seu valor e a sua alegria desmoronavam. Baixou a cabeça como se quisesse fazer uma pergunta muda à terra. A luz da tarde era agora uma agonia violácea e os muros das casas cercavam-no com a sua face desbotada e cinzenta. A escuridão chegou de chofre.

Êle tornou a levantar os olhos e sentiu a sua solidão sob o manto pesado dessa noite sem estrêlas. Um mês, dois meses, seis meses, esperou sua carta. Afinal, quando começava a esquecer, um dia em que a chuva golpeava como um anúncio os cristais do quarto, chegou o papel com o relato.

Lendo-o, pareceu-lhe escutar a voz de Luiza, aquela voz ardente e medrosa. Ela, que então se calara, entregava-lhe agora um rio interminável de palavras quebradas, temerosas, por vêzes incoerentes. Êle lia, lia. E os acontecimentos, na sua estranha cadeia, vinham tomar lugar em sua mente. A tal ponto que viveu aquêles dias como se fossem seus, porque êsse pedaço da vida dela emergiu do passado, nítido, claro, como uma coisa viva.

"Copihuelpi... Recordo o frio glacial dessa tarde de fins de Março em que parti para aquele sítio perdido entre selvas do sul. Uma carta de minha amiga Carlota tirara-me subitamente da minha vida uniforme, levando-me a realizar essa viagem."

"Misia Trinidad, a riquíssima dona de Copihuelpi, dizia a carta, autoriza-me a convidar por alguns dias uma de minhas amigas (ela gosta de ter gente jovem em volta de si) e pensei em ti. Êste ano não tiveste oportunidade de veranear e duas semanas no campo te farão bem. A viagem é comprida e difícil, mas ficarás compensada de sobra quando conheceres êste recanto, um paraíso, perto do lago Panguipulli."

Que vida se leva em Copihuelpi? perguntava a mim mesma durante o longo trajeto de trem. "As casas estão cheias de parentes de Misia Trinidad," dizia Carlota no final da carta. Dispunha-me a prescindir daqueles desconhecidos e certamente fastidiosos parentes, para viver a meu talante, escondida em brandos calcadoiros, sob o raio de sóis matinais ou à sombra de bosques espessos, cheios de ninhos e cantos de pássaros.

Cheguei no dia seguinte, ao cair da tarde, após complicada viagem. Ao penetrar nas casas dos fundos, massiças, taciturnas, enterradas na selvagem maranha de selvas gigantescas, senti, sem saber porque, um vago mal-estar. "O lugar é soberbo", disse para mim mesma. Mas o mal-estar persistiu, comunicando-se à minha mente e ao meu corpo. Carlota, efusiva, cercava minha cintura com o braço.

— Que? Não te agrada? Estás muda, Luiza.

— É impressionante isto tudo, murmurei.

Só quando, arrastada por Carlota, fui cumprimentar Misia Trinidad, a velha e amável castelã recolhida desde cedo à sua habitação, senti que se dissipava o mal-estar. Carlota instalou-me num quarto pequeno, forrado de pálidos cretones. Depois de repousar uma hora e de preparar-me para o jantar, penetrei no grande salão da casa onde todos os hóspedes estavam reunidos: um casal maduro, o capelão do lugar, o administrador, duas solteironas de rosto inexpressivo e o velho médico de Misia Trindad. Carlota fêz as apresentações. "Todos êstes graves personagens veraneiam aqui", murmurou-me ao ouvido.

— Tanta gente... murmurei sobressaltada.

— Ainda falta Cristiano, acrescentou ela passeando o olhar pelo vasto salão. O sobrinho preferido de Misia Trinidad...

* * *

Ao repicar o sino que anuncia a refeição, aparece um homem jovem, de figura esbelta e nervosa. Detém-se um segundo no umbral da porta, abarcando o salão com olhar distraído. A seguir adianta-se, correto.

— Apresento-te a Cristiano, pronuncia a voz de Carlota. Chamam-no aqui "o homem dos bosques".

Não ouço bem o seu apelido, nem isso me importa. Mas tudo nele me surpreende. Há em seus olhos altivez e dureza, como um jovem animal à espreita. E o arco um pouco doloroso da bôca cai num rictus de desdém. Seus movimentos possuem a desenvoltura harmoniosa do homem acostumado a mover-se sempre ao ar livre, sob ilimitados horizontes.

Durante o jantar, ninguém se preocupa comigo. Frases truncadas chegam de vez em quando a meus ouvidos, mas não posso seguir o fio da conversa. São novas para mim essas reuniões compridas e pomposas, e sinto-me inibida. Lá fora, o vento silva e gritos estridentes de aves de rapina ficam vibrando lùgubremente no espaço. Meus olhos pousam sôbre uma grande compoteira de porcelana antiga, tênuemente colorida de rosa e azul que, carregada de frutas de luxo, está no centro da mesa. Será fantasia de minha mente? Parece-me que êsses pedaços de porcelana velha se afastam como portas secretas e que suas côres vão tomando tonalidades diferentes e estranhas. De ambos os lados da fruteira, enormes círios sôbre candelabros de prata, derramam espermacete intermitentemente. E mais além do tremor de suas chamas aparecem algumas dessas caras murchas que conheci há pouco. Contrasta com elas a fisionomia quase adolescente de Cristiano. Como eu, permanece silencioso e noto que não leva a mão à sua taça nem uma vez. Um instante seu olhar encontra-se com o meu e tenho a impressão de tê-lo conhecido antes de vir a Copihuelpi, de haver sentido noutro lugar a carícia de seus olhos em meus olhos. Mas aonde? quando? Interminável jantar em que os seres gesticulam sem graça, com uma espécie de inércia sombria nos rostos desfigurados pela cadavérica luz das velas de cêra! Afinal voltamos ao salão e, sem preâmbulos, interrogo Carlota:

— Êsse sobrinho de Misia Trinidad, êsse Cristiano...

— Um homem interessante, responde ela. Mas quase não o vemos aqui. Passa o dia em pleno mato e quando volta, de noite, senta-se ao piano e toca, às vêzes, durante horas. É taciturno e, segundo dizem, muito mais velho do que parece.

Mais velho do que parece... Carlota refere-se à sua idade, mas suas palavras respondem a um pensamento meu que nada tem a ver com a data do nascimento de Cristiano: apesar da sua aparência juvenil, há nele algo indefinível que vem de muito longe; algo que marca sua presença como um contrasenso, onde quer que se encontre.

Enquanto Carlota fala, êle instala-se ao piano e começa a tocar. Melodias araucanas, tristes como lamentos. Passa de uma a outra, deixando-as truncadas. E seu espírito está ausente do salão em que nos encontramos; pertence a outro mundo. Às onze, a caravana de respeitáveis hóspedes vai-se deitar. Cristiano, abstraído, continua no piano, brincando com as notas, tocando agora, com uma só mão, acordes complicados. Carlota disfarça um bocejo. — "Fiz uma caminhada muito grande", explica. "Estou cansada. Fica tu, se quiseres. Aqui, cada qual faz o que lhe agrada".

Cristiano levanta-se para dar boa-noite a Carlota e crava em mim seus olhos escuros nos quais há uma expressão obstinada. Ficar eu? Eu também estou exausta pela longa viagem de trem e levanto-me para retirar-me. A voz de Cristiano detém-me: "Ainda é cedo..." Que fôrça emana dêle? E porque lhe obedeço? No entanto, sòzinhos no salão, não encontramos nada para dizer e cruzamos os olhares com surprêsa. Em silêncio êle me contempla e eu, por minha vez, olho as suas faces cavadas, de índio, sua tez trigueira, tôda dourada por beijos de sóis tenazes, fortes de mais. Gostaria de poder interrogá-lo: — "Que pensa? em que trabalha? como vive?" Mas não me atrevo, tão hermético é o seu rosto. Sinto, não obstante, que uma trama frágil, um laço impalpável, criou-se entre êle e mim. Mas logo me revolta essa submissão minha para com um homem que mal conheço e despeço-me com precipitação.

* * *

Sobem da terra as emanações acres e carregadas de odores que acompanham a morte das fôlhas. Saio a caminhar pelo sítio. Espanta-me a variedade das paisagens que atravesso, por vêzes sorridentes, coalhadas de capins tenros, de grandes flores luminosas e efêmeras; outras, majestosas e tétricas até o desespêro. As montanhas cercam os bosques estreitos. Nada se agita; tudo é permanente e estático. Enormes troncos que os furacões do inverno derrubaram jazem a grandes intervalos, como corpos de gigantes adormecidos. A terra destila umidade e está manchada de pântanos esverdeados. Em contraste, um formigamento de vida rica demais nasce em mim à medida que penetro no coração dessa natureza emaranhada e hostil. Mas apalpo em breve a minha imprudência: quem sabe fui longe demais! Estou só, rodeada de silêncio, sumida na paisagem que dorme seu letargo junto ao verde tenebroso dos pântanos apodrecidos. Insetos de lodo rumorejam e saltam aos meus pés e o céu começa a cobrir-se de grandes nuvens densas e escuras.

Volto atrás ràpidamente. Não se ouve outro ruído nesse mundo hermético dos meus passos despedaçando as fôlhas mortas do caminho. Tendo a sensação de haver perdido a senda que conduz às casas. Mas, de súbito, por detrás de uma cortina de longos canaviais secos, diviso as manchas de ouro que desenham as janelas iluminadas nas sombras nascentes da noite. Corro para elas. O parque dorme, imaterializado já pelo crepúsculo.

* * *

— Toque mais alguma coisa...

Como tôdas as noites, há já bem uma semana, Cristiano senta-se ao

(Continua na página 34)

Como uma sonâmbula, permaneço inerte e desesperada entre seus braços, enquanto pressinto que, pela primeira e última vez, toco a felicidade.

SUPERCOR

SIMBOLO DE QUALIDADE

TINTAS PARA IMPRESSÃO

RUA VIUVA CLAUDIO, 247 - RIO DE JANEIRO

DEFUMADOR INDIANO

O MELHOR DEFUMADOR EM TABLETES, USADO PELOS INDUS NAS SUAS PRECES DE PAZ E FELICIDADES E EM SUAS CASAS COMERCIAIS.
FABR. J. STEFANINI - RUA ESTACIO DE SÁ, 71 - RIO
ENVIAMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

DR. AMERICO R. VELLOSO

Da Assistência Municipal (Hospital Getulio Vargas)

DOENÇAS DAS SENHORAS — VIAS URINARIAS

Consultório:
Rua do Ouvidor, 183 - 5.º and.
Salas 502 e 503
Tel. 23-8525 - De 16 às 19 hs.

Consultório:
516 - Rua Antônio Rego - 516
— Olaria —
De 7 às 11 horas

Residência: Av. dos Democráticos 670 - Bomsucesso — Tel. 30-1233



COLUNA DOS LEITORES

YVONE ERIG (R. Grande — RGS) — Escreve-nos pedindo uma página de poesias, e diz-nos: "A poesia é a alma, é o coração, é sonho, é tudo que enleva o espírito da juventude..."

R. — Pois bem, Yvone, estamos no firme propósito de inserir nas páginas de FON-FON, sempre que o espaço nos permita, a poesia que nos pede.

ALICE SACHILO (São Paulo — SP) — Diz-nos, entre outras coisas, que gostaria de modelos para mocinhas e informa-nos que as receitas culinárias de FON-FON são excelentes, pois fez um pudim de côco que ficou uma delícia. E nos promete que em sua próxima correspondência nos enviará algumas receitas.

R. — Já encaminhamos sua sugestão ao nosso Dep. de Modas. Quanto às páginas de culinária, ficamos-lhe agradecidos, não só pelos elogios como pelas receitas que nos promete, as quais aguardamos prazeirosamente.

CLEMENTINA DE ABREU (Rio — DF) — Sugere-nos a publicação de "uma seçãozinha" que tratasse de plantas, "dêsses vasinhos que tôda mulher gosta de ter, como cultivá-las, os seus nomes populares e científicos".

R. — Vamos estudar cuidadosamente a sua sugestão, a qual, desde já, muito agradecemos.

LYGIA LUZ (DF) — Veja resposta acima, a Clementina de Abreu.

HERMINIA CAMARGO (São Paulo, SP) — Diz-nos que gostaria de encontrar nas páginas de FON-FON assunto sôbre "conselhos às mamães".

R. — A seção do Dr. Humberto Ballarini tem, justamente, esta finalidade. Se houver algum assunto especial que a interesse particularmente, pode escrever para êle, dirigindo a carta à nossa redação, que será atendida.

MARIA C. ALVES (Barbacena, MG) — Escreve-nos: "Atualmente nada deixa a desejar. Interessantes: "Decoração do Lar" e "Culinária de Bom Gôsto".

R. — Seu interêsse parece coincidir com o da maioria de nossas leitoras. Só podemos dizer que ficamos muito contentes com tal observação.

HILDA MOREIRA (DF) — Deseja algumas receitas culinárias, inclusive a de pastèizinhos de camarão.

R. — Agradecemos suas palavras elogiosas e passamos seu pedido à seção de culinária, que terá o maior prazer em atendê-la. Quanto à receita, que espera pelo correio não pode ser atendida, mas isso não a prejudica em nada, uma vez que tôdas são publicadas em nossa revista.

IRINÉIA N. MENDES (Nilópolis, RJ) — Deseja algumas explicações a respeito de um aparelho para fazer tricô.

R. — Dirija-se à "Casa Artur", rua Luís de Camões 2, DF, que poderá fornecer-lhe as explicações desejadas.

RELIQUIAS SAXONIANAS ENCONTRADAS EM DOVER

O esqueleto encontrado da mulher saxônica.





O lugar do descobrimento da povoação saxônica.

Relíquias de uma antiga povoação saxônica foram encontradas, recentemente, por um obreiro, que fazia as cavações para o nivelamento do futuro edifício de conselho de Dover, Inglaterra. Os achados incluíram os esqueletos de uma mulher saxônica, enterrada de há 1.800 anos aproximadamente, sendo seu pescoço e pulso ornamentados com jóias douradas. Outros artigos encontrados foram: uma espada saxônica, objetos de bronze, escudos e ornamentos de prata e madrepérola.

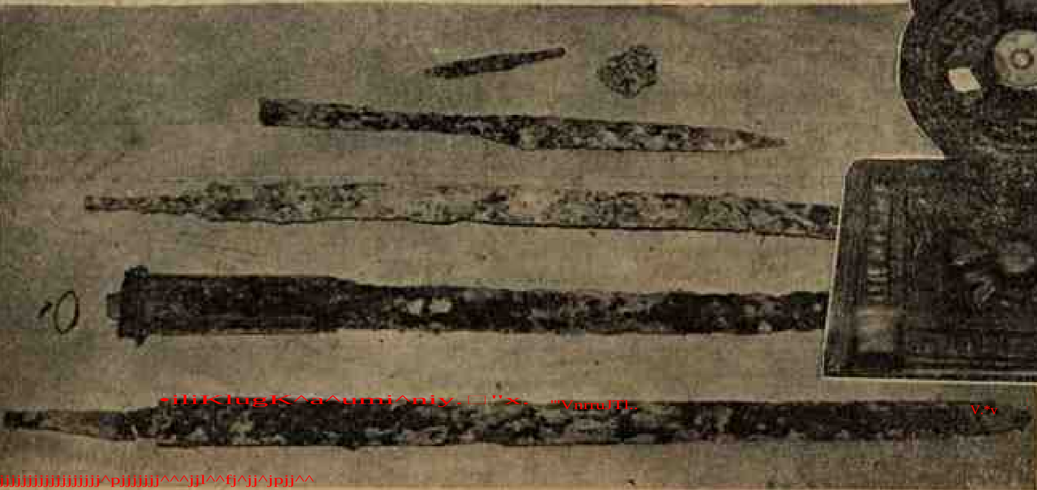
●



Uma das relíquias descobertas em Dover.

●

Espadas e facões dos saxônicos recolhidos nas excavações perto de Dover.



Prisioneira da NOITE

(ROMANCE DE LASINHA LUÍS CARLOS DE CALDAS BRITO)

RESUMO DO CAPÍTULO XXX

Evangelina comparece, ansiosa, ao encontro marcado com o dr. Ernani Lóssio e tem a surprêsa de não o encontrar. Enervada, espera até o dia seguinte que êle lhe diga alguma coisa, lhe dê alguma satisfação. Nada. Enervada, telefona para o escritório: de lá a secretária dêle lhe pergunta se então não sabia que o dr. Ernani Lóssio falecera na véspera. O entêrro saía naquela tarde... Agarrada à grade do jardim da casa dêle, Evangelina assiste à saída do féretro. Passa depois dias e dias inerte na cama. Hugo não aparece e Iara recebe a notícia: estava doente, de cama, com reumatismo. Arnaud visita sempre Evangelina, ainda com esperanças, sempre fiel. D. Mocinha aparece: veio ao Rio para os preparativos do casamento de Roberval e Adozinda. Após muitos mêses de doença, Hugo volta. Todos os planos tiveram que ser alterados. Irá aos Estados Unidos com Aléxia, para tentar um tratamento novo. O desquite? Teria que ser adiado... Iara continuaria a esperar...

CAPÍTULO XXXI

Voltaram do aeropôrto sob uma chuvinha miúda, que caía sôbre a terra perfidamente, quase invisível. Obsequioso, "seu" Josias ofereceu-lhes o carro, pelo menos até a Avenida, mas Iara recusou, declarando que ia para outro lado.

Caminhavam estreitamente unidas, sob a proteção de um único guarda-chuva. Após alguns minutos de ativo silêncio, Evangelina experimentou falar, mas parecia que o ar recusava as palavras e que elas ficavam um momento incrustadas no espaço, voltando aos ouvidos dissonantemente.

— É isso... lá se foi Hugo!... Quanto tempo demorará?

Iara fez um gesto de derrota. Em sua boca tremularam palavras de uma falsa vitória.

— Não há de ser por muito tempo. Embora Aléxia pretenda ficar um ano. Mas eu sei que dentro de alguns mêses estarão de volta.

— Pobrezinho de Jô! Tão pequenino e já interno no colégio! Aléxia não tem coração!

— Prometi a Hugo visitá-lo todos os domingos. Eu e o avô. "Seu" Josias é bom para o neto. Dá-lhe presentes maravilhosos.

— "Seu" Josias não é mau. Pena é que seja tão impertigado. No outro dia até achei graça. Estávamos em casa dêle quando chegou um ricaço, muito importante, para visitá-lo. Aconteceu que assisti ao encontro dos dois, na sala de visitas. Quando um caminhou para o outro e se encontraram, cada qual mais presunçoso, cada qual mais altivo, aquêle encontro me pareceu o da esquina de duas ruas, ambas de igual importância, em que os carros são obrigados a "rallentar" o andamento, porque não se sabe qual delas é considerada a de maior trânsito.

A frase conseguiu botar um sorriso na boca de Iara. Evangelina deu-se por bem paga. Ia cheia de compaixão pela pobre amiga. Estava bem certa, oh! cada dia mais, de que nunca o seu louco sonho se realizaria. Hugo não tinha a fôrça bastante para dominar os acontecimentos. Apesar de ter por Iara um amor verdadeiro, não era homem para tomar a dianteira dos fatos. Êles vinham de cambulhada, atropelando-o. Deixava-se sempre ficar para trás, fazendo projetos, convencido de que era o homem mais forte e mais dominador do mundo, mas, na verdade, sempre preterido pelos acontecimentos, sempre vencido pela própria fraqueza.

A conversa tomou um rumo perfeitamente imprevisível e nada de mais disseram naquele dia. Iara seguiu para o trabalho e Evangelina passou o dia bordando, a fronte tristemente pendida. Nessa tarde, o carteiro bateu à porta e a criada veio entregar-lhe uma volumosa carta que trazia o carimbo de São Felix, na Bahia. Evangelina abriu-a com mãos trêmulas. Era de Teodoro, como as outras cheia de expressões carinhosas, reafirmando ainda o seu inalterável amor, porém — e êsse "porém" fez Evangelina levantar a fronte altivamente e sorrir um sorriso de desprêzo — explicava que, finalmente, compreendera ser impossível a volta à felicidade perdida. Chegara à conclusão de que Evangelina jamais o receberia e que tudo estava definitivamente acabado. "Dizer-se que nem por uma vez você tomou de uma pena para me mandar notícias!" Acrescentava que "a vida dava muitas voltas, as mais das vêzes as que menos se pode esperar". "Sempre pensei que me viesse de você algum sinal, algum apêlo disfarçado, que me fizesse compreender que ainda me amava e me queria um pouco. Mas... nada. De sua parte só o silêncio, sempre o silêncio, um silêncio desanimador. Há pouco tempo, porém, recebi uma carta de um amigo meu, daqui de São Felix, que foi a Minas. Essa carta trazia-me uma notícia que, em outras circunstâncias, me deixaria, talvez, completamente indiferente, mas agora, que vivo completamente só, abandonado e sem amor, fez o meu coração bater de terna emoção. Maria da Luz está viúva e gosta ainda de mim. Disse ao amigo em questão que me espera sempre e que, na hora em que eu quiser voltar, me receberá de braços abertos! O Coronel Gumercindo estava muito doente, vivia prêso a um leito, já quase sem noção das coisas que o cercavam. Esperavam a morte dêle para cada momento. Maria da Luz ainda me ama! O fato despertou em mim emoções singulares. Escrevi-lhe uma longa carta, em que lhe falava de minhas tristes aventuras no Rio e, hoje, recebi a resposta, que vinha, infelizmente em papel tarjado de prêto, pois que o Coronel falecera. Maria da Luz pede-me que volte, pois só comigo pode ser realmente feliz.

Não quero partir, Evangelina, sem antes escrever-lhe êste adeus, do fundo da minha alma. Compreendi que o meu destino está traçado de maneira diferente do seu, que os nossos caminhos se bifurcaram acidentalmente, mas que nunca estivemos destinados um ao outro. Aceito, pois, o apêlo da vida e do amor. Maria da Luz é a única mulher que me quis realmente e a ela volto. Despeço-me de você sem rancores. Se a fiz sofrer, também tive o meu quinhão de sofrimento, e bem doloroso! Peço-lhe que me recomende a Hugo, a quem tanto devo. E acredite que não levo no coração nenhum ódio pelo abandono a que você me relegou. No caso da nossa questão da anulação ter algum seguimento, peço escrever para a Fazenda Angola, na Roça do Brejo, Estado de Minas, em meu nome. Seu, com muito aprêço e eterna saudade, Teodoro".

Evangelina segurou o papel durante alguns minutos e seu olhar, fixando-o, atravessava-o, ia longe, longe, de volta ao passado, confundindo-se com as sombras das lembranças mortas. Depois, num gesto lasso, cansado, velho, rasgou-a pela metade. Segurou com ambas as mãos os pedacinhos de papel rasgados e foi até a cozinha lançá-los à lata do lixo. A criada avisou-a de que tinham telefonado duas vêzes, enquanto ela estivera descansando, que era a mesma voz de homem e que ela tomara nota do número a ser chamado. Viu logo tratar-se do último editor a quem tinham entregue "Marabá". Ansiosa discou e, do outro lado do fio, respondeu-lhe a própria voz do editor, lamentando muito, mas explicando ser impossível encarregar-se da edição. A partitura encontrava-se, pois, à sua disposição, a qualquer hora, no escritório da cidade.

— É inútil... murmurou ela, consigo mesma. Nada há a fazer! O destino de "Marabá" é perder-se no nada. Um destino igual ao meu.

Passou impressionada com aquilo a noite inteira. Iara falava em reação, em procurarem outros editores, em arranjar pistolões. Evangelina fazia um gesto que cortava tudo.

— É inútil. Até as músicas têm destino.

No dia seguinte, como fôsse um sábado bonito, de muito sol e céu azul, resolveu sair, ir a um cinema, espairecer um pouco. Mal saiu para apanhar o ônibus, viu Arnaud passar no seu Chevrolet. Fez-lhe um sinal amistoso, êle parou o carro, e ofereceu condução. A tarde estava tão deliciosa que sentiu desejo de modificar a rota traçada. Se êle a convidasse para um sorvete, para um chá, para qualquer coisa, não seria nada mau.

— Aonde vai? perguntou êle.

— Ia a um cinema.

— Ia? Já não vai mais?

— Depende...

Êle ficou um momento em silêncio. Ela via o seu perfil regular, recortado no fundo móvel das casas que iam ficando para trás.

— Sinto muito não poder desviá-la do seu caminho, mas já tenho um compromisso, disse êle um tanto sério.

Que pena! murmurou o seu coração sem rumo. Gostaria de... de quê? Nem sabia ao certo. O rapaz deixou-a na Praça Saens Pena. Antes, porém, de saltar, disse-lhe, o dedo erguido no ar:

— Você anda muito afastado da gente! Estou com saudades. Depois que fiquei boa, desinteressou-se de mim... Até parece um médico! Olhe, diga a D. Maria da Penha que amanhã vou passar a tarde com ela.

A atitude ligeiramente esquiva de Arnaud espicaçou-a. Teve vontade de aproximar-se novamente dêle. Afinal era unicamente com êle que podia contar na vida!

A tarde de domingo estava tão deslumbrante quanto a véspera. Às duas horas telefonou a D. Maria da Penha que, já avisada pelo filho, lhe disse estar à sua espera. Foi uma tarde encantadora. Arnaud chegou um pouco mais tarde. Tinha almoçado fora, mas viera ainda a tempo de encontrar Evangelina. Decifraram charadas, os três, palavras cruzadas, e terminaram a tarde jogando um "pocker" baratinho. Depois, êle foi levá-la em casa. Esperou que fôsse convidada para alguma coisa no dia seguinte. Êle segurou a sua mãozinha diáfana, beijou-a com o mesmo beijo longo de sempre, mas não disse nada. Evangelina entrou em casa com uma sensação esquisita. Esperou que êle lhe telefonasse durante três dias. Só ao quarto dia é que êle o fez, pedindo licença para ir vê-la. Aguardou a visita, com Iara, conversando sôbre as qualidades do rapaz.

— Por que você não se casa com êle? perguntou Iara.

— Acha que é possível mascarar um fantasma?

— Quem é o fantasma? é você?...

Evangelina fez tristemente que sim e nada mais disseram sôbre o assunto. Arnaud chegou um pouco tarde. Dir-se-ia que vinha um tanto nervoso. Demorou-se até as onze e meia. Quase todo o tempo falaram sôbre Hugo. Iara é que quase não dizia nada. A horas tantas, Arnaud saiu-se com esta:

— Eu, se fôsse o Hugo, não suportaria aquela mulher nem um dia!

Evangelina riu.

— Não sei o que é que ela é pior: espôsa ou pintora! acrescentou o rapaz, vendo que elas concordavam com êle.

A frase do rapaz trouxe de chofre à memória de Evangelina a recordação das cenas da exposição de pintura de Aléxia.

— Por favor, Arnaud, não falemos nisso.

Levantou-se e, ela mesma, foi fazer o café, contra tôda a espectativa do rapaz.

— Como vai ela? perguntou, baixinho, a Iara.

— Nunca mais foi o que era antes. Não sei o que houve com ela. Deve ter sofrido algum choque. Não lhe disse nada?

— Nada! Não descobri nunca a chave do coração de Evangelina!

— Haverá uma chave?... ajuntou Iara, com um gesto vago.

A hora da despedida, o rapaz tentou falar a Evangelina sòzinho, mas dir-se-ia que ela queria exatamente evitar isso. Ainda alguns dias falaram pelo telefone, referingo-se vagamente a um futuro encontro em algum lugar.

— Talvez um cinema... ou chá na cidade... que acha? sugeriu êle.

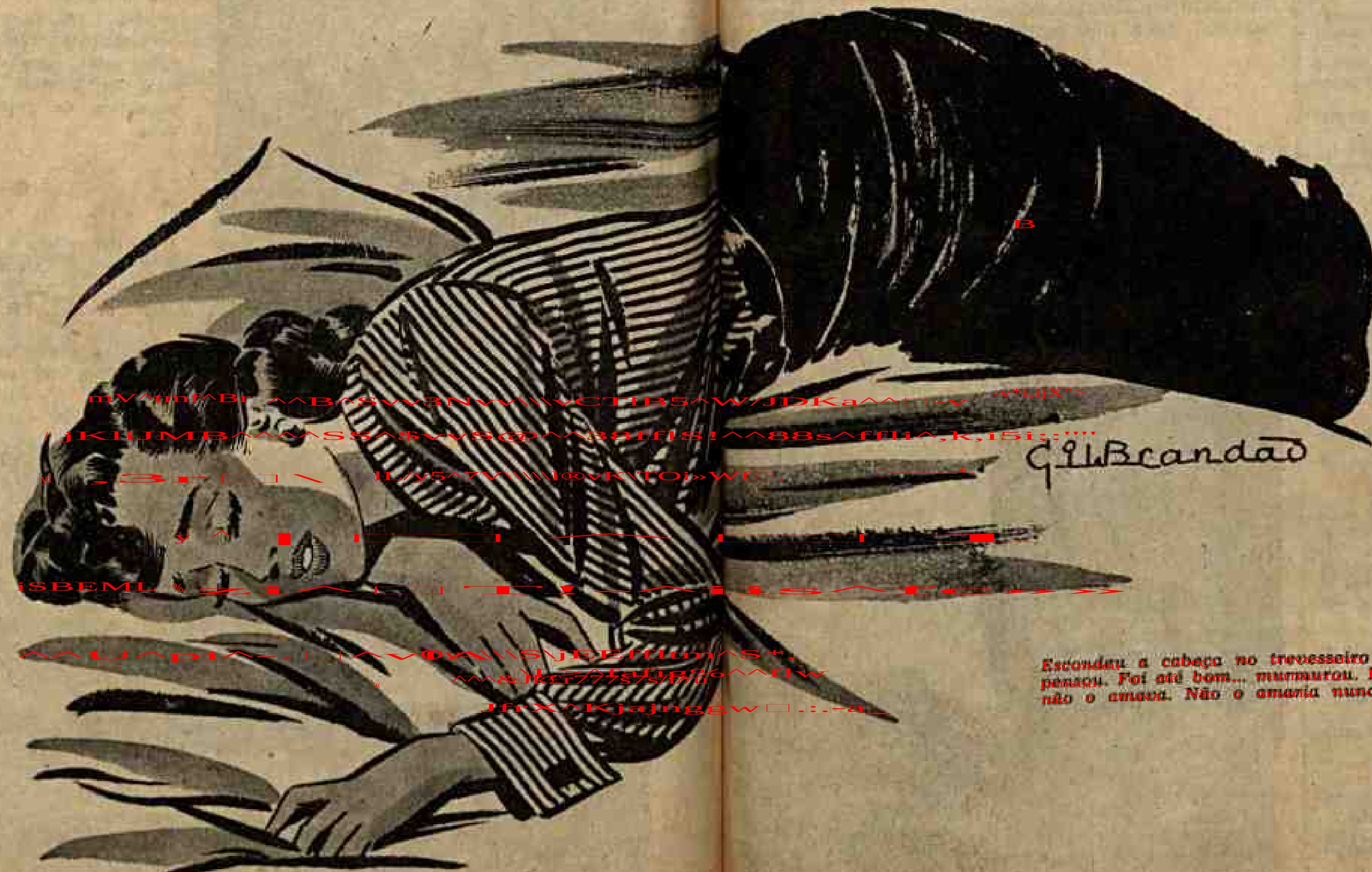
— Pode ser... deixe-me pensar!

Pensar! sempre pensar! Já era tempo de não pensar mais! dizia êle consigo amargamente.

E os dias rolavam. Vinham cartas de Hugo, cheias de entusiasmo e deslumbramento diante das maravilhas norte-americanas. "Todo o país se levanta num movimento único de patriotismo em face da guerra. Estou aprendendo a amar êste povo".

— Êle abandonará as idéias germanófilas, declarou Iara. Vai voltar aliado...

Aléxia aproveitava para comprar "êste mundo e o outro", escrevia Hugo. "Vai tôdas as tardes às exposições de arte e vive às voltas com os tipos mais repugnantes do cosmopolitismo. Ora é um urso de barbas, ora um macaco de óculos, que ela traz para jantar conosco no Waldorf". Quanto à saúde, ia muito — (Continua na pág. seguinte)



Escondeu a cabeça no travesseiro e pensou. Foi até bom... murmurou. Eu não o amava. Não o amaria nunca.

PRISIONEIRA DA NOITE — (Continuação)

bem. Iniciara já o tratamento. Permaneceria 2 mêses em New York, depois percorreriam algumas cidades, iniciando o ciclo por Washington. "Só tenho mêdo que a guerra venha alterar nossos planos".

Iara lia e relia tristemente essas cartas. Evangelina procurava levantar-lhe o moral, dizendo-lhe frases animadoras, de otimismo. Mas, com grande surprêsa, ouvia respostas como esta.

— Não faz mal. Eu espero. Esperarei sempre. E me sinto feliz em esperar por Hugo.

Evangelina ia até a janela, encostava a testa na vidraça. Via a rua lá fora, na sua habitual tranquilidade, os carros passando depressa, rodando maciamente no asfalto, os bondes direitinhos por cima dos trilhos, bicicletas rápidas, coisas leves, imponderáveis, passageiras, passando... E sentia que a vida corria com aquelas coisas. À vêzes tinha vontade de mandar parar tudo, de reter o tempo com a mão.

Pesavam-lhe mais, depois, os silêncios dos seus dias intermináveis. Já quase não tinha notícias de Arnaud, que lhe telefonava raramente. Afinal, certo dia, sentindo subir-lhe no peito uma grande maré de revolta, resolveu telefonar ao amigo e marcar um encontro. Estava dispôsta a fazer renascerem as esperanças perdidas. Arnaud veio buscá-la de automóvel e dirigiram-se a uma confeitaria. Em frente dêle, tentou ler-lhe nos olhos a antiga emoção. Sempre aquêle mesmo rosto, aquêle olhar ansioso, aquelas mãos delicadas que sabiam pegar nas suas com tanto devotamento.

— Arnaud... você não imagina! Agora os meus únicos momentos alegres são os que passo na sua companhia.

Êle pareceu embaraçado.

— Não diga, Evangelina!... Você nunca se importou comigo!...

— Fui uma tôla, Arnaud. Agora é que compreendo certas coisas. Andei malbaratando o meu coração. Você é que tinha razão!

— Quer dizer que... que agora você...

— Isso mesmo! disse ela, com um sorriso cúmplice. Você parece que me compreendeu!

Êle ficou imóvel um largo momento. Seus olhos estavam fixos no "menu" côr-de-rosa, que parecia perder a côr, inerte, em suas mãos.

— Evangelina... Há uma coisa terrível... Uma coisa que eu estava para lhe dizer há muito tempo!

Ela curvou mais para a frente o busto, numa atitude de irreprimível ansiedade.

— Terrível?! Que pode ser? Diga lá!

— Evangelina... eu não sabia que... que algum dia você voltaria a sua atenção para mim... Esperei tanto... tanto... que já tinha perdido às esperanças... Então, arrumei minha vida... Tenho vivido com uma mulher... muito boa... de quem gosto muito... E agora, justamente, prometi casar-me com ela!

Para dominar o movimento nervoso das mãos, Evangelina tirou da carteira a "trousse" de pó-de-arroz.

— Ah! sim... Então quer dizer que... que está noivo?...

— Não é bem isso. Não se trata pròpriamente de um noivado... porque eu já vivia com ela... há muitos anos. Trata-se da legalização de uma situação incômoda. Não sei se você me compreende...

— Continuar o que? A conversa?... ou...?

— Perfeitamente. Pode continuar.

— A conversa e o resto! Não tem importância!

Passava o arminho no rosto, com ar displicente. Em todo o seu ser parecia ter descido uma rigidez marmórea, que a cobria, escondendo novamente o seu ser real.

— É preciso que você compreenda... Eu não podia esperar pelo seu "sim" a vida inteira! Você nunca parecia inclinada a aceitar-me... Às vêzes, quando eu pensava que sim, via logo que me enganava. Aparecia logo um outro caso na sua vida... e lá se ia a minha Evangelina! E cada vez parecia que era para sempre!...

E êle não sabe nem da metade! pensava ela, desesperada.

— Está bem, Arnaud. Não tem importância. Acho que você fez o que devia. Desejo-lhe muitas felicidades.

Agora avivava o "baton" dos lábios.

— E pensar que agora... que logo agora... Qual! esta vida tem cada uma! murmurou o rapaz abanando a cabeça.

Despediram-se quase friamente, êle meio hesitante, como se não estivesse bem convencido de ter tomado o caminho certo. Ao deixá-la na porta de casa, ainda lhe perguntou:

— Você sofreu com a notícia que lhe dei?

— Nem um pouquinho. Na verdade, o que desejo é a sua felicidade.

Não a minha?... entrou perguntando-se a si própria. Escondeu a cabeça no travesseiro e pensou. Até foi bom... murmurou. Eu não o amava. Não o amaria nunca.

(Continua no próximo número)

OUÇAM, AS SEGUNDAS-FEIRAS PELA RADIO MAYRINK VEIGA, A SUA PRA-9, DAS 14 AS 14,30 HORAS, O PROGRAMA "CULINÁRIA DE BOM GÔSTO"

culinária de BOM GÔSTO

CARNE PICADA À ITALIANA

Pegue um quilo de carne macia (pode ser vitela, ou então carne de vaca, mas misturada com pedacinhos de porco) e passe na máquina. Junte 3 gemas, 1 colher cheia de manteiga, sal, uma pitada de pimenta do reino, 1 dente de alho bem socado, meia cebola picada fininho, sal e cheiro. Amasse tudo bem e junte miolo de pão — prèviamente posto de môlho n'água ou no leite e bem espremido depois — ou farinha de rosca — suficiente para formar uma bola consistente à qual dê fàcilmente o feitio de um pão de fôrma.

Leve-a então ao forno, tendo o cuidado de untá-la antes com um pouco de manteiga. Quando dourada e cozida, sirva com môlho grosso de tomates.

TOMATES RECHEADOS COM LEGUMES

Escolha uns tomates grandes, redondos e lisos. Corte-os de modo que uma das partes fique bem maior que a outra. Tire-lhes as sementes e um pouco da polpa.

Cozinhe e pique os seguintes legumes: batatas, vagens, cenouras, ervilhas. Leve ao fogo uma colher de manteiga, e uma colherinha de farinha de trigo. Junte uma xícara de leite, rodelas de cebolas e um raminho de cheiro. Deixe ferver um pouco e retire os temperos. Ponha os legumes mexendo com uma colher de pau e com todo o cuidado para não esmigalhá-los. Tire a panela do fogo e acrescente duas gemas já desfeitas. Volte ao fogo mas não deixe ferver. Sacuda a panela de vez em quando para que o recheio fique amarelo por igual. Encha os tomates com êle e cubra-os com a parte menor. Faça um refogado bom, aproveitando a polpa que se tirou do centro; junte um pouco de caldo e engrosse com farinha de trigo. Arrume os tomates numa caçarola, derrame sôbre êles o refogado, polvilhe com queijo ralado e farinha de pão. Regue tudo com manteiga derretida e leve ao fogo baixo para cozinhar.

PIRÃO DE FÍGADO

Rale o fígado a-fim-de obter uma espécie de polpa da qual tenha o cuidado de retirar tôdas as fibras. Procure um bom caldo de carne — refogando umas 100 gr de músculo com tomates, cebola, sal e deixando cozinhar até a carne ficar macia. Junte ao caldo assim obtido a polpa de fígado e mexa continuamente em fogo lento até que a massa fique como um creme.

TORTA DE CAMARÕES

Limpe e descasque meio quilo de camarões. Passe-os na máquina. Faça um bom refogado com azeite doce e azeite de dendê (em partes iguais), cheiro, cebola, sal e tomates. Junte os camarões passados na máquina e deixe até ficar bem sequinho. Ponha então numa fôrma pirex e cubra com 4 ou 5 ovos batidos. Leve ao forno para dourar.



BISCOITINHOS DE AVEIA

Duas xícaras de aveia; uma xícara de açúcar; um ovo; uma colher de manteira derretida; uma pitada de sal.

Misture a aveia, o sal, o açúcar e a manteiga quente (já derretida) e a gema. Bata bem a clara e junte-a ao resto. Obtenha assim uma massa que deve ser espalhada num tabuleiro untado. Ponha no forno. Mais ou menos meio hora depois, já cozida e tostada, retire-a do forno e corte-a em losangos ou quadrados antes de esfriar. Êsses biscoitinhos são muito nutritivos.

BÔLO DE LARANJA

Dois ovos; duas xícaras de açúcar; duas xícaras de farinha de trigo; 1 colher de caldo de laranja; uma colher de fermento.

Bata as claras em neve. Junte as gemas, batendo sem parar. Adicione o açúcar aos poucos, sem deixar de bater.

À parte, peneire a farinha e o fermento. Junte-o à massa. Ponha-a em fôrma bem untada e forno regular. Retire da fôrma ainda quente e fure todo o bôlo com um palito. Despeje por cima dêle uma xícara de caldo de laranja com bastante açúcar, mas, à proporção que o bôlo fôr se embebendo de caldo, vá acrescentando mais açúcar ao caldo até que êste fique com uma espécie de glace fria sôbre o bôlo.

PARA EVITAR A MONOTONIA DAS REFEIÇÕES

Varie a primeira refeição substituindo o ovo por qualquer um dos seguintes equivalentes:

1 salchicha grande ou 2 pequenas; 8 gr de peixe sêco; 12 gr de margarina; 60 gr de arenques com vinagre; 30 gr de queijo; 60 gr de rins; 30 gr de bacon tostado; 60 gr de ervilhas.

Substitua as 60 gr de carne magra do almôço por qualquer um dos seguintes equivalentes:

40 gr de queijo; 60 gr de carneiro magro ou de vitela, presunto, fígado de galinha; 60 gr de salmão, arenque ou sardinha em conserva (mas sem o azeite); 1 salchicha grande ou 2 pequenas; 30 gr de carne fria; 115 gr de peixe. Outros legumes permitidos: cenouras, cebolas e nabos.

Ao jantar, para variar, substitua as 115 gr de peixe magro por:

115 gr de tripas; 115 gr de "ris de veau"; 40 gr de carne; 30 gr de queijo; 85 gr de arenque defumado; 40 gr de fígado; 1 salchicha grande ou 2 pequenas; 30 gr de carne fria, respectivamente.

PUDIN DE CÔCO

Eis um dos mais econômicos dos pudins de côco que até hoje fizemos:

1 côco ralado; 4 gemas; 1 colher de sopa de manteiga; 3 xícaras de açúcar.

Misture o açúcar com a manteiga. Junte as gemas, batidas separadamente, e, por último, o côco ralado. Mexa tudo muito bem e leve ao forno, mas em banho-maria. (Não se esqueça de usa água quente para o banho-maria). Unte a fôrma com bastante manteiga e só o retire quando completamente frio, a-fim-de que não se abra todo.

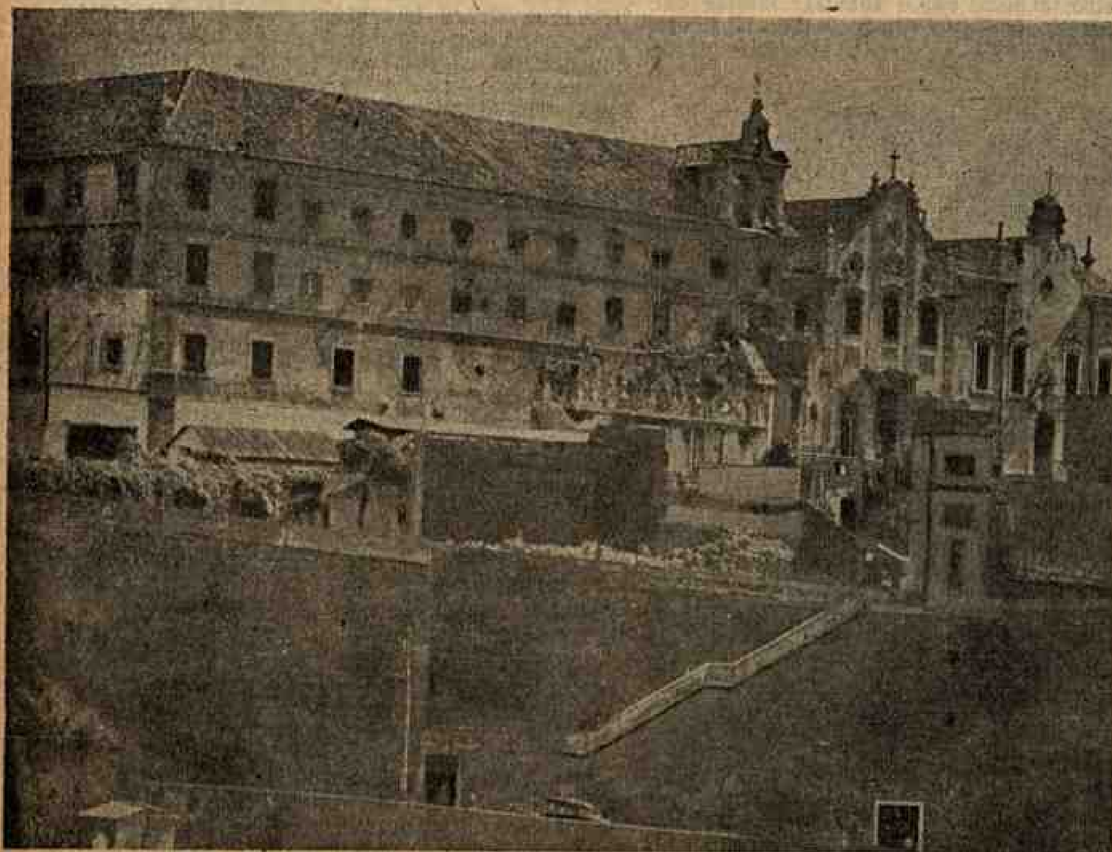


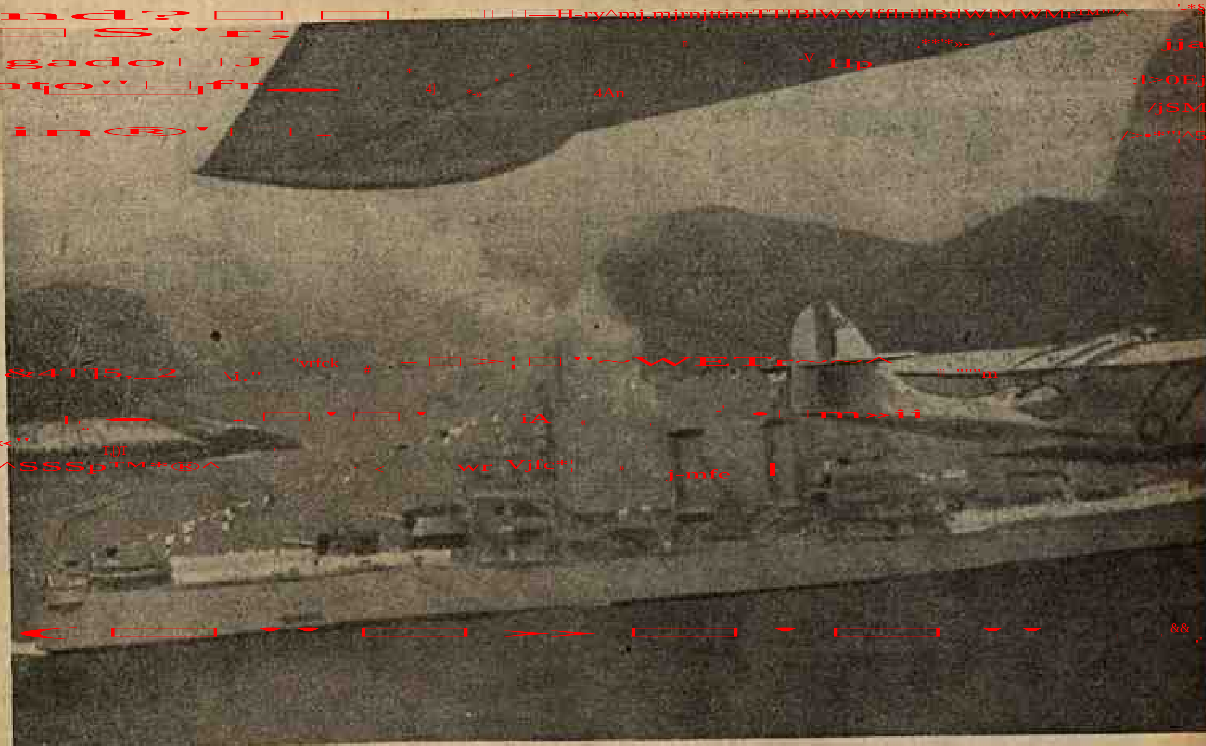
O SUCESSO DE "O RETRATO" — Em nosso país onde o sucesso literário corresponde à venda de edições aí por cêrca de dois mil exemplares, é digno de registro o inusitado sucesso alcançado pelo romance de Erico Verissimo, "O Retrato". Num só dia, na Livraria do Globo, em Pôrto Alegre, vendeu-se acima de mil exemplares, assinalando o recórde nacional de venda de romance.

●

***CYRANO DE BERGERAC** — José Ferrer foi o primeiro ator latino a conquistar o troféu da Academia de Arte e Ciências Cinematográficas, nos Estados Unidos. Ferrer é portorriquenho, e obteve o ambicionado "Oscar" pelo seu brilhante desempenho no papel de Cyrano e Roxane, isto é, José Ferrer e Mala Powers, sua co-estrêla, nesse filme da United Artists.*

***O CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO** — O convento dêsse santo casamenteiro, sob cujo bastão milagroso êste ano, só num dia de dezembro, casaram-se, no Rio, mais de seiscentas pessoas, foi concluído no início de 1615 e a primeira missa rezada no dia 8 de fevereiro de 1617. Seu tamanho e grandiosidade, como se vê na foto, fazem-no um dos monumentos mais veneráveis da cidade.*







***E OS CÉUS DO BRASIL SE DESPOVOARAM** — Sem entrar no mérito ou nas razões da greve que paralizou tôda a aviação nacional, queremos registrar apenas as consequências lamentáveis como o sacrifício diário de mais de seis mil passageiros, das várias toneladas de correspondência retidas e os reflexos sôbre a economia nacional com aspectos tristes no abastecimento das grandes cidades. Na foto um dos últimos aviões a pousar no aeropôrto Santos Dumont e um grupo de grevistas.*

***A CHEGADA DO CRUZADOR BARROSO** — A Marinha de Guerra tem motivos de sentir-se orgulhosa pelo seu novo vaso de guerra de combate, com seus 185,04 de comprimento por 21 metros e 172 milímetros de bôca e capaz de desenvolver uma velocidade de 30 nós. Barco moderníssimo, pôsto à prova durante a última guerra, recebeu o apelido de "O Fantasma de Sorte". Na foto o "Barroso" quando transpunha a Baía de Guanabara.*

●

A DENTADURA FOI A CULPADA — Na formação do processo policial contra a sra. Iolanda Bustamante, a última no rol das mulheres que assassinam os maridos, faz-se menção a um complexo de inferioridade da criminosa já que a mesma tinha dentadura postiça enquanto o pobre marido a possuia natural...

●

"OS CONTOS DE HOFFMANN" — Em "avant-première" na tela do S. Luiz foi apresentado ao público carioca um dos filmes premiados no Festival Cinematográfico de Cannes. "Os Contos de Hoffmann" é um filme realmente belíssimo e sua qualidade artística quer pelo poder plástico, quer pelos encantadores bailados, merece os maiores louvores.

●

OITO CONTRA UM — De Belo Horizonte chegou-nos a notícia curiosa. No curso de filosofia, da Faculdade de Filosofia da Universidade Mineira encontra-se matriculado um único aluno, para o qual existem nada menos do que oito professôres. Que osso para cola, senhores...

Meias

Pedestal da Beleza Feminina

...de onde se levanta a plástica maravilhosa de suas formas, traduzindo no mistério das malhas flexíveis, o encanto perturbador do eterno feminino!

As CASAS OLGA, a maior organização especializada em meias do Brasil, possuem o melhor para a elegância feminina, em variedade, beleza, durabilidade e preço.



Ouçam aos sábados, das 14 às 14,30, na Rádio Mayrink Veiga, o programa "Campanha da Boa Vontade"

casas olga

a tradição do comércio de meias

Rua do Ouvidor, 122
Rua 7 de Setembro, 133
Av. Rio Branco, 119
Rua Uruguaiana, 20 e 22

Vogo Publicidade

modas de FON-FON

Segredos...



JÉRSEI, quer o de sêda quer o de lã, conheceu, êste ano, um sucesso sem precedentes em Paris, o centro internacional da moda. A alta costura deu-lhe uma posição de honra e as lojas de "frivolités", tão familiares às parisienses, o expuseram em grande destaque. O jérsei se impunha para tôdas as horas, para todos os lugares e para tôdas as mulheres. A popularidade dêste tecido se compreende fàcilmente se levarmos em conta as duas matérias primas que presidem a sua fabricação: a lã, que lhe empresta maciez, consistência e flexibilidade e a sêda, que lhe dá riqueza, queda impecável e fluidez.

Irmãos de origem, os jérseis de lã e de sêda apresentam diferenças primordiais que permitem distinguir:

I. O estilo "tailleur", simples e severo, que impõe sua linha.

II. O estilo "flou" que, gozando de flexibilidade, ressalta o valor do corte.

III. O estilo "drapé", finalmente, que reencontra os movimentos harmoniosos das túnicas antigas.

Vestido de noite em seda com bolas brancas, corpete guarnecido de alças e duma fita larga branca. Estola do mesmo tecido forrada de branco. — Manequim 46 — Moldes de 5 a 9, no Suplemento anexo.





Um modêlo de Tina Lesser. Saia-calça em setineta estampada e blusa branca. — Moldes no Supleemnto de 20 a 15 — Manequim 42.

Pela sua concepção moderna e diversidade, o jérsei se encontra em tôdas as metragens (100, 120, 140, 160, 180 cm de largura), inclusive o famoso "tabulaire", isto é, não cortado e com dois metros de largura.

Interrogada sôbre o seu ponto de vista a respeito dêste tecido, Jeanne Lafaurie disse: "Gosto muito do jérsei, com êle me entendo bem, porque "responde" às minhas mãos. Trabalho ùnicamente em grandes metragens, que permitem blusas quase sem costuras. Que o jérsei seja de lã ou de sêda, sua docilidade natural me permite efeitos inesperados, que são um dos temas de minha coleção: panos frouxamente destacados em echarpe, decotes "mistério" abrindo-se bruscamente nas costas, em oposição ao decote alto na frente."

Por sua vez, Carven, que vendeu quase trinta e cinco vêzes o vestido "Akela" em jérsei de lã cinza escuro, disse as seguintes palavras: "Akela é um modêlo jovem por excelência, no qual pretendi colocar em paralelo a flexibilidade do tecido e a linha ligeiramente fugidia do vestido. Um conselho: evite as saias muito lisas e justas. Que é que eu aprecio no jérsei? Suas possibilidades, que variam ao infinito! Do pequeno costume "cliente" ao grande vestido de gala, que faz época em nossa vida."

E concluindo suas palavras, Carven, num gesto de estatuário, esboça com um jérsei "dégradé" (última novidade), um drapeado de godês majestosos.

G.B.



1 CARMEM THEREZINHA MARTINS — (Campo Grande) — Vestido em seda "pied-de-poule", prega trespassada na blusa, que se prolonga pelo abotoamento da saia. Debruns, branco e preto, na gola e nos punhos.

3 CLÊLIA DE ANDRADE — (Pôrto Alegre) — Costume de linho, com trespasse lateral e bolsos aplicados.

2 DELMA BENÉVOLO — (Recife — Pe) — Vestido de shantung, cujas palas formam as abas dos bolsos, abaixo dos quais, descem panos plissados.

4 CAROLINA ISLER — (Niterói) — Muito discreto, êste modêlo possue um recorte abotoado, de cujas pontas se abrem duas pregas. As mangas podem ser curtas ou três-quartos.



1 ANNA AMÉLIA C. M. FRANÇA — (Niterói) — Vestido reto, em rayon quadriculado, prêso na cintura por um largo cinto de camurça.

2 ROSINA ALVES — (D.F.) — Modêlo em tafetá, corpo longo, formado de panos que se abrem numa saia bem larga.

3 MARIA CELESTE — (Getulândia) — Em seda verde-claro, êste vestido tem uma saia justa, sôbre a qual se usa uma sôbressaia pregueada, que deixa ver um bôlso aplicado. Blusa-quimono abotoada.

4 HERMÍNIA R. SALVADOR — (Jacareí) — Para linho, êste modêlo apresenta uma grande gola pontuda e duas fileiras de botões. Bolsos embutidos na saia.

1 CONSUELO DE CASTRO FERREIRA — (São Paulo) — Costume de linho azul-marinho, guarnecido de linho branco em efeito de colete. Mangas três-quartos, debruadas de branco

2 ALBA — (Santa Vitória) — Para a amostra que vos enviou, desenhamos êste modêlo frente-única, com uma grande gola. Saia-envelope com um bôlso-colete. Acompanha um pequeno bolero.

3 AMÉLIA SILVA — (DF) — Vestido-esporte em praiana, guarnecido de recortes, de botões e de uma parte incrustada na saia.



A ESPERA DA CEGONHA...

1 REGINA ROCHA — (DF) — Casaco de fustão branco "casa-de-abelha", forrado em shantung verde com bolas brancas, bolsos aplicados em níveis diferentes. Saia reta, cortada com o indispensável trapézio.

2 EBER MARIA ADRIANO — (DF) Vestido em seda ou algodão, próprio para a gravidês, porque possue duas pregas, que descem dos ombros, completamente soltas e que podem ser reguladas à vontade, deixando ver a parte interna da saia, que é pregueada.



3 M. APARECIDA VIEIRA — (J. de Fora — Minas) — Casaco estilo japonês, em linho amarelo, guarnecido de preto. Abotoado na frente, é próprio para o verão.

4 MARIA MAGALHÃES — (Recife — Pe.) — Vestido de gravidês em seda preta ou azul-marinho. A frente é formada por um grande pano franzido, que desce da blusa, completamente livre, para poder se adaptar a qualquer circunferência da cintura. Acompanha um "manteau" de tafetá da mesma côr, forrado de tafetá cinza-prateado.



1 *NATALINA B. DE SANTA ROSA* — (D.F.) — *O trespasse dêste vestido de seda pesada é rebatido e abotoado sôbre si mesmo, formando uma prega. Bordados de pedras e vidrilhos sublinham as mangas.*

2 *AURORA S. TELES* — (S. Paulo) — *Vestido em seda branca com "pois" vermelhos, de cujo amplo decote desce uma longa "écharpe" de tafetá vermelho, que cai em duas pontas sôltas.*

3 *FILOMENA CARDOSO DE OLIVEIRA* — (Sorocaba — S.P.) — *Vestido em cetim de seda azul com largo decote trespassado e abotoado. Saia ampla, em panos abotoados na parte inferior.*

BLUSAS DE *verão*



1 *Babadinhos franzidos de bordado inglês adornam esta blusa de verão em shantung, prêsa por elásticos.*

2 *Blusa de linho, trespassada, com botões assimètricamente dispostos*

3 *Blusa de praia em piquê branco, guarnecida de renda de algodão e prêsa por elástico no decote amplo e na barra inferior.*

4 *Bem decotada, esta blusa de shantung está guarnecida de sianinhas e botões pretos.*







1 *HERMINIA R. SALVADOR* — (Jacareí) — *Gracioso modêlo de R. Piguet: blusa de renda grossa, ornada de uma rosa amarela, e grande saia godê em tafetá.*

2 *LINA SOUZA CUNHA* — (Uberlândia) — *Este vestido belíssimo de Jacques Fath, em organdi de algodão branco, se abre em vastas pétalas, orladas de renda "guipure", que também sublinha o busto.*

3 *CARMEM THEREZINHA MARTINS* — (Campo Grande) — *Também de Jacques Fath, êste modêlo pode ser executado em seda encorpada, levando um peitilho, guarnecido de uma gravatinha preta. Saia plissada.*



1 *MARIA DE LOURDES SCALON* — *(Sacramento)* — *Vestido em jérsei de seda, com drapeados que se entrelaçam e caem lateralmente num pano sôlto.*

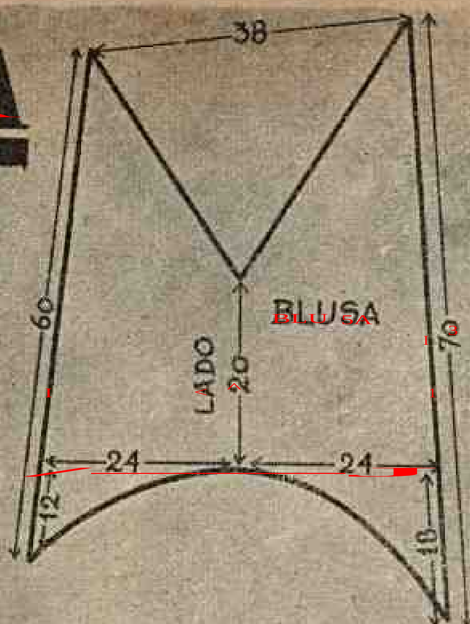
2 *CONSUELO DE CASTRO FERREIRA* — *(S. Paulo)* — *Vestido de "laise" branca, guarnecido de viézes de organdi branco. Saia bem farta, também guarnecida por viézes de organdi que aumentam progressivamente de largura.*

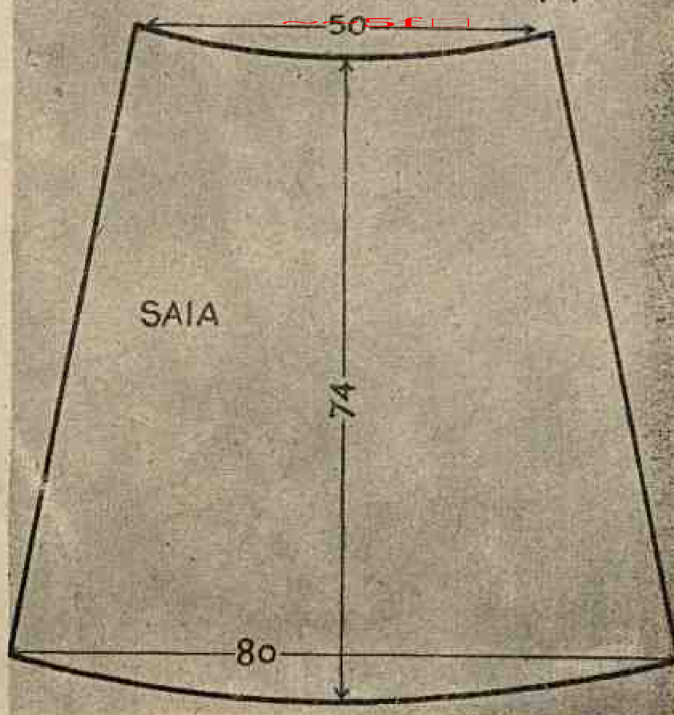
DETALHES DE COSTURA

VESTIDO DE VERÃO

Muito fácil de ser executado — pela ausência de pences, de casas de botão — êste modêlo só requer duas a seis horas de trabalho e quatro metros de uma fazenda de 80 cm de largura. A blusa muito decotada é cruzada e dá um nó sôbre os ombros. A saia é franzida na cintura.

1.º) A BLUSA — Cortar duas vêzes o molde da blusa, deixando mais 2 cm para as costuras. Colocar e costurar um contraforte no contôrno de cada peça, salvo na linha da cintura. Fazer uma fenda na cintura, do lado esquerdo, cêrca de 12 cm onde será colocado o fecho-eclair. No momento da prova, fechar a fenda com alfinetes. Experimentar a blusa, fixando a cintura por meio de alfinetes espetados







lateralmente em cada extremidade do cruzamento. Depois de posta a cintura em seu lugar, dar o nó nas pontas das espáduas. Pregar com alfinetes as duas espessuras do cruzamento para que não fique frouxo. Indicar a linha da cintura. Retirar os alfinetes da fenda a fim de abrir a blusa após a prova. Alinhavar a parte forrada do cruzamento da frente e das costas e costurar o direito com o avêsso em pontos corridos invisíveis.

2.º) A SAIA — Cortar três vêzes o molde da saia. Alinhavar e costurar os três panos. Passar duas linhas de franzido na cintura. Montar a saia na blusa, alinhavar e costurar. Colocar um fecho-eclair no lado da blusa e da saia. Chulear as costuras da saia, acertar o arredondado da barra e fazer a bainha. Depois chulear tôdas as demais costuras internas.

Metodo Fon Fon de Corte e Costura

LIÇÃO VI

Etapas da confecção de um vestido

Para que o resultado da confecção de um vestido seja satisfatório, é necessário que, antes do início das costuras, sejam observadas algumas regras, que favorecem e simplificam o trabalho. Tais regras se resumem em seis etapas, assim distribuídas:

a) Escôlha do modêlo desejado.
b) Escôlha da fazenda.
c) Preparo da fazenda.
d) Tomada das medidas e corte dos moldes, em papel.
e) Passagem dos moldes de papel para o tecido.
f) Início das costuras.

a) Antes de tudo, quando se resolve fazer um vestido, deve-se escolher o modêlo. É muito comum, ou melhor, é quase regra geral, que se compre a fazenda em primeiro lugar e depois se escôlha o vestido. É um êrro, um êrro que não é grave nem irremediável, mas que deve ser evitado a-fim-de poupar muita dôr de cabeça na escôlha de um modêlo que se adapte ao tipo da fazenda e à metragem comprada. É muito mais fácil conseguir o tecido adequado a um modêlo prèviamente escolhido do que encontrar um modêlo que se ajuste a uma fazenda já adquirida. Tome portanto, o nosso conselho, querida leitora, escolhendo, antes de tudo, o modêlo de vestido que lhe agrada, de acôrdo, naturalmente, com a sua silhueta física. Se você é gorda, deve preferir os vestidos simples e elegantes, de linhas verticais, que alongam a silhueta, evitando ao mesmo tempo, os franzidos e drapeado exagerados. Se você é magra, deve, pelo contrário, escolher os modelos abundantes de panos, franzidos e drapeados, saias largas e golas altas. Se é baixa, deve fugir das saias excessivamente rodadas e dos vestidos muito rebuscados e se é alta, deve preferir os modelos de linhas horizontais e assimétricas, evitando as linhas verticais.

b) Uma vez escolhido o modêlo, passa-se à escôlha da fazenda, que deve ser adequada, não só ao modêlo, como também ao tipo físico da mulher. Quando esta é baixa e relativamente gorda para a sua estatura, deve evitar, de tôdas as maneiras, os tecidos de grandes estamparias ou os tecidos muito duros, com os quais pareceriam ainda mais gordas. Da mesma forma, as mulheres muito altas também devem evitá-los, porque pareceriam ainda maiores do que são na realidade. Mulheres dêstes dois tipos devem dar preferência aos estampados de pequenos motivos, às fazendas de "pois", de pastilhas ou de listras estreitas. Por outro lado, as mulheres muito magras para a sua estatura podem usar sem mêdo as grandes estamparias e as fazendas duras, porque parecerão menos magras. As côres também desempenham um papel importante, pois, como se sabe, as côres escuras e sóbrias emagrecem e alongam a silhueta, ao passo que o branco e as côres claras ou vivas engordam.

c) Depois de comprada a fazenda, é necessário prepará-la para o corte, assunto êste que serviu de objeto à nossa segunda lição.

d) Como no caso anterior, a tomada das medidas já foi explicada na primeira lição do nosso método. Quanto ao corte dos moldes em papel, êste vai ser o objetivo de todo êste curso de corte e costura.



e) Há costureiras que cortam dirètamente o tecido, armando o vestido, muitas vêzes, no próprio corpo da cliente ou no manequim. Mas êste processo é perigoso, exigindo extrema segurança da costureira. Sua única vantagem é a de poupar tempo. As principiantes não devem fazer isso porque se arriscam a perder uma boa parte da fazenda, se cometerem algum êrro. É aconselhável que, em tôdas as ocasiões, cortem o molde primeiramente em papel, transpondo-o em seguida, para o tecido, processo êste que requer alguns cuidados. Em primeiro lugar, as medidas devem ter sido tomadas com atenção e a metragem total cuidadosamente estabelecida, pois há um axioma que diz: "meça mil vêzes, mas corte uma só vez". Os moldes devem ser todos cortados na medida exata, acrescentando-se três centímetros para as costuras, no momento em que se vai cortá-los na fazenda.

Quando se tratar de tecido estampado, não se deve esquecer que êle requer maior quantidade, pois, quando um desenho vai numa direção, as

(Conclui na página 31)

DEPARTAMENTO DE MODAS DE "FON-FON"

Recebemos de várias leitoras, sugestões, apreciações e também votos de Boas-Festas de muitas outras. Acusando o recebimento desta correspondência, a qual muito agradecemos, damos sua relação abaixo:

Dra. Aurora P. Artese (S.P.); Adelaide Fontoura (S.P.); Vilma Freddi (São Paulo, SP); Cidália Chiaradio (Cruzeiro, S.P.); Aurea Freitas Pereira (Pesqueira, Pe.); Aurélia Reis Kumbartzki (R.G.S.); Benigna Almeida (D.F.); Ivone Valente (D.F.); Almerinda Vargas de Amorim (D.F.); Ilnat I. Monteiro (D.F.); Ita Montezi (D.F.); Léa Medeiros (D.F.).

* * *

Damos em nosso poder as cartas de muitas leitoras gentis que nos enviam sugestões, cumprimentos e palavras de estímulo. A tôdas ficamos muito agradecidos e esperamos continuar merecendo a honrosa preferência. São as seguintes as leitoras que nos escreveram:

Emília M. Coutinho, (D.F.); Angela de Trina, (Minas Gerais); Adorama Neves de Araújo, (Minas Gerais); Irene D. da Silveira, (D.F.); Maria de Lourdes, (Curitiba); Maria Moreira Oliveira, (Minas Gerais;) Hilda Moreira, (D.F.); Lourdes Banadaz, (D.F.); Maria Capello, (São Paulo); Laura Castelo Branco, (Pará); Ilka da Fonseca, (D.F.); Alice Teresa, (D.F.); Helena Borakowsk, (D.F.); Julieta Assunção, (D.F.; Dalva Maria, (D.F.); Marita Guimarães, (D.F.); Teresa Souza, (D.F.); Mme. Marques, (D.F.); Gisela, (RG.S.); Carolina Canotilho, (S.P.); Itala Pimenta Soledade, (Estado do Rio); Noêmia Branco Neves, (D.F.); e Maria Barcelos, (D.F.).

* * *

Em virtude do grande acúmulo de pedidos de modelos especiais, a maioria destinada às festas de fim-de-ano, não nos foi possível desenhar e publicar grande parte das solicitações das leitoras de FON-FON. Lamentamos sinceramente que tal tenha acontecido, mas de nada adiantaria publicarmos modelos depois de passada a ocasião oportuna. Damos, abaixo, a lista das leitoras que não puderam ser atendidas e as quais pedimos sinceras desculpas:

Denise Pignataro, Ouro Preto; Lea Diniz, D.F.; Maria Gomes Crespo, Campos; Norma Ferreira Baêta, São Paulo; Virgínia Diniz D.F.; Maria H. de Faria, Guaratinguetá; Augusta Marinho, São Paulo; Marina, Cruzeiro; Ruth Marques, C. do Sul; Maria Estella Monteiro, D.F.; Olgarina Alves de Sá, D.F.; Fernanda Queiroz, D.F.; M. Machado, São Paulo; Adriana, D.F.; Helena Soares, D.F.; Nelly de Souza Pinto, D.F.; Ercilia, (?); Maria de Lourdes Castro, D.F.; Jaudéte Norma Trevisan, Jataizinho; Mariza, Paranaguá; Jacy Martins, D.F.; Tereza Ellen Sobral, D.F.; Geysa Pinto Teixeira, D.F.; Antônia Martins, D.F.; Marlene Silva, D.F.; Maria Aparecida Gonçalves Leinig, Curitiba; Ilza Oliveira, Recife.

NOVO MÉTODO DE COSTURA "FON-FON"

Chamamos a atenção de nossas leitoras para o novo método de costura que está sendo lançado por FON-FON, método êsse de autoria de D. Eloina A. de Araújo, e revisão artística de Gil Brandão. A finalidade do novo Departamento de Modas de FON-FON, ao lançar êste novo e prático método de costura, é habilitar tôdas as suas gentis leitoras a-fim-de que possam confeccionar seus próprios vestidos, ou quaisquer outras costuras que desejarem.

NOTA — Muitas de nossas leitoras têem reclamado o fato de não receberem os moldes gratis, apesar de terem enviado o coupon correspondente. Quando isso acontece, geralmente se trata de coupons preenchidos incorretamente. Na realidade, é bem grande o número de leitoras que não completam os seus coupons ou que os preenchem de maneira inadequada. Por esta razão, vamos tornar bem claro aqui, que o coupon de molde gratis só dá direito aos modelos publicados no FON-FON, cuja data está impressa no canto superior-direito do coupon. Além disso é imprescindível que a leitora escreva o número do modêlo e da página correspondente, bem como tôdas as medidas. Da mesma forma, é preciso também chamar a atenção das leitoras, que nos enviam coupons, pedindo modelos de calças, "shorts", etc., cujos desenhos nunca foram publicados, que só atendemos aos pedidos de modelos que aparecem em nossas páginas, ou em páginas de outras revistas, mediante o pagamento da quantia de 15 cruzeiros. A seguir publicamos a lista das leitoras que não preencheram corretamente os seus coupons.

* * *

Vitalina Fagundes Melléu, Pôrto Alegre; Maria Alves da Cruz, D.F.; Alzira Freitas, D.F.; Diva Canuta Furtado, M.G.; Lizette Lofeudo, D.F.; Sebastiana Beze, M.G.; Maria Conceição Monteiro, M.G.; Teresinha de Jesus Cheals, M.G.; Kitty Ketzenslinn, D.F.; Eugênia M. Lopes, D.F.; Elisabeth F. L. Domingues, D.F.; Célia Maria, D.F.; L. M. Fontoura, Ceará; Emy Truppel, Santa Catarina; Natalicia Fantato, M.G.; Palmyra Souza Lima, D.F.; Ema Júdica César, São Paulo; Rita Barbosa Fernandes, D.F.; Maria da Conceição Báez, D.F.; Hermínia de Arruda Camargo, São Paulo; Thereza Ciafrone, Rio de Janeiro; Maria José Dias Marques, D.F.; Nice Gonçalves, São Paulo; Maria Cecília Pereira, Minas Gerais; Capitulina Pinheiro da Silva, D.F.; Dulce Pereira Gomes, Estado do Rio; Hilda Caplovilla Castro, São Paulo; Luzia Olga Pagliusi, São Paulo; Maria Hiroko, São Paulo; Amélia Augusta Al-Paulo; Neusa Caetano, D.F.; Nice Roves, São Paulo; Josina Camargo, São cha Pitta, D.F.; Davina Soter Nunes, São Paulo; Pedrita Coutinho, D.F.; Eunice Duarte, D.F.; Maria Oliveira e Silva, D.F.; Francis B. Scavarva, D.F.; Nair Dulce de Vasconcelos, Bahia; Maria Gomes, São Paulo; Isaura Marques Chidid, D.F.; Iracema M. Ruiz, Santa Catarina; Adelia Bezerra Casado, D.F.; Diva Castilho, D.F.; Laura Lourenço, São Paulo; Lizette Luz, Santa Catarina; Elza M. Luna, D.F.; Alcy Vieira Feres, D.F.; Paulina Andrade, Rio Grande do Sul; Nelly Curry Carneiro, Espírito Santo; Célia Lopes, D.F.; Carol Cansino, D.F.; Letícia de Almeida Carvalho, Minas Gerais; Paschoa Avelar, D.F.; Rute Emília Souza e Silva, Minas Gerais; Carolina Alves Iracema, D.F.; Emília Malheiros, Rio Grande do Sul; Lidia Krewin, São Paulo; Adélia Cambraia, Minas Gerais; Cordélia Falaz, São Paulo; Dulce de Almeida, Estado do Rio; Myriam B. Wolff, Estado do Rio; Neusa Oliveira Senna, D.F.; Telma R. Martins, D.F.; Laura Borges Coelho, Estado do Rio; Dorothea App, S. Loureiro, São Paulo; Anita Soares, Estado do Rio; Lourdes Pacheco, D.F.; Nilza Simas, D.F.; Creusa Sant'Anna, Pernambuco; Maria da Conceição Mendonça, Minas Gerais; Elisa Pôrto, D.F.; Carmelina Alves Braga, São Paulo; Maria Amalia Azzi Sachs, São Paulo; Isaltina Mendonça Meirelle, São Paulo; Leila Santos, D.F.; Acy Lopes Diana, Santa Catarina.

UM MODÊLO ESPECIALMENTE DESENHADO PARA VOCÊ!

Sob a orientação do "Departamento de Modas de FON-FON", Gil Brandão desenhará, exclusivamente para o seu tipo, um lindo modêlo, que será publicado nas páginas de FON-FON. Para candidatar-se a essa verdadeiramente sensacional oferta de FON-FON basta enviar-nos uma carta "descrevendo o seu tipo — altura, pêso, côr dos cabelos e da pele — informando-nos sôbre a idade, as medidas exatas (coupon na página ao lado) e a finalidade do vestido: noiva, esporte, baile, etc.".

ATENÇÃO:

O departamento de Modas de FON-FON está aparelhado para, doravante, aceitar encomendas de moldes de quaisquer modelos publicados em revistas ou figurinos nacionais ou estrangeiros, ao prêço de Cr$ 15,00.

FON-FON procura, dêste modo, atender, ainda mais amplamente, suas leitoras, bastando, pois, enviar o modêlo escolhido, com o número de seu manequim e quaisquer outros detalhes que julgar necessários, juntamente com a importância de quinze cruzeiros (que pode ser em selos de Cr$ 0,40) anexa, para um dos seguintes endereços: — Rua Pedro Alves, 60, ou Rua da Assembléia, 79 — loja — "A Tulipa".

— :: —

OS MOLDES DOS FIGURINOS PUBLICADOS POR "FON-FON" CONTINUAM A SER OFERECIDOS GRATUITAMENTE, BASTANDO, PARA ISSO, ENVIAR O COUPON PUBLICADO NA PAGINA AO LADO.

MÉTODO "FON-FON" DE CORTE E COSTURA

(Conclusão)

bordas superiores de tôdas as peças do molde vem ir na mesma direção. Suponhamos uma fazenda estampada com chapéus mexicanos. Se a primeira peça do molde, digamos a blusa por exemplo, fôr cortada de maneira que a copa dos chapéus fique voltada paar cima e a aba para baixo, tôdas as demais partes do molde devem ser cortdas de modo que a copa fique voltada para a borda superior da peça e a aba para a inferior. Cortando-se a fazenda como acaba de ser dito, todos os desenhos ficarão dirigidos para a mesma direção, dando ao vestido, depois de pronto, um aspecto harmonioso. Da mesma forma, fazendas listradas ou de axadrezado escocês devem ser cortadas com muita atenção, a-fim-de que haja rigorosa coincidência das listras e do xadrez, ao nivel das costuras. Êste ponto é de grande importância porque, se não há essa coincidência, a costura toma o aspecto de descuido, prejudicando a elegância do vestido. Há ainda fazendas felpudas, cujas felpas seguem uma única direção, que pode ser determinada escovando-se levemente essas felpas. Neste caso, tôdas as peças do molde devem ser dispostas no mesmo sentido.

Depois de tomadas estas precauções, a que acabamos de nos referir, começa-se então a prender os moldes na fazenda, que deve estar — repetimos — lisa, passada a ferro e livre de quaisquer dobras ou rugas. Ao prender-se os moldes na fazenda, deve-se antes, estudar com bastante cuidado a sua disposição, a-fim-de economizar o máximo de tecido. Para prendê-lo, usa-se alfinetes finos e inoxidáveis em abundância. Depois de cortar os moldes no tecido, com a margem de 3 cm para as costuras, é necessário marcar as dimensões exatas de cada peça. Para isso, antes de desprender a fazenda já cortada, dos respectivos moldes, faça-se pelo contôrno do molde, um alinhavo frouxo, ou qualquer outra marcação. Quando as peças, dianteira e traseira, são cortadas com a fazenda dobrada, marque-se os centros antes de tirar o molde. É conveniente também marcar tôdas as perfurações que indicam costuras, pences, pregas, bolsos e casas. Em fazendas lisas, de tecido resistente, as marcações podem ser feitas com a carretilha. Outro método de marcação é o que se obtém com a linha gessada. Faça-se um alinhavo de pontos bem espaçados, com linha pela qual se passou giz de côr diferente da do tecido. Cosa-se o molde junto com o tecido, ao longo da linha que se deseja marcar. Depois, puxe-se o fio de alinhavar e desprenda-se o molde da fazenda. Retirado o fio, ficarão no tecido os pequenos traços de giz.

f) Depois de tudo isso feito, os moldes já cortados na fazenda, é que se principiará a costurar, assunto êsse que será objeto de futuras lições.

Esses conselhos que, à primeira vista, parecem complicados, são bem fáceis de serem seguidos, e, depois de algum tempo, se tornam praticamente automáticos.

Na próxima semana, trataremos de certas características dos tecidos e como manejá-las no ato da costura.

NÚMEROS ATRASADOS DE "FON-FON"

PODEM SER ADQUIRIDOS À AV. 13 DE MAIO, 13 — 16.° — salas 1061 a 1604 — ACADEMIAS "TOUTEMODE", E À RUA PEDRO ALVES, 60.

Um Molde Gratis Para Você!

FON-FON se propõe a enviar-lhe gratuitamente, o seu molde individual.

* * *

A pessoa interessada deverá encher cuidadosamente o coupon, com as medidas tomadas de acôrdo com as explicações ao lado.

* * *

O coupon publicado nesta página vale por um molde de qualquer dos modelos estampados neste número de FON-FON.

* * *

Poderá o coupon ser entregue pessoalmente, ou enviado pelo correio, para os seguintes endereços: — MOLDES FON-FON, rua Pedro Alves, 60, ou à Rua Assembléia, 79, loja, A TULIPA — Rio de Janeiro.

Atendemos pedidos de qualquer Estado do Brasil.

COMO DEVEM SER TOMADAS AS MEDIDAS

FIG. 1

1.° — ombro

2.° — comprimento da blusa

3.° — largura do busto (circunferência)

3.° — largura da cintura (circunferência)

5.° — largura do quadril (circunferência)

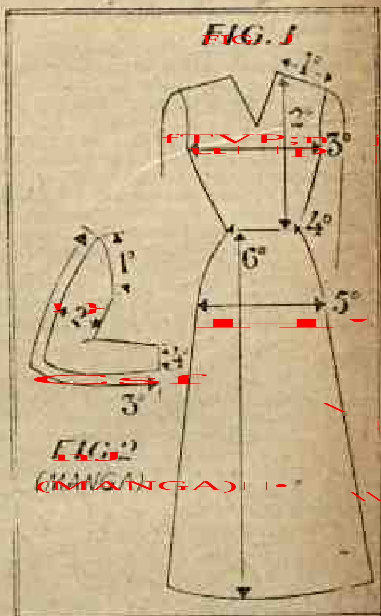
FIG. 2

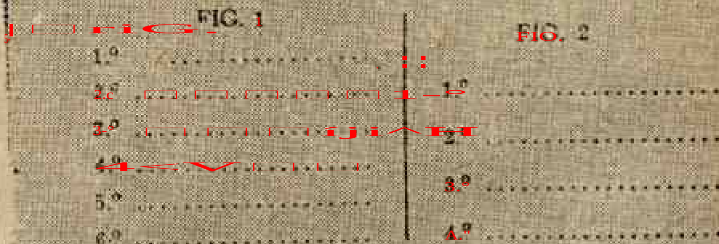
1.° — circunferência da cava

2.° — largura da manga

3.° — comprimento da manga (braço dobrado)

4.° — largura do punho.





UM MOLDE GRATIS PARA VOCÊ — (29-12-1951)

QUEIRA REMETER-ME, COM BREVIDADE, O MOLDE DO MODÊLO N.° ....

DA PÁGINA .... DE ACÔRDO COM AS SEGUINTES MEDIDAS:

FIG. 1	FIG. 2
1.°	
2.°	1.° ....
3.°	2.° ....
4.°	3.° ....
5.°	4.° ....
6.°	

NOME: ....

RUA: ....

.... N.° ....

CIDADE: ....

ESTADO: ....

DEUS QUE ME PERDÔE...

RITA MARIA DA SILVA BRESSAN*

Já deve ter acontecido com você, leitor, distrair-se do Santo Ofício na Missa domingueira e deixar seu espírito voar, em pensamentos completamente alheios à igreja.

Sim, posso até jurar que você já se desviou das rezas por mais de uma vez, quando, na igreja, o seu olhar, de relance, encontrou um motivo para você se distrair. Foi um relance do olhar, mas... foi causa para u'a missa quase inteira distraída, não foi?

Você, mocinha que me lê, está lembrada daquêle domingo em que "namorou" o vestido da outra que estava ao seu lado? Durante tôda a missa sua preocupação foi decorar o feitio para fazer um igual! Você, de têrço nas mãos, ia rezando as Ave-Marias que lhe saíam automàticamente dos lábios, mas nunca do coração!

E você, leitor amigo, que só vai à igreja para agradar a sua noiva e durante tôda a missa não reza, fita o teto da igreja, olha os vitrais coloridos das janelas, repara no mosáico do ladrilho, nota quem entra e só se ajoelha no momento da Elevação, baixando a cabeça, não tanto por respeito sincero ao cálice que se eleva, mas para imitar os outros?

Pois é, todos nós pecamos!

Também sou humana e confesso que já me surpreendi por várias vêzes distraída durante a Missa. Missa das dez, então, a "missa chique", como a chamam, é notável para tirar a atenção da gente!

Deus que me perdôe! mas é um desfilar de modas que a gente não resiste e tem mesmo que se distrair. Quando se tem um vestido novo, dá sorte estreá-lo na missa e é sempre na das dez que se vai. Sim, porque até seria um "pecado" usar um vestido bonito, novinho, na missa das seis ou das sete, quando, na maioria das manhãs, a essas horas, o frio nos obriga a esconder o vestido sob um paletó velho.

Pois é, no último domingo fui à missa das dez horas; mas não foi por causa do vestido novo, não. A empregada chegou tarde; o marido foi pescar e não dei conta da arrumação da casa antes, embora tivesse acordado cedo.

Fui com o propósito de rezar, rezar muito para alcançar uma graça, mas, confesso envergonhada que, ainda que precisasse de um favor dos céus, fui fraca e me distraí.

À minha frente, ajoelhou-se uma velhinha, que só tinha de escura a côr da pele, porque os seus cabelos eram brancos como o algodão do vestido que usava.

Ora, quando a gente de côr chega a estar com os cabelos assim tão alvos é porque é do tempo da escravidão; é quase centenária. Aquela devia mesmo estar beirando os cem anos.

Uma blusinha de cassa branca de mangas compridas, fôfas e golinha alta, deixava ver a sua combinação, ou melhor, a sua camisa enfeitada com uma renda larga e grossa. A saia, tôda franzida, tinha um grande babado com renda na ponta. Sob a saia devia haver outras, muitas outras anáguas, pois o volume era grande e a velhinha era magrinha. Calçava uns chinelinhos de corda, novinhos. Em geral as velhinhas de côr usam uma bata e saia franzida, de chitinha quadriculada ou estampada, mas de fundo escuro; porque aquela estava tôda de branco e de fazenda bem fina? Dir-se-ia que aquêle era o seu vestido de noiva, talvez nunca usado para a cerimônia nupcial. Quem sabe se não lhe morrera o noivo às vésperas do casamento e ela, desde então, prometera usar sempre o branco para provar que se conservara pura e fiel? Não sei... O certo é que me impressionou a singeleza do vestido daquela pobre anciã.

Quanta pureza estampada no seu rosto! Suas mãos, unidas em prece, seguravam um têrço grande, feito de contas de lágrimas de Nossa Senhora.

Rezou contrita, alheia a todos, olhos fitos no altar durante tôda a missa.

Fitei-a o tempo todo!

E dizer que foi esta santa velhinha que me desviou a atenção das orações, que me fêz pecar!

Sempre acreditei que fôsse o espírito mau que vinha desviar a atenção dos contritos na igreja e tôdas as vêzes que me surpreendia distraída na missa, fazia ligeira o sinal da Cruz para afugentá-lo, mas ontem, quando dei pela minha distração, rezei contente e agradeci ao Senhor.

Sim, porque a pureza do vestido e do coração da velhinha, tôda a brancura daquela preta, só podia estar encarnando um anjo que desceu do Céu para me dar assunto para esta crônica...

Deus que me perdôe, mas não passei a missa tôda fitando uma santinha?... Então, pequei?...

OUÇAM, as têrças-feiras, pela Rádio Mayrink Veiga, a sua PRA-9, das 14 às 14:30 horas, o programa DECORAÇÃO DO LAR, na palavra de d. Yeda Fontes.

decoração

O A B C DA DECORAÇÃO

O problema da sala de jantar moderna é muito considerado pelos desenhistas de hoje. A falta de empregados apresenta a dúvida de cada dia, no sentido de economia de espaço e trabalho; requerendo a dispensa dos quartos para êste fim, e aumentando a casa com novos ambientes. Assim, pois, as salas grandes, com aparatos, estão desaparecendo e sendo substituídas por ambientes pequenos e práticos, de fácil manutenção.

A tradição ditava o uso de uma sala separada, e muitas pessoas hoje insistem em tê-las, considerando que sua dignidade exige uma sala de jantar com certo ar sofisticado. Os decoradores modernos não dão muita atenção a êstes requisitos, e planejam sempre estas salas sem preocupar-se com os estilos passados. Entretanto, se êles têm que se submeter ao desejo dos ocupantes, devem fazer com que êste ambiente seja o mais simples possível. As regras para a planta desta sala devem ser formais; a mesa deve ser colocada ao centro, com espaço determinado para as cadeiras, e o "buffet" fica na parede maior; as côres escolhidas devem ser côres secundárias, como o verde, laranja, e os seus derivados. O lustre central deve indicar a posição da mesa. Os quadros para as composições nas paredes devem ser de preferência, paisagens ou natureza morta. Os objetos de ornamentação são em geral muito clássicos: os candelabros, os centros de mesa, fruteiras, etc. Os tecidos seguem a influência da época e obedece o esquema das côres das paredes, teto e chão.

A sala de refeições ainda pode ser feita em uma pequena sala perto da cozinha. Sendo a mesa encostada à parede maior, e para facilitar o serviço de uma só pessoa, faz-se uma janela de correr entre esta sala e a cozinha, por cima da mesa, podendo a cozinheira fazer o serviço sem ter necessidade de vir até a sala, ou mesmo a dona de casa coloca tudo aí, nesta janela, servindo-se no próprio ambiente. Quanto à sua decoração, se ela dá para o "living", pode ser luxuosa, isto é, ricamente decorada e disfarçada, para não aparecer o feitio da abertura.

"COZINHA-SALA DE JANTAR"

Nos pequenos apartamentos é preferível que se faça esta inversão. Uma cozinha que tenha maior espaço pode servir de sala de refeições. Muitas pessoas, hoje em dia, fazem o seu próprio trabalho de cozinha, e preferem fazer ali mesmo tôdas as refeições. Assim esta peça tem duas utilidades; devemos pois dispensar-lhe uma atenção mais cuidadosa, e principalmente trazê-la muito limpa. Quanto as paredes podem ser de azulejo ou de camalte, o que muito facilitará a limpeza. Devemos ter tudo muito bem arrumado, o equipamento todo guardado em armários apropriados, amplos e eficientes. Há ainda a côr que tem muita influência; deve ser em tons claros. Em uma cozinha onde se faz refeições pode ser considerada um "living", e como tal, deve ser cuidada, embora haja sempre um pouco de gordura. As cortinas poderão ser drapeadas com padrões claros e alegres. Podemos usar accessórios pitorescos e interessantes.

A arrumação dos utensílios de cozinha deve ser feita em armários, que podem ser embutidos ou não, ou ainda em prateleiras.

As janelas devem ser largas, tirando-se proveito da vista que daí possa se ter, e procurando sempre dar boa luz, direta, tanto natural como artificial.

A ventilação cruzada, ou ventilador deve ser bem planejada.

Uma cozinha nestas condições, torna-se mais agradável e facilita o andamento do trabalho.

As portas dos armários devem ser estreitas e as prateleiras inclinadas. Estas prateleiras serão pintadas, ou forradas com borracha, linoleum ou folha de metal, sendo êste último um pouco prejudicial à louça.

Não há nenhuma razão para que as cozinhas não sejam tão bem tratadas quanto as outras peças da casa.

NATAL BRASILEIRO

Em outros tempos, nas vésperas desta data, nas antigas fazendas a criançada ficava com a atenção voltada para a estrada, e só pensava nos caixões encantados que vinham no lombo de um burro ou no carro de boi, conduzindo os cubiçados presentes para os festejos dêsse dia glorioso da cristandade.

A bonita árvore de Natal, salpicada de flocos brancos, carregada de velinhas acesas, bolas prateadas, es-

o LAR

Colaboração de YEDA FONTES

Ilustração de CARLOS FERNANDES

trêlas, bichos, bonecos, etc., erguia-se nos centros dos salões, plantada em grandes tinas, em redor da qual a vovó organizava o Presépio que encantava a petizada. E, encantava pela beleza da Sagrada Família e pela variedade dos animaizinhos, que todos os anos iam crescendo em número. Pela manhã havia distribuição de doces e roupas às famílias dos colonos, e à noitinha, tôdas as crianças dos arredores, juntamente com as dos patrões, entoavam, em volta da árvore de Natal e do Presépio, as cirandas e as canções singelas condizentes com esta simbólica "noite feliz".

O dia 24 era consagrado ao jejum, e ao uso das permutas de presentes entre amigos; durante a consoada era servida uma lauta ceia, na qual figuravam os pratos conhecidos como especialidades. A arrumação do Presépio era feita com musgo pelo chão formando uma planície com pequenas casinhas, um rebanho que pastava socegadamente, e o fio de água a descer para o pequeno lago, onde estavam os patinhos brancos brincando.

Havia ainda pastores trazendo ovelhas às costas e outras oferendas destinadas ao menino Jesus que, entre as imagens de Nossa Senhora e o olhar doce do boi e do asno, repousa docemente. E tudo isto era disposto em um espaço pequeno, dando o ar mais natural possível à repetição da história. À noite, as pastoras visitavam os Presépios das redondezas em procissão, cantando alegremente. Assim era o Natal brasileiro. Não devemos deixar que tôda esta poesia desapareça! Procuremos conservá-la, fazendo o Natal de uma maneira festiva e o mais alegre possível, adaptando-o à nossa época.

CENTROS DE MESA PARA FESTAS DE FIM DE ANO

Uma abobora pintada de prateado com três abacaxis espetados em cima, êstes devem ser também pintados, nas partes descobertas da abobora podem ser espetados os docinhos coloridos, em geral feitos de maçapan.

* * *

Um castiçal de cristal ou de outra qualquer cousa colocado ao centro da mesa com velas vermelhas, aproveitando-se os braços para se pendurar bolas e enfeites, o pé deve ser coberto com pinhas e nozes, ou outras frutas da época.

* * *

Um bôlo em forma de sino todo coberto de branco, com um bonito laço de fita vermelha na alça, e deitado sôbre um ninho de fios de ovos salpicados de confeitos.

* * *

Um espelho servindo de lago tendo na margem raminhos de cedro com um pequeno Presépio ao lado, e patinhos nadando por cima do lago, com iluminação direta sôbre o centro e o resto da sala no escuro.

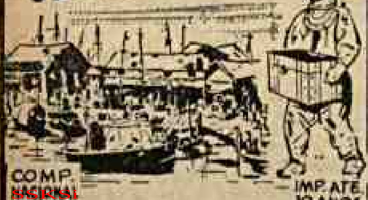


O centro de mesa que se vê nesta fotografia é bem sugestivo: compõe-se de três estrêlas recortadas em três côres diferentes sobrepostas uma sôbre as outras com suportes, para as velas e as nozes, castanhas e frutas sêcas o completam



PIRATAS dos MARES da CHINA

TECHNICOLOR



COMP. NACIONAL

IMP. ATÉ 10 ANOS

JEFF CHANDLER

EVELYN KEYES

PHILIP FRIEND

SÃO LUIZ

FONES 25.7679 - 25.7459

2ª FEIRA

REX

FONE 22 6327

ROXY

FONE: 27.6245

CARIOCA

FONE 28 0478

MEM DE SÁ

FONE 42 2232

MONTE CASTELO

ÁGUAS ESCURAS —:— (Continuação)

piano. E eu fixo o olhar nos seus longos dedos nervosos, tão pálidos como as notas do teclado. Dessa vez põe na música um fogo estranho, como se penetrasse num mundo mágico, criado só para êle. Quando termina, não posso deixar de exclamar: — É um grande artista !

— Que idéia ! Sou um homem qualquer.

A dureza habitual de suas pupilas desapareceu e através das pálpebras entrecerradas olha-me suavemente. Estamos sós. É quase meia-noite e, um a um, os hóspedes de Misia Trinidad se foram retirando.

— Então chamam-no "o homem dos bosques"? pergunto, para cortar o silêncio demasiado intenso que nos cerca.

— Sim, concorda sorrindo. Chamaram-me assim porque vivo meses inteiros nas selvas, aqui e em Los Coigües, um sítio que tenho nas cordilheiras. Vou de um para outro, eternamente.

— Duvido que seja tão formoso quanto êste, o sítio da cordilheira.

— Muito mais ! Vivo numa espécie de rancho, mas há bosques quase virgens, cascatas, ilhas, precipícios.

Cala-se, pensativo. Depois de um momento, acrescenta como para si mesmo:

— Os abismos atraem-me. Há águas de uma côr tão estranha...

— Estranha ?

Sem responder-me, caminha até o extremo do salão. Detém-se em frente à porta aberta que dá para o parque e parece-me notar que um soluço incontido lhe sacode os ombros de menino.

— Por que está chorando? pergunto aproximando-me. Mas seu rosto apresenta uma expressão impassível.

— Não estou chorando, responde secamente. Quer ir olhar um pouco o parque ?

O terraço está deserto. Todos dormem já, sem dúvida. Dois cães policiais vêm lamber as mãos de Cristiano. O parque estende-se diante de nós, sombrio, imenso, abandonado. O mato cresce por tôda parte e abraça os troncos das árvores. Num flanco da colina, uma cortina de álamos gigantes parece isolar-nos do mundo. Mas é uma noite tempestuosa, e o frio, o vento, impedem-nos de descer do terraço.

À medida que passam os minutos, algo indefinível, porém cada vez mais forte, invade a atmosfera. E o aroma revôlto que sobe do parque, aroma de resina, de eucaliptos, de flores murchas sob o azorrague do vento, atua em mim como uma droga.

— Como pode viver nestes campos tão...

Não sei com que palavras exprimir o sortilégio dêsse tétrico parque, dêsses bosques escuros.

— Vivi demais nas cidades, antes. Demais ! E detesto-as.

Adivinho a profunda e pausada cadência de seu mundo interior na surda luta com a vida da cidade, desorbitada e hostil.

— Já devia ter ido para Los Coigües há uns dias, continua êle. Se aqui fiquei foi sòmente por...

Crava os olhos nos meus olhos com uma espécie de fervor. Fico perturbada e surprêsa.

— Quer dizer que eu... murmuro confusa.

— Sim, diz êle, você.

À luz indecisa do lampeão, noto que a veia da sua fonte esquerda torna-se de repente mais azul.

— É hora de ir dormir, acrescento.

— Êle não responde. Sùbitamente colhe meu rosto entre as mãos e submerge os dedos nos meus cabelos, acariciando-os com um gesto infantil. A seguir, toma-me do braço.

— Venha comigo, murmura imperioso.

Arrasta-me suavemente. Atravessamos pé ante pé o longo terraço e depois um fileira de quartos solitários e cheios de móveis. Por fim empurra uma porta fechada e a luz do lampeão mostra-me seu rosto, intensamente pálido. Um rictus amargo desenha-se em sua bôca, como se reprimisse cruelmente uma dor imensa. Para não olhá-lo, fixo os olhos na luz mortiça dos terraços desertos. E procuro deter meu pensamento no furacão vertiginoso que varre as fôlhas e faz estremecerem as árvores do parque. Sinto-me como êle, pálida, com a bôca triste. Aspiro longamente o aroma violento que pesa no ar.

Enquanto Cristiano abre a porta do quarto, os vidros da janela batem com estrépito. É o vento que, conosco, entra na habitação. Investe contra nós, impetuoso, enroscando-se em nossos corpos, pondo meus cabelos em desordem, adejando em meu rosto.

Êle aperta-me contra o peito. — "Não tenha mêdo", diz. Sem acender a luz continuamos avançando ao longo do quarto escuro. Meus pés tropeçam em peles de animais selvagens, atiradas ao acaso no chão. Ouve-se o silêncio, um silêncio profundo, total, na fazenda, nos terraços, no mundo. Através dos vidros da janela entra a pálida claridade dos lampeões do terraço e vejo cair sôbre a casa o manto pesado dessa noite de vento.

— Sente-se aqui, murmura êle, detendo-se e aproximando uma poltrona.

Permaneço de pé, sem responder. Penso: "Mal nos conhecemos e já dispõe de mim como quer. Devo ir-me embora." Mas não posso. Estou cravada ali, junto a êle. Não sei calcular quanto tempo transcorre. Talvez um minuto, talvez uma eternidade. O tétrico uivo de um animal atravessa de repente o silêncio. Estremeço.

— Dizem que há pumas nesta região, balbucio aterrada.

— Não tenhas medo, repete êle. — Solta o meu braço, passa ao quarto contíguo e fecha a porta. Uma réstea de luz aparece assinalando a parte inferior dessa porta.

Tôda trêmula, caminho até a janela, apóio a fronte nos vidros e vejo os seibos e os álamos do parque que agitam seus ramos com rumor lamuriento. E vejo a erva triste dos prados e os vermelhos "copihues" abraçados aos troncos imóveis. E vejo as "cinerárias" que se inclinam até beijar o solo.

Agora desejo deter o tempo enquanto aguardo, febril e adormecida, nessa habitação cheia de sombras. Afasto-me da janela e passeio o olhar ao longo das paredes. Um espelho que brilha no escuro devolve-me o reflexo desbotado da minha imagem e da minha bôca, ferida ansiosa. Deixo-me cair na poltrona que Cristiano me indicou e recordo, então, que há já uma eternidade que êle se encontra no quarto vizinho. Que estará fazendo? porque se foi ?

— Cristiano! — chamo com voz tranquila. (Continua na página 42)



A Vida e os nossos FILHOS



Por HUMBERTO BALLARINY

Médico especializado em idade escolar. — Do Instituto de Endocrinologia da Santa Casa.

SINAIS E SINTOMAS DE DESNUTRIÇÃO

Cabeça raquítica

QUAL a causa do raquitismo e como evitá-lo. Já vimos no artigo anterior que o raquitismo era uma doença óssea atacando as crianças em plena fase de crescimento, e traduzido pela falta de uma boa calcificação. É o equilíbrio entre o cálcio e o fósforo do organismo, o responsável pela normal ossificação do esqueleto.

No raquitismo êste equilíbrio entre as quantidades do fósforo e do cálcio, e o consequente aproveitamento daqueles minerais na formação óssea, não se processa normalmente.

Os antigos já conheciam a doença, entre os habitantes de certas regiões em que o Sol era fraco, ou onde o mesmo brilhava por poucas horas. É o raquitismo frequente nos povos do norte da Europa, nas zonas industriais, principalmente, entre os trabalhadores em mineração no sub-solo. Interessante é a quase generalidade do raquitismo entre as crianças mahometanas de certa casta, onde o sistema Purdah, ou melhor as leis que regem o homem, obrigam a mãe e o filho a permanecerem em uma habitação mal ventilada e escura, onde o sol não penetra. Ainda por cima usam umas vestimentas que cobrem totalmente a pele. Os meninos ficam privados dos raios solares até os três anos de idade, e as meninas continuam permanentemente enclausuradas.

É interessante saber que as crianças humildes daquele território da Masik, embora recebendo uma alimentação bem inferior, não apresentam as pernas tortas, o torax atrofiado e a cabeça deformada, alterações ósseas típicas e frequentes nas crianças dos potentados. A explicação é simples, a vida ao ar livre, apanhando sol, poupam as mulheres e os filhos dos plebeus da antiestética doença.

Como estão vendo no raquitismo, doença da nutrição não basta sòmente comer grandes quantidades de alimentos, ricos em cálcio e fósforo como o fazem aquelas crianças do harem. Alguns pesquizadores, submeteram ratos a uma dieta excessivamente rica em gordura e em sais minerais, porém pobres em vitamina "D", e os mesmos só melhoravam do raquitismo com um jejum de 5 dias.

Este exemplo vae a calhar, para o péssimo hábito de certas mães, pois excessivamente, zelosas e preocupadas com a nutrição de seus filhos, empanzinam as pobres crianças de comida. Este hábito leva a criança a obesidade, doença talvez mais grave ainda que a magreza. O excesso de alimentos em quotas desequilibradas não permite a absorção dos mesmos causando perturbações gastrointestinais, e trazendo uma verdadeira desorganização na composição química do sangue circulante, causa de alergias, insuficiências hepáticas, doenças renais, etc.

A alimentação para ser eficiente deve ser equilibrada e em quantidades adequadas às necessidades reais do organismo.

Continuemos pois a tratar do raquitismo assunto do presente artigo, e caso as senhoras mães estejam interessadas, escrevam para a seção "A vida e os nossos filhos", solicitando qual o esclarecimento desejado sôbre o tema alimentação em idade escolar, que o transformaremos em futuros artigos.

Respondendo a pergunta inicial: — "qual a causa do raquitismo?", diremos ser a falta da vitamina "D" a causa do mesmo.

Baseados na localização geográfica dos casos de raquitismo, mais comum nos Paízes onde o sol é fraco. E apoiados em experiência feitas com animais, concluiram os cientistas, estar presente nos alimentos ricos em gordura, uma substância denominada, (pró-vitamina). Essa substância sofrendo a irradiação do sol se tranformaria em vitamina "D", reguladora do equilíbrio cálcio e fósforo, e portanto, de ação curativa e preventiva do raquitismo.

A "pró-vitamina D" existe em profusão nos alimentos ricos em colesterol, tais como leite, ovos,

(Conclui na página seguinte)



Torax raquítico.



O NOVO DIRETOR DO ENSINO SECUNDÁRIO — No gabinete do ministro de Educação e Saúde, tomou posse, em 12 do corrente, das elevadas funções de diretor do Ensino Secundário, o prof. Roberto Accioly, Catedrático do Colégio Pedro II. O flagrante fixa um momento daquela solenidade, onde se vêem, além da ilustre figura do nosso magistério e sua exma. espôsa, o dr. Simões Lopes, titular da pasta da Educação, e outras personalidades presentes ao ato.

A VIDA E OS NOSSOS FILHOS — :: — (Conclusão)

manteiga, queijo, mas só se transforma em vitamina "D" pela ação dos raios ultra-violeta. Aqueles alimentos quando submetidos a irradiação solar, que contenha determinados raios ultra-violeta, tornam-se ricas fontes da vitamina "D". É o motivo pelo qual o leite no verão, produzido pelo gado alimentado em pastagens banhadas pela luz solar, é muito mais rico em vitamina "D".

Já o leite da estação invernosa, ou proveniente de vacas estabuladas, são pobres do fator anti-raquítico.

No Brasil onde o sol é rico daqueles raios, a criança cuja superfície corporal fôr submetida aos mesmo, não apresentará sinais de raquitismo, a não ser na falta absoluta de alimentos.

Os alimentos ricos em "pró-vitaminas D" vão nos proporcionar uma localização cutânea daquela substância. Na pele sob a influência do sol ela se transforma em Vitamina "D", sendo então reabsorvida pelo organismo.

Ficou provado que os gatos ao se lamberem, estão reabsorvendo a gordura existente nos pelos (pró-vitamina D) que já tendo sofrido a ação do sol, foram transformadas em vitamina "D".

As aves, também possuem a pró-vitamina, como gordura que recobre as penas. Ao receberem a ação vivificadora dos raios solares, transformam-se na quota de vitamina "D", que sendo reabsorvida, vae suprir as necessidade da ossificação e da postura.

No óleo de fígado de certos peixes, existe a vitamina "D", já completamente formada para ser utilisada. É esta a razão do uso do óleo de fígado de bacalhau, como curativo, e mesmo preventivo do raquitismo, pelos habitantes de regiões onde o sol é pobre daqueles raios ultra-violeta de curto comprimento.

Uma Especialista
de Beleza não poderia fazer mais

• Debaixo de toda epiderme existe uma pele interna, fresca, jovem e livre de defeitos. Faça surgir essa beleza oculta, começando a usar Cera Mercolizada. Vale por um tratamento de beleza.

CERA MERCOLIZADA

Remova os pelos
Supérfluos, que tanto enfeiam. Porlac é inteiramente inofensivo e não irrita. Faça uma experiência.
com
PORLAC
DEPILATÓRIO

PRODUTOS DEARBORN

IMAGEM E MOVIMENTO

AMANHÃ SERÁ TARDE DEMAIS

PRESENCIADO EM PARIS

ÓTIMO para o cinema cumprir. Ao lado do fator básico — arte pura — deve haver também lugar para o ensinamento. É dever dos homens de cultura contribuirem para a melhoria do índice mental dos sêres humanos. Ultimamente tem crescido o número de idealistas que, sem diminuir o poder artístico, têm trazido preciosas contribuições para o mundo. Eis aqui mais um filme envôlto em poderosa mensagem, desta feita vinda do cinema italiano. Aborda, com certa coragem, o problema da educação sexual dos adolescentes. Tema bastante delicado, tanto na vida prática quanto para ser expôsto em imagens, requer ampla evolução espiritual no tratamento. A película descreve muitos dos êrros que são comumente efetuados tanto pelas crianças quanto pelos adultos. Enquanto os primeiros fazem jús a uma série de atenuantes, os segundos são duplamente culpados. Em geral, por não terem adquirido uma elevada mentalidade, há muitos adultos que se recusam a tratar do assunto. Desta maneira permitem, em consequência, uma série de vicissitudes, fàcilmente evitáveis. Afinal, apoiados em sentimentos superiores, a maldade poderá ser posta de lado. As sutilesas tendem a ser mais belas e compreensíveis, vistas através de um prisma que envolva a pureza. Justamente esta concepção em combater o problema sob o influxo de elevados pensamentos que constitui o segrêdo importante do problema.

O MAL E O BEM são descritos no filme com linguagem realista para o primeiro grupo e envolta com poesia e simplicidade para o segundo. Sob o ponto de vista de história, há uma restrição. O celulóide tem início de uma forma muito verdadeira, sem meios termos mas, para o terço final, passa a efetuar algumas concessões. Perde um pouco o seu ímpeto de devassa, entretanto, é verdade, ainda constitui uma preciosa lição. No lado prático descreve, por exemplo, o êrro tão comum em separar os meninos e as meninas nos colégios. A trama, aliás, gira em volta de uma reação nêste sentido que empreende uma professôra, inspirada em uma série de desagradáveis ocorrências tendo por origem a falta de ensinamento sexual entre os alunos. Muito embora sendo justo lamentar a quebra da unidade desassombrada mantida no comêço do filme, é justo ressaltar que a direção do cineasta francês Leonid Moguy não perde o vigor. Certas alternativas do terço final constituem apenas um caso de adaptação. No cômputo total permanece a visão de um filme de coragem, abrindo caminho para que o cinema continue na sua melhor concepção — a de reunir à arte, algo de muito construtivo para a humanidade. E, no presente caso, são para aquêles que estão despertando para a vida.

Graças à sagaz inteligência de Moguy, o filme mantém naturalidade interpretativa digna de nota. O diretor francês que, mesmo antes da segunda guerra mundial já primava o seu estilo no nível do chamado atual neo-realismo ("Duas mulheres", por exemplo) adaptou-se bem ao ambiente italiano. Mesmo com o ligeiro decréscimo que o filme revela na derradeira fase, ainda obteve uma realização de excelente classe. Pier Angeli, a extraordinária atriz de "Teresa", fez a sua estréia neste filme. Embora sem a grande oportunidade que lhe ofereceu o filme da Metro, a sua composição de uma colegial é também algo de maravilhoso. Fornece sempre a exata lembrança de uma menina em fase escolar. Vittorio De Sica, o grande cineasta italiano, desempenha com a sua habitual naturalidade o papel de Professor. Lois Maxwell (americana) é a jovem que encara o tema do sexo nas escolas com visão progressista. Gabrielle Dorziat, interpreta muito bem a retrógada. Os outros papéis estão muito bem defendidos.



Pier Angeli, a linda "estrêla" de "Amanhã é tarde demais".

FESTIVAL MUNDIAL - A DANÇA ATRAVÉS DOS POVOS

Por OSWALDO DE OLIVEIRA

UMA SESSÃO DE ENSAIO PARA O FESTIVAL

Na parte artística, é possível antecipar algo do que será o "Festival Internacional de Filmes de Ballet". Há dias, na cabine do Instituto Nacional do Cinema Educativo, foi efetuado o primeiro ensaio prático em tôrno da exibição dos filmes. Foram convidados, apenas os integrantes do Corpo de Baile do Teatro Municipal, bem como a coreógrafa responsável, Tatiana Leskova, que tanto sucesso alcançou na temporada recém-finda. Apesar de não ter sido completo o espetáculo, foi bem promissora a lembrança. Durante a projeção, alguns dos celulóides foram entusiàsticamente aplaudidos pelos convidados. Além disso, outra das finalidades já chegou a ser bem sugerida: um inédito desconcertamento artístico. Passar do "ballet" clássico que se pratica, por exemplo, na Inglaterra, para a antiga escola russa, já fornece uma profunda diferença de estilos. Entretanto, muito mais ainda quando se passa dos sentimentos da Índia para quaisquer das demonstrações do Ocidente. Sem dúvida alguma, instintivamente, a sensibilidade do espectador é exaltada para uma sensação diferente, a que se propôs "A dança através dos povos". Sòmente o cinema seria capaz de proporcionar um congraçamento tão belo quanto singular. De fato, reunir expoentes dos gêneros os mais diversos como Margot Fonteyn, a figura máxima do mundo, no "ballet" clássico, outros integrantes do "Sadler's Wells" com representantes do estilo russo: Marina Semionova, Olga Lepeshinskaya, T. Chabukiani, Galina Ulanova, Rudenko, etc., com altos valores da dança folclórica americana, conforme o admirável José Limon e, daí passar para o exotismo da Índia ou para a vibração ligeira da praticada na Espanha, tem certamente de causar algo de inédito, porquanto tudo isto é combinado para um único espetáculo. Além do mais, quando da realização definitiva, haverá o "ballet" no palco, para trazer uma outra sugestão diversa a mais. E note-se ficou plenamente demonstrada a classe internacional do conjunto e de muitas das primeiras figuras.



Sonia Arova, do "Ballet Champs Elysées" e o autógrafo que dedicou, em Londres, ao redator da seção, quando da sua recente viagem.

A DATA

"A dança através dos povos" e o "Festival Internacional de Filmes de Ballet", acontecimentos que se efetuam pela primeira vez no mundo, sob os auspícios diretos do Ministério da Educação (Instituto Nacional de Cinema Educativo) e Departamento de Difusão Cultural da Prefeitura, com a cooperação de FON-FON, "A Noite" e de diversos órgãos da imprensa e do Clube de Cinema do Rio de Janeiro, não tem o menor pensamento financeiro. As inscrições de convites, absolutamente livres de despesas, foram abertas aos verdadeiros cultores da arte no país. Portanto, dada a responsabilidade assumida com o vultoso número de mais de duas mil pessoas, há necessidade de que tudo seja o mais exemplarmente cumprido. Consequentemente, não interessa a realização de uma festividade qualquer e sim de um acontecimento de acôrdo com o seu vulto de ineditismo mundial.

Conforme já relacionamos, são vários os motivos que têm retardado a data da festividade. Conhecemos as razões dos que estão impacientes, particularmente com o fato de se encontrar entre nós, especialmente enviados, tantas obras de valor no gênero. Sem dúvida, é preferível esperar mais um pouco. As dificuldades vêm sendo vencidas com êxito e, em cada semana, progride êste intercâmbio cultural em volta de um impressionante congraçamento entre duas artes.

É preferível contornar tôdas as dificuldades preliminarmente do que anunciar uma data e ter de adiá-la, causando inevitável confusão aos leitores. É precisamente isto que desejamos evitar e, assim, é preferível um pouco mais de paciência. Dada a antecedência com que FON-FON é impresso, seria mesmo uma temeridade assim suceder. Descansem todos, porque o essencial está já prèviamente feito: os envelopes, com os nomes e endereços dos inscritos prontos para serem enviados logo após o estabelecimento da data. Todavia, o atraso no envio de alguns países dos seus filmes, o caso da marcação prévia para o Teatro Municipal assim obriga.

OUTRO FILME DA FONTEYN

A Gaumont British, que já havia enviado "Les Sylphides", com Margot Fonteyn, acaba de comunicar aos organizadores, em carta oficial, o seguinte: na Embaixada Brasileira de Londres foi entregue uma outra película do expoente feminino desta arte no mundo. Trata-se de "Ballet", filme de 20 minutos, em que Fonteyn interpreta diversas coreografias de vulto. A carta, assinada pelo diretor C. R. Gee, mostra-se vivamente interessada pelo ineditismo do Festival e, conforme outros participantes, demonstra mesmo entusiasmo. A êste momento, o sr. Manuel Antônio Braume, a quem o Embaixador do Brasil na Inglaterra, atualmente entre nós, delegou poderes para tratar do assunto em Londres, a esta hora certamente já providenciou o embarque.

O MÉXICO

Além da valiosa parte folclórica, serão incluídos todos os trechos do melhor filme de "ballet" clássico até a presente data efetuado no México: "Yolanda", aliás, um dos melhores efetuados no mundo neste gênero. Interessante é que sòmente agora, foi lançado em Nova Iorque e com extraordinário sucesso. Entretanto, no Rio, êste belo espetáculo foi pèssimamente lançado, apenas três dias em cartaz e sem qualquer publicidade a respeito da sua conjunção com o "ballet". O celulóide em questão, da Promessa Films, tem o título de "Yolanda" e tem uma das grandes bailarinas do mundo como "estrêla": Irina Barova. E são também de valor as coreografias: "La Fille Mal Gardée", que Alicia Alonso dançou, no corrente ano, no Teatro Municipal, "As bodas de Aurora" e "Lago dos cisnes".

ESTADOS UNIDOS

Atendendo a pedidos, vamos relacionar algumas minúcias de dois dos belos filmes que a Embaixada Americana teve a atenção de trazer especialmente dos Estados Unidos para o Festival Internacional. "Lamento" tem por tema um célebre e imortal poema de Garcia Lorca: "Lamento para Inacio Sanchez Mejias". A coreografia é de Doris Humprey, a música de Norman Lloyd, a cenografia de Michael Czaja, o guarda-roupa de Pauline Lawrance e o protagonista central, um dos maiores do mundo no gênero: José Limon. A pavana do mouro (The Moor's Pavane) é um filme em "tecnicolor" igualmente com José Limon, também autor da coreografia, com Betty Jones, Pauline Koner e Lucas Hoving, estreado nos Estados Unidos em 1949. Música de Henry Purcell, com arranjos de Simon Sadoff.

CONTRASTES DE PARIS

O Existencialismo — Os Museus

Por **OSWALDO DE OLIVEIRA** (Especial para FON-FON)

O existencialismo sòmente pode ser encarado como um simples motivo frustrada pretensão de ser encarado como doutrina e um acinte ao vocábulo falar-se em escola filosófica. Surgiu em um após guerra em que a desorientação momentânea facilitou o seu parcial desenvolvimento. Sabe-se que foram baixas as suas origens. De um lado, um proprietário de uma das sórdidas "caves" sub-terrâneas de um famoso bairro, em vil ânsia comercial. De outro, um escritor comum, pelo menos de terceira classe frente às legítimas glórias da atual França, que anteviu uma possibilidade de ganhar notoriedade. Não importava que fôsse efêmera, conforme veio realmente a suceder. Apenas, o infeliz desejo de causar sensação.

Ainda bem que conheci o chamado existencialismo em 1951, em sua agonia, em decadência tão lamentável quanto a torpeza dos seus primitivos responsáveis. Afinal, teria de prevalecer a tradição de Saint Germain de Prés ou o "Quartier Latin". Em suas pequenas e tortuosas ruas, viveram grandes vultos de sempre como Vitor Hugo, Saint-Saens, Gounod, Augusto Conte, Balzac ou outros de uma época, como George Sand. Naturalmente, em meio de tudo isto sempre existiu os vícios que envolvem a vida boêmia. Entretanto, das suas raízes às práticas, o existencialismo era uma nódoa que teria de ser repudiada pela própria e gloriosa tradição cultural francesa.

Apenas para conhecimento de causa fui verificar que, nos atuais dias, há, tão sòmente os resíduos da exploração comercial. Segundo apurei, houve uma fase, de tão grandes excessos que a polícia frequentemente intervinha. Tôdas as especulações têm que caminhar para o declínio e, assim, os próprios franceses foram repudiando a insensatez. Atualmente, é apenas uma pacata fonte de renda a-fim-de os turistas conhecerem os mesmo antros, funcionando de forma diversa. O ar viciadíssimo forma um ambiente infecto mas o "facies" de involução fornece apenas uma idéia — a de deixar o mais ràpidamente possível uma atmosfera de ruína. Depois, o assunto está pràticamente morto e não merece maiores considerações.



Montmartre, ao amanhecer e um dos seus centros de diversões.

●

O MUSEU DA ÓPERA

Paris tem mais de cinquenta museus. Desde o mais célebre de todos o portento que é o Louvre, aos menores, há uma prodigalidade de ensinamentos. Neste ambiente, há instituições especializadas para os mais diferentes temas: astronomia, mineralogia, oceanografia, etc., como outras dedicadas a grandes vultos: Victor Hugo, Balzac, bem como o culto das artes especializadas. Os mais famosos têm sido fartamente descritos e, por êste motivo, é preferível falar de um menos divulgado no mundo. Trata-se do Museu que reverencia o "ballet", a ópera e outras artes: o da "Ópera de Paris". Funciona em uma das alas do famoso teatro, com extensas galerias e vastos salões. Para o seu ingresso é cobrada uma modestíssima taxa: vinte francos — cêrca de um cruzeiro e cinquenta centavos.

Várias dependências são consagradas a uma das mais completas bibliotecas existentes no mundo sôbre ópera, "ballet" e das diversas minúcias artísticas que envolvem as duas artes, particularmente a música e a pintura. Há, também galerias com esculturas e telas relacionadas com êstes setores, algumas de grande beleza. Penetra-se, assim, em uma atmosfera do passado, em que são evocados bailarinas, cantores, músicos e técnicos em geral.

Diversos motivos não podem deixar de causar emoção: as vestes, sapatilhos e adornos de Anna Pavlova. Os mais delicados "souvenirs" dos gênios de outrora são reminiscências destinadas a exaltar o influxo da arte na vida presente. De Marie Taglioni, abjeto. Merece absoluto desprêso a há um belíssimo quadro de Charlon, com a sua caracterização em "Sylphide", além de tôda a sorte de lembranças. O mesmo Chalon pintou a célebre Carlotta Grisi em "Giselle". E inúmeras outras figuras da dança são recordadas de tôdas as maneiras como Olga Spessivtewa, Emme Livry, Anna Johnson, Peppa Invernizzi, etc.

As rememorações entre os músicos incluem os vultos de Claude Debussy, Jules Massenet, Leo Delibes (o autor de "Coppélia"), Saint Saens, Charles Gounod (busto de Franceschi), Richard Wagner (tela de Auguste Renoir), Paganini, etc. Há muitas rememorações em telas para trechos de óperas célebres e também o culto de grandes cantores de outros tempos (Adolphe Nourrit), coreógrafo (Petipa e outros), bem como projetos, costumes, miniaturas variadas e "décors" para as duas artes.

Enfim, uma visita ao Museu da Ópera de Paris significa um sutil transporte a uma atmosfera de suave e nostálgica poesia. São os sentimentos de outras vidas que palpitam e se conjugam no frêmito da eternidade, no indescritível infinito do belo.

Rádio



DIREÇÃO DE ALZIRO ZARUR



À esquerda — Carolina Lander é uma das revelações do rádio-teatro da Mayrink Veiga. Vai longe, graças ao seu vigoroso desejo de vencer. À direita — Carlos Roberto gravou, com sucesso, a composição "Nosso Amor", prefixo da novela "Mulheres de Minha Vida", de Dulce Santucci, que a PRA-9 irradiou.

●

RADIO TRÊS RIOS

Três Rios tem, também, a sua emissôra, que vai em franco progresso. Essa estação comemorou, a 27 de novembro, o seu 4.º aniversário, com uma variada programação especial. A ZYL-7, Rádio Três Rios, conta com os seguintes colaboradores: Diretor-Superintendente — Elias Jorge; Secretário — Edson Jorge; Gerente — Edwilson Jorge; Locutores — Álvaro Fernandes de Oliveira, Dante Martins, José Barbosa Sobrinho, Jorge Filho (êste é o locutor-esportivo); Rádio-atores — Barbosa Sobrinho, Dante Martins, José Moacyr, Wanderley Rodrigues, Geraldo Moraes, Jorge Veludo, Waldyr Bastos; Rádio-atrizes — Teresinha d'Alincourt, Ziléa Silveira, Nancy Silveira, Violeta Silveira; Cantores — Osmair de Paula, William Dixon e Léto Ferreira; Cantoras — Arlette Souza e Marinha Ferreira da Cunha; Orquestra União e Ritmo Pan-Americano; Regional L-7, com Adauto Silva, Waldemar Silva, Luiz Longras e Wilson Almeida; Músicos — Marcelino do Vale e João Pedro da Silveira; Produtores — José Moacyr, Wanderley José Rodrigues, Edson Jorge, Jorge Veludo e Waldyr Bastos; Programas — "Coquetel L-7", "Luar do Sertão", "Pensão do Biriba" e novelas seriadas. Como se vê, Três Rios vai de vento em popa...

DENTRO E FORA DOS ESTÚDIOS

● Por iniciativa do sr. A. Narciso, vai ser erigido, numa praça pública do Rio de Janeiro, o busto do saudoso compositor Henrique Vogeler, cujas páginas musicais correm mundo, imortalizando o seu nome. A idéia é simpática, e merece as simpatias de todos os radialistas.

● Hélio Tys, um dos valores da nova geração do rádio, é um dos autores que produzem para o programa "Rádio-Folhetim". Seus quadros são "Tudo pode acontecer" e "Foi assim que me contaram". Vale a pena ouvir...

● Rosita Gonzalez continua brilhando na programação mayrinkiana. A estrelinha das canções mexicanas está fazendo, também, um seleto repertório de canções brasileiras. Rosita é o leão da Mayrink...

● "Casa de Doidos", programa de Alexandre de Souza, é um sucesso da nova Mayrink Veiga, todos os sábados, às 21,30 horas, logo após o "Teatro de Novelas" de Júlio G. Atlas.

● O acontecimento social dêste mês foi o casamento de Ismael Neto e Heleninha Costa, da Rádio Nacional. Feliz matrimônio — eis o que desejamos aos queridos artistas da PRE-8!

● Raquel Martins, "estrêla" do rádio paulistano, esteve de visita aos novos estúdios da Rádio Mayrink Veiga. Mais tarde... quem saber, Raquel...

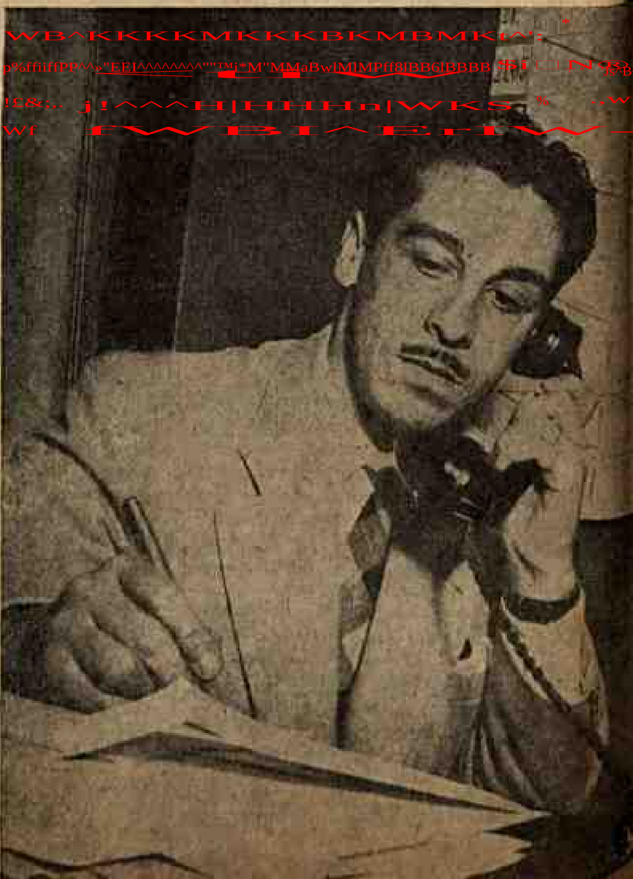
STÉLIO RODOLFO



José Niccolini — o diretor geral; Lauro D'Ávila — o diretor comercial; diante do quadro de programação... Êsse é ponto "W" de uma estação de rádio. Êle conta ao olhar dos experientes, o que "vae pelo ar"... E, pelas feições de Niccolini e D'Ávila, se vê que tudo está "OK" na PRE-4.

●

O Carnaval vem aí, Hélio de Araújo! E então? Não se inventa nada para receber na PRE-4, dignamente, o Imperador da coroa de lata, o rei do riso, o deus da folia? Mas, Hélio está alerta. "Como não? Vocês vão ver e ficar surpreendidos com as novidades! A Cultura vae liderar o Carnaval em São Paulo!"



Gente da PRE-4 — Gente que não vive no ar...

COLECIONAMOS êstes instantâneos para trazer até os leitores curiosos sôbre o que se faz em uma estação de rádio — por dentro — em um dia que começa com a "Hora da Ginástica" e vae até o "Star-light" imagens vivas...

Aqui está "gente de rádio", gente que, na opinião de tantos, "vive no ar". Gente que idealiza programas que são consumidos em 30 minutos e não voltam mais. Gente que escreve resmas de papel, narrando dramas, tragédias, comédias, com uma imaginação e uma rapidez que extranham até os "imortais". Gente que faz rir, chorar, odiar, amar, jogando com as emoções dos ouvintes, como quem joga um "buraco"...

E essa turma, turma das emissôras do Brasil, que nesta ou naquela PR., faz rádio das 5 às 3 da madrugada... das 3 às 4... ou sem interrupção alguma... Os que voltam dos Estados Unidos, voltam boquiabertos, sem dúvida. "Lá tudo se faz diferente". Não se improvisa nada. Um programador faz um programa por semana, quando muito. E ganha "dólares"! E entre nós? Diga-o, por exemplo, o Baleroni, da Cultura.

No instantâneo que estampamos hoje, vemos o popular artista e programador numa expressão que pode querer dizer — "basta!" — ou quando não — "10 programas por dia, isso só contando os dedos das mãos!".

Mas o trabalho vai! Vai porque essa gente do ar é gente boa! É uma geração de desbravadores. Foi ela que fez e faz a glória do rádio cégo no Brasil. Rádio bom, vivo, realizador, apesar de suas improvisações, do acumulo de trabalho.

E, daqui a pouco, quando vier também o rádio visivel e audivel, vão ver o que se prepara no espírito de todos êsses trabalhadores do rádio! Vão ver só!...

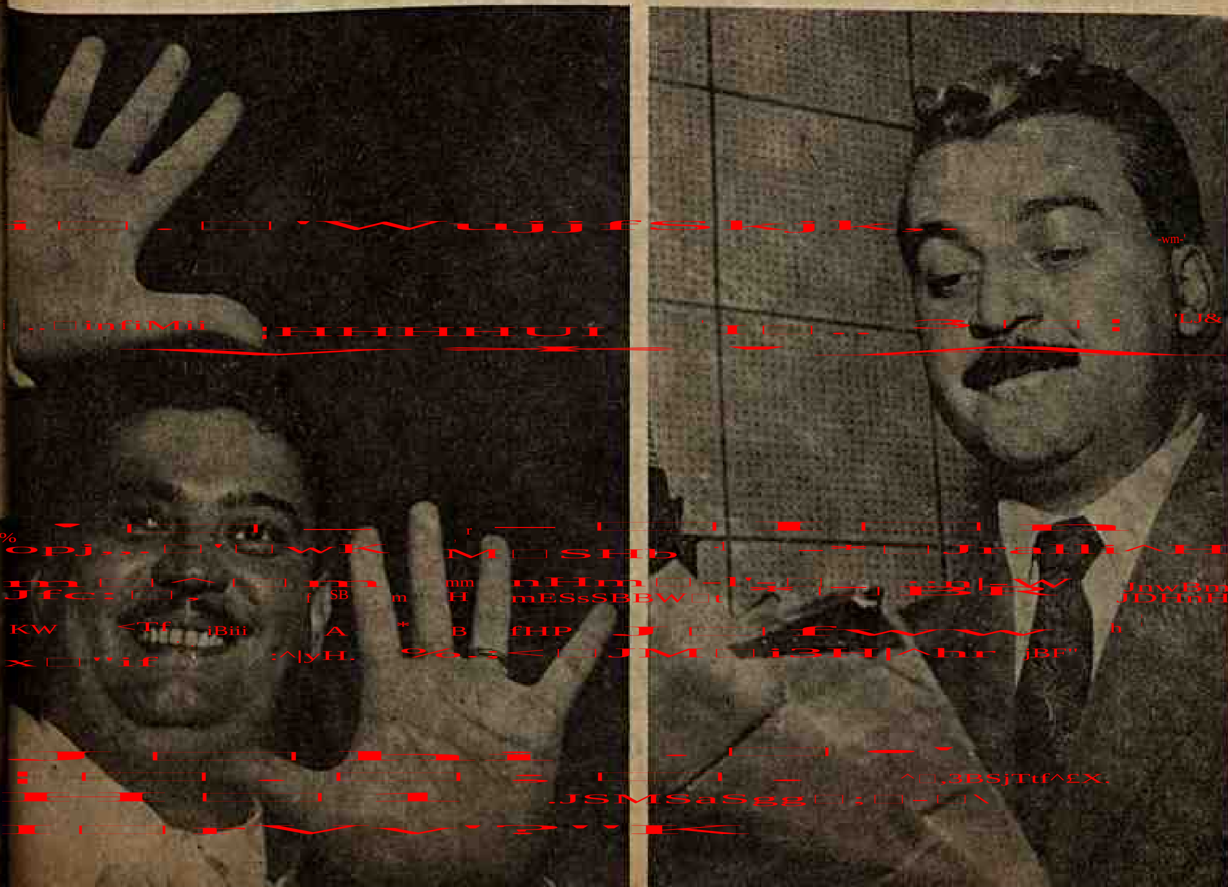
●



A PRA-4 possui um novo conjunto instrumental que foi batizado com o nome de "Cordas de Prata"... O maestro Mazagão, que apanhamos no instantâneo, é seu regente e orquestrador-arranjador... Dono de grande sensibilidade, Mazagão sabe enfeitar as melodias, realçando-lhes a beleza com seus retoques sonoros...

Quantos programas? 10? Mas... o fotógrafo não apanhou os dedos... dos pés! Porque, Fernando Baleroni, na verdade, para contar primitivamente o número de programas que faz por semana, precisa contar com todos os dedos...

Machadinho... um nome famoso no rádio paulista. É êle o "Lilico", o "caipira ingênuo", e o personagem impossível que Fernando Baleroni criou para o programa "Tudo acontece comigo" e que a PRE-4 irradia tôdas as segundas, quartas e sextas-feiras às 20,30 horas.



ÁGUAS ESCURAS (Continuação)

Êle ouve certamente o meu chamado, porque abre a porta que nos separa e vem para mim, silencioso. Senta-se no braço da poltrona onde estou e enlaça-me. "Como é puro o oval de teu rosto..." murmura com fervor, acariciando-me as faces. Continuo imóvel, muda, como se estivesse morta. "Por que te calas? por que me desalentas?" carescenta êle com voz exasperada.

Olho através dos cristais e compreendo que o vento se apaziguou porque no céu brilham as estrêlas. Alguns grampos desprendem-se de meus cabelos, que caem compridos e murchos sôbre os meus ombros. Sem saber porque, oculto meu rosto entre as mãos e sùbitamente desato a chorar.

Penso que há sêres que ignoram essa sêde feita de angústia, que é o amor. Anseio por ser indiferente e plácida como êles. Dormir serena de noite, como êles, com o coração vazio e os braços rígidos ao longo do corpo. Anseio por ter deserta a mente, como êles. Mas sei que isso já não será mais possivel. Que a imagem de Crsitiano está refletida para sempre em minhas retinas e que o acompanharei por onde vá, só para não deixar de ouvir o som de sua voz.

Entretanto, êle embalança meu corpo como o do uma menina. "Por que está chorando?" pronuncia suavemente. "Se se sente infeliz ao meu lado..."

— Não, não é isso. Talvez você não compreenda...

Nesse momento entra a lua, abraça a mesa do centro, chega até à poltrona em que estamos. Sua pálida luz apodera-se de meus pés e continua subindo até beijar minhas mãos, minhas faces. Em breve tinge de azul as paredes. Fico a olhá-la, fascinada. E só volto do meu estupor ao sentir uns lábios que pesam sôbre meus olhos.

A meu corpo transmite-se o calor de outro corpo. Na ja- nela assomam algumas estrêlas e sôbre nós repousa sem- pre um raio de luz.

Cristiano estreita-me contra seu peito e noto que em suas pupilas há uma espécie de grito reprimido. Como uma sonâmbula, permaneço inerte e desesperada entre seus braços, enquanto pressinto que, pela primeira e úl- tima vez, toco a felicidade.

Sim. Tudo em tôrno é-nos hostil. Olho para fora e parece-me ver junto à janela a sombra do puma, de perfil, sob um pedaço do céu. Sento-me bruscamente e minhas mãos crispam-se sôbre o braço da poltrona. — "Ai, Cristiano !", murmuro. Êle levanta-se e vai acender a lâmpada do centro, que espalha pelo aposento a sua luz amarelada. Permanecemos um ao lado do outro, se- veros, taciturnos, num silêncio total. Quanto tempo? Não sei. Sinto apenas que sôbre nós pesa uma escura fatalidade. Escuto, apenas, no meu coração, o latejo an- gustioso dessa fatalidade.

Êle tenta abraçar-me, mas a porta abre-se violenta- mente, batida outra vez pelo vento.

— Vou-me embora... exclamo.

De que maneira estranha vai o som da minha voz es- patifar-se de encontro às paredes brancas, naquele silêncio de morte !

— Tôda esta redondeza é lúgubre e terrível, ajunto.

Êle sorri: — És uma meninazinha. Como poderias não me ser sagrada ?

— Vou-me embora... repito com fôrça.

Mas êle cinge-me os ombros e pronuncia imperioso:

— Fica ! Depois terei que te deixar.

Minha cabeça submissa cai outra vez sôbre meu peito. E de novo envolve-nos o silêncio. Um minuto, uma hora. De repente, êle fala:

— Não deves ir, porque esta é a nossa despedida. É a última vez que nos veremos...

Ante o golpe brutal, permaneço paralisada, sem res- piração, sem fala, como se mão cruel me apertasse a gar- ganta. Êle toma minha emoção, minha imobilidade, por um silêncio prolongado. Após uns momentos, meu orgulho faz um esfôrço sobrehumano e ponho no rosto uma más- cara impassível, enquanto pergunto com naturalidade:

— Ah ! Vais deixar-me ?

Vejo junto ao meu o seu rosto gasto, os seus olhos tristes.

— Não é por ti, ajunta. És a mulher que quero, a que sempre procurei.

Pára bruscamente. Compreendo que diz a verdade e que algo que ignoro nos separa inexoràvelmente.

— É injusto, protesto com a voz entrecortada.

Não sei porque, naquele momento, imagino-o morto ali, ao meu lado, em plena juventude, em plena fôrça, com seu corpo marcado por todos os excessos, por todos os vícios. Calada, olho as suas mãos, suas longas mãos pálidas. E penso em tudo o que essas mãos palparam, no estéreo e na nobreza de que estão impregnadas, na luxúria e na pulsação de vida que, durante milhares de noites, como uma chama, queimaram a argila frágil de seu co-

(Continua na página 46)

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLINICAS

Majella Bijos

(EX - INSTITUTO ABDON LINS)

Sangue, urina, líquidos biológicos. — Metabolismo basal, transfusão de sangue. Diagnóstico precoce da gravidez. — Alergia, bacteriologia, perícias legais.

Serviço domiciliar e noturno

RUA RODRIGO SILVA, 30 - 1.º - TELEFONES: 22-1385 E 45-0859

MADEIRAS E
MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

ALBINO MESQUITA & CIA.

RUA DOM MANOEL, 22 E 26

TELEFONE: 42-1427 — RIO DE JANEIRO

PAPELARIA QUEIRÓS

FUNDADA EM 1906

Tipografia Encadernação Pautação

PAPELARIA QUEIRÓS LTDA.

RUA DA QUITANDA, 50 — TEL. 22-4367 — RIO

Campanha da Boa Vontade

De ZILAH BASTOS SEABRA



O sr. Juvenal Machado focalizou as figuras imortais de Grandhi e Franklin Delano Roosevelt, em sua palestra na Legião da Boa Vontade. Vêem-se, ainda, Nini Miranda, Alziro Zarur, presidente da LBV., e Maria Muniz.

RELIGIÕES COMPARADAS

HÁ uma unidade fundamental em tôdas as crenças religiosas o Bem. Tôdas as religiões, nesse ponto, são absolutamente concordes. Por isso mesmo, qualquer religião é boa quando os seus adeptos são sinceros. Afinal, se é fácil enganar aos homens, é impossível enganar a Deus. Nenhuma religião pode salvar os seus adeptos, se êles não cumprem à risca as leis divinas. Como diz o "livro dos livros" — fé sem obras é fé morta. Sendo êsse um dos pontos básicos do Estatuto da Legião da Boa Vontade, todos ali estão à vontade, irmanados na Religião do Bem, cada um defendendo lealmente a sua crença mas respeitando as crenças dos seus irmãos. Daí a idéia de Alziro Zarur: criar a Comissão dos Estudos de Religiões Comparadas, dentro da LBV. Essa Comissão será integrada pelos representantes de tôdas as crenças, dispostos, graças ao milagre da Boa Vontade, a realizar uma série de debates serenos, orientadas pelo amor à Verdade. Voltaremos ao assunto, nesta página de FON-FON.

A CARAVANA EM MARCHA

Os nossos leitores já sabem que a Caravana da Boa Vontade está em ação sempre no terceiro domingo de cada mês. Ùltimamente, entretanto, a Caravana da LBV tem multiplicado as suas tarefas, cooperando em festas de caridade. Assim, esteve no Asilo da Legião do Bem (Méier), onde apresentou um "show" em benefício das velhinhas amparadas pela instituição. Apresentou um espetáculo na inauguração da nova sede das Legionárias de Maria, na Rua Rio Grande do Sul (Méier) — outra casa que luta em prol da pobreza envergonhada. Na festa de aniversário do Colégio Pedro II, realizada no Salão Nobre do Externato, Alziro Zarur difundiu os ideais da Campanha da Boa Vontade, por um Brasil melhor. E, no domingo 16 de dezembro, em visita oficial, a Caravana voltou à nova sede das Legionárias de Maria, matando as saudades das vovòzinhas... As instituições que desejem ser visitadas devem fazer seus pedidos, em carta, para a Legião da Boa Vontade — Rua Acre, 47 - 9.º andar (Edifício Jequitibá).

ZWEIG E A COMPAIXÃO

O saudoso escritor Stefan Zweig escreveu o seguinte: "Há, precisamente, duas espécies de compaixão. Uma, a sentimental e pusilânime, que é apenas uma impaciência que tem o coração de se libertar, o mais depressa possível, da emoção penosa ante o sofrimento alheio. A outra, a única de valor — a compaixão não sentimental, mas eficaz — que sabe o que quer, e está decidida, paciente e compassivamente, a aturar tudo, até o extremo de suas fôrças e, mesmo, ainda mais". Releiam e meditem...

A LEGIÃO NA ABI

No primeiro sábado de cada mês, às 4 horas da tarde, a LBV realiza uma reunião pública no 7.º andar da ABI. Sem preconceitos de crença, classe, raça ou côr, ali se executam os ensinamentos de Jesus em tôda a sua pureza: "Amai-vos uns aos outros". Em cumprimento ao programa que se traçou, desde o início, a LBV prega o máximo respeito à mulher, colocando-a no mesmo nível do homem, com absoluta igualdade de direitos e deveres. É por isso que sempre falam um homem e uma mulher nas reuniões da LBV na ABI. Na reunião de dezembro, o orador foi o sr. Juvenal Machado e a oradora foi a sra. Nini Miranda, presidente da Associação das Donas de Casa. Ambos foram muito felizes em suas palestras, coroadas pelas palmas entusiastas dos presentes. Por sua vez, o convidado da tarde, o jornalista Borelli Filho, a todos agradou com o seu improviso. E, assim, vai a LBV mostrando como podem os brasileiros construir uma vida melhor para a sua terra e a sua gente. Abaixo o "não paga a pena" de Jéca Tatú, filosofia derrotista que tantos males tem causado ao Brasil...

UMA PÁGINA DE AMADO NERVO

Todos nós temos fome: fome de pão, fome de amor, fome de conhecimento, fome de paz... Êste é um mundo de famintos. A fome de pão, melodramática, ardente, ostentosa, é a que mais nos comove, mas não é a que merece mais a nossa compaixão. Todos nós temos fome, sim. E, portanto, podemos todos fazer a caridade. Aprende a conhecer a fome de quem te fala, com a certeza de que, afora de pão, tôdas as outras se escondem. E quanto maiores — mais escondidas...

E A CAMPANHA CONTINUA

A LBV atende ao público, diariamente, em sua sede (Rua Acre, 47 - 9.º andar). Realiza suas reuniões públicas na ABI, no primeiro sábado de cada mês, às 16 horas, falando oradores de tôdas as religiões e correntes filosóficas. Movimenta a Caravana da Boa Vontade no 3.º domingo de cada mês, em apôio às instituições de caridade e assistência social. E mantém o programa "Campanha da Boa Vontade" na Rádio Mayrink Veiga, todos os sábados, às 2 horas da tarde, sob o patrocínio das Casas Olga. Glória a Deus nas alturas, paz na terra aos homens de boa vontade...



Aspectos da Assistência presente à última reunião da Legião da Boa Vontade, no sétimo andar da Associação Brasileira de Imprensa.



A graciosa menina Ione Bittencourt Bandeira, filha do sr. Antony G. Bandeira e da sra. Nice G. Bandeira, no dia de sua Primeira Comunhão, realizada no dia 28 de outubro na Capela do Externato Irmã Paula.

****



Diana, filha do jornalista Djalma Maciel e sra. Tecla da Costia Maciel, no dia de sua Primeira Comunhão, feita na Capela do Colégio dos Santos Anjos, nesta Capital.

****

OUÇAM, — AS QUARTAS-FEIRAS, PELA RADIO MAYRINK VEIGA, A SUA PRA-9, DAS 14 ÀS 14,30 HORAS, O PROGRAMA INTITULADO "ARTE DE SER BELA".

arte de ser

CADA IDADE POSSUI O SEU ENCANTO!

O IMPORTANTE EM TODOS OS CASOS É ENCONTRAR QUAL É O TIPO EXATO A QUE CORRESPONDE O SEU — O ÊRRO ESTÁ EM QUERER PARECER DEMASIADO JOVEM OU MAIS VELHA DO QUE NA REALIDADE É

É comum defrontarmos com mulheres de idade madura que parecem mais velhas porque se empenham em se fazer passar por mocinhas. É, também comum vermos jovens adolescentes, que seriam adoráveis se não teimassem em assemelhar-se com mulheres de trinta anos. Tanto umas como outras são coquetes. A coqueteria, pode ser sã, se nasce do desejo de agradar, de ser amavel, e de fazer grata, aos demais, a nossa presença. Não é coqueteria aquela que prende as nossas conquistas como as contas de um colar e que tem como principal objetivo gabar-se delas mais tarde. A esta última não se pode denominar de coqueteria mas sim, necessidade e também carência do mais famoso principio da feminilidade: a modéstia.

Uma mulher deve ser grata ao mundo que a rodeia aos seus parentes, às suas amizades e ao homem a quem ela ama e lhe retribue êsse afeto. Deve porem fazê-lo com o sentido da medida e o equilíbrio que lhe fornece a discreção. Todos nós conhecemos no presente ou no passado mulheres que, segundo o conceito que geralmente se possui da beleza, não eram bonitas e



JOAN CRAWFORD, da Warner.

bela



que no entanto, em qualquer reunião social, atraíam a atenção geral dos demais convidados. Mulheres que, à medida que envelheciam aumentavam a sua popularidade e seu prestígio social. Essas mulheres sabiam ser coquetes, sabiam agradar segundo o "seu estilo" ou seja o estilo que convinha à sua idade, tipo, e ao meio em que se encontravam. Porque o meio tem também sua importância e nada é tão agradável como saber portar-se em qualquer ambiente com o mesmo desprendimento e com a mesma capacidade.

A coqueteria é efetiva quando nasce do natural desejo de agradar porém quando é discreta. Êsse tipo de mulheres que, a todo o custo, querem destacar-se entre os demais, conseguem-no, porém não logram que essa diferença redunde em seu benefício. Dirão delas que são bonitas, são atraentes, que estão bem vestidas, que são espirituosas... porém é possível que gostem mais delas para as olhar e admirar do que para estar em sua companhia.

Em geral, a mulher deve ser sempre modesta. Caso se destaque, deve ser por seus dotes autênticos e não pelos que se criam à base de sua maneira um tanto extravagante de conduzir-se ou pelo seu rebuscado modo de trajar-se. Em tôdas as idades, a coqueteria está perfeitamente vinculada às mais generosas condições de feminilidade, simplicidade, doçura e bondade. Uma mulher que destaque essas condições será popular no meio em que se encontre.

Verdade é que damos à juventude um valor de atração. E na realidade é; porém menos fundamental do que habitualmente se supõe. Se as mulheres, no seu terrível mêdo de envelhecer, não se empenhassem em se vestir, se portar ou falar como mocinhas quando a mocidade já passou, sua atração aumentaria muito. Conhecemos uma senhora um pouco ridícula, nas reuniões sociais, porque se empenhava em usar as mesmas modas que sua irmã solteira, bem mais nova que ela, e que no entanto, em casa, dentro do ambiente familiar onde ela era "ela própria", era uma criatura deveras encantadora. Essa senhora pensava que, para os demais, era indispensável parecer jovem, mas não para os seus. Felizmente ao cometer o êrro dedicou o melhor de si ao mundo dos seus afetos. Contudo, na vida social perdia muito e, não resta dúvida que era para essa vida social que dispendia maiores esforços. E que não sabia, não podia compreender que a verdadeira beleza é a do equilíbrio e que nunca haverá equilíbrio quando nos empenhamos em forçar a realidade. E o passo do tempo é uma realidade irrefutável.

Não queremos dizer com isso que não é necessário e lógico que nos protejamos do avanço do tempo. Não, bem ao contrário, porém isso deve ser feito dentro da medida do lógico. Cinqüenta anos podem parecer quarenta ou menos, às vêzes mas sempre e quando não nos empenhamos em tentar aparentar trinta. Sobretudo se, para consegui-lo, nos rodeamos de pessoas muito jovens, a diferença se estabelece para nosso pesar.

No caso contrário, o das mocinhas que tentam por todos os meios aparentar mais idade, o êrro é também absurdo. A jovem de dezessete anos pode parecer de vinte, é entretanto néscio que se vista e pretenda possuir o modo de uma mulher que possue o dôbro de sua verdadeira idade. Os anos são um valor também e não há motivos para os dilapidar.

Em resumo, o importante é a naturalidade, conseguir que resplandeça a natural espontaneidade na juventude e o natural equilíbrio mais adiante. Os cabelos brancos podem ser tingidos e, muitas vêzes, devem ser mesmo tingidos. Chega, porém, o momento em que o cabelo tingido envelhece mais que uma cabeleira branca ostentada com elegância. Dizem essas encantadoras senhoras de cabelos brancos — que sempre se encontram em tôdas as partes — que, quase sempre, conseguem mais êxito do que aquelas que, aterradas pela marcha do tempo, tornam louras as suas cabeleiras escuras e só conseguem denunciar que a juventude foi-se para sempre.

PROLONGUE A SUA JUVENTUDE

Noutros tempos, trinta anos era o fim da juventude. Hoje é uma etapa. A idade da mulher moderna, a época de seu maior esplendor, é entre os trinta e os quarenta anos. Nessa época, em plena posse de suas armas de sedução, conhecendo-se bem, sabendo vestir-se e maquilar-se, a mulher moderna vê-se no alto desse caminho de beleza do qual deverá descer o mais tarde possível.

É freqüente encontrar, entre aquelas que se cuidam, mulheres de cinqüenta anos atraentes e frescas. Uma boa saúde, uma higiene estrita, cuidados de beleza inteligentes e perseverantes, iniciados a tempo, são os artífices dêsse freqüente milagre. O poder da vida comunicativa, que chamamos dinamismo, é de grande valor para a conservação da beleza. É nesse período da vida que a maquilagem deve, mais do que nunca, servir à beleza da mulher, ou seja, realçá-la e não apagá-la por meio de exagerados cosméticos que fazem ressaltar o artifício.

A mulher de cinqüenta anos pode adotar os mesmos cremes de sua filha; há, entretanto, uma coisa de que deve particularmente desconfiar: é a maquilagem dos olhos. Os sombreados verdes, pardos e azuis sôbre as pálpebras, envelhecem.

COMO MANTER UMA APARÊNCIA JOVEM

Para possuir uma cútis limpa: dietas de vegetais, máscaras de frutas e verduras, banhos de vapor, regimes lácteos, coquetel de verduras.

Para conservar os tecidos firmes: Duchas escocesas, banhos de água salgada, massagens.

Para conservar a silhueta: ginástica rítmica, esportes, massagens manuais, regimes alimentares.

Para o cuidado do cabelo: Receitas à base de óleos, massagens com alcatrão.

Cuide de sua Péle

USANDO A EFICAZ POMADA

CALENDULA CONCRETA

Aconselhada para amaciar a pele, tirar sardas e manchas, fazer desaparecer as rugas, panos, asperezas e ulcerações. Combate a supuração da pele, inflamações e erupções eczematozas.

NAS FARM. DROG. E LABOR. SIMÕES
RUA DO MAIOSO, 31 – RIO
ENVIAMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Dr. José Murta

CLINICA MEDICA

CONSULTORIO:

Rua do Ouvidor, 183 - 5.º andar
Salas 502 e 503 — Tel. 23-3525
3as. 5as. e sábs. das 14 às 18 horas

RESIDENCIA:

Rua Mário Pederneiras, 11-Apt. 201
Tel. 26-6146
BOTAFOGO

Escolares e Adolescentes
(6 AOS 18 ANOS)

DR. H. BALLARINY

Distúrbios do crescimento — Endocrinologia — Obesidade — Magreza — Mau aproveitamento escolar. Exames periódicos de saúde. Marcar hora pelo tel.: 27-8421

DAME FRANÇAISE

Enseigne son idiome avec methode facile et rapide
Prix moderés
Telefone 47-3759

NUMEROS ATRASADOS DE "FON-FON"

PODEM SER ADQUIRIDOS À RUA PEDRO ALVES, 60, OU SOLICITADOS PELO CORREIO. INFORMAÇÕES MAIS DETALHADAS PELOS TELEFONES: — 23-5180 — 23-6282 e 43-1527.

ÁGUAS ESCURAS (Continuação)

rebro e de seu corpo. Civilizado demais e ao mesmo tempo primitivo demais! Penso em suas fadigas de índio e em seu sorriso de menino. Penso... Penso...

Sem descolar os lábios, ergo-me e recolho os cabelos à nuca. Só então vejo destacar-se na parede um crucifixo de marfim. Cristiano levanta-se e caminha pela habitação com passos lentos, como de autômato.

Atravessamos de mãos dadas e em pontas dos pés a longa fileira de quartos solitários, os intermináveis terraços.

O parque, agora, aparece claro sob a lua. Mas as árvores tiritam e gemem açoitadas por uma rajada malsã que passa fustigando as fôlhas e que me roça a fronte com a sua carícia gelada. Meus dentes castanholam e, apesar dessa semi-claridade lunar, o parque me parece imenso pântano como aquêles que vi no meu passeio solitário e dos quais sobe um hálito de morte.

Quando paramos diante de minha porta, ouve-se de novo o lamento dos pumas, prolongado, desesperador, na imobilidade noturna. Faz já tempo que não trocamos uma só palavra. Antes de deixar-me em frente à porta fechada do meu quarto, Cristiano murmura:

— Vou-me embora por muito tempo. Mas Deus fará com que nos encontremos de novo. E então poderemos olhar-nos nos olhos um do outro, sem enrubescer.

— Por que separar-nos? protesto.

— Essa é minha fatalidade. Ir-me sempre.

— Frases! digo furiosa. Frases que não me explicam nada.

— Creia em mim! responde simplesmente.

— Para que, se não vou vê-lo mais?

— Para guardar uma ilusão. Esta noite e êste amor foram o contrário de uma aventura. E há na vida instantes que são eternos.

Permanece silencioso e logo, com uma espécie de exaltação, acrescenta lentamente:

— Neste momento solene, tão solene como se me encontrasse perto da morte, só posso dizer-lhe uma coisa: até sempre!

— Adeus, respondo fechando a porta atrás de mim. Uma vez no quarto, deixo-me cair na cama, desfeita.

— Deus meu! Cristiano! soluço.

E cem vêzes, como uma obsessão, a mesma frase atravessa-me o espírito: "Não pregarei ôlho. Levantar-me-ei de madrugada e minha emoção, minhas palavras conseguirão impedir que êle parta, que êle fuja. Porque êle não está fazendo outra coisa senão fugir de mim..."

o

Contra minha vontade, o sono venceu-me e adormeci, vestida, sôbre o leito. Despertei com o sino que chamava os peões ao trabalho. Sentei-me sobressaltada, mas soltei um suspiro de alívio quando olhei o relógio: eram apenas cinco e meia. Mergulhei o rosto em água fria e depois de alisar os cabelos, saí. Clareava. Corri até o pátio dos carros e interpelei o porteiro, cujo espanto se lhe refletiu nos olhos ao ver-me ali, àquela hora, com expressão desorientada.

— Don Cristiano?... perguntei sem preâmbulos.

— Partiu antes do amanhecer, senhorita.

Esforcei-me para aparentar tranqüilidade, mas minhas pernas se dobraram de súbito e tive mêdo de cair ao solo ou de soltar, sem razão, um grito agudo.

Um instante depois, tive fôrças para perguntar:

— Partiu... para onde?

— Para Los Coigües, na cordilheira das Raízes. Uma fazenda perto do vulcão.

— Que vulcão?

— Acho que é o Lonquimay.

— E quando volta?

— Talvez... Às vêzes leva uma semana, às vêzes um ano. Nunca se sabe, com don Cristiano. Êle é esquisito.

Entrei no meu quarto aturdida e deitei-me até a hora do almôço. Passei o resto do dia aparentando calma, sentada diante do parque com um livro, que não li, sôbre os joelhos. Um tumulto de agonia povoava-me o cérebro. E via sem cessar em frente ao meu o seu rosto consumido e ardente. Recordava-lhe as mãos correndo sôbre as teclas como pássaros enlouquecidos. E sentia a pressão de seus dedos em meus ombros, enquanto sua bôca reprimia um rictus de dor.

Carlota adivinhou meu desespêro! À noite anunciei-lhe que um pressentimento tenaz, o da morte de uma amiga, que deixara enfêrma, me torturava sem cessar e que desejava voltar a Santiago na manhã seguinte. Foram vãos os seus rogos para reter-me.

— Tu sempre romântica, Luiza... murmurou ao despedir-se.

Saí de Copihuelpi muito cedo e empreendi a longa viagem, primeiro margineando o lago no automóvel; tomando o trem comum, depois. Ia em busca de Cristiano. Não me lembro quantas estações tive que atravessar nem quantas horas andei. Mudei de estrada de ferro duas vêzes.

"Curucautín..." repetia como um estribilho. "Devo saltar primeiro em Curucautín. Dali de ônibus até o povoado de Lonquimay..."

As rodas do trem repetiam comigo: Lonquimay... Lonquimay... Lonquimay...

Anoitecia e eu ignorava ainda o número de cidades em que o trem ia parando e se encontraria alojamento em algum sítio próximo à fazenda de Cristiano. Por fim dei um grito de prazer: o vulcão! tinha diante dos olhos a visão do vulcão a que o porteiro se referira e que servia de tela de fundo ao refúgio de Cristiano! Destacava-se nítido e altivo no seu cume solitário. Desci com minha maleta na primeira estação. Tarde da noite, depois de várias horas de auto-ônibus, deixei-me cair, vencida, numa cama da única hospedaria do povoado de Lonquimay.

o

"Coigües", "quillas", araucárias...

O cavalo que aluguei em Lonquimay interna-se preguiçoso por entre os caminhozinhos perdidos na vegetação exuberante. Eu também não tenho pressa, agora que só algumas milhas me separam de Cristiano. E

(Continua nas páginas 48 e 49)

VINOVITA

TONIFICA O SANGUE
ESTIMULA O CEREBRO
DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS

SE CALAS, ÉS CULPADO

FOTO-ROMANCE de ADA SALVI

CONTINUAÇÃO DO VIII CAPÍTULO

COMO NA VÉSPERA, A [illegible] DE PAOLA, TOM ACOMPANHA-A A UMA MESA, ONDE FICAM A SÓS. ENQUANTO BEBEM UMA BEBIDA GELADA, TOM TIRA DO BOLSO UMA CARTA E MOSTRA-LHE.

— E agora queres explicar-me o mistério desta carta que tentaste enviar ao correio escondida de mim?

244

PAOLA TENTA TIRAR-LHE A CARTA.

— Ah! não, minha cara, pensas que sou estúpido? Estás enganada! Não despertes em mim a fera, aconselho-te!

— Tu é que estás enganado. Se leste a minha carta, verás que apenas escrevi aos meus tios para tranquilizá-los. É verdade, ou não?

245

— Não discuto, mas por que não pediste a mim, em vez de vires com esses subterfúgios?

246

— Bem, talvez eu tenha agido mal, mas não é motivo para que te zangues comigo. Bom prêmio, depois de eu haver cantado no Mocambo com tanto sucesso!

— És uma adorável feiticeirinha! Mas uma feiticeirinha que cometeu um erro e agora deve pagar um penhor, um grande, enorme penhor!

247

248

— Ih! que cara sombria! Porque está sempre assim descontado?

— Porque te amo e não quero perder-te.

TOM TERMINA POR RESTITUIR A PAOLA A CARTA QUE ELA, INCAUTAMENTE, CONFIARA AO CHEFE DA ORQUESTRA. ELA NÃO SE ESQUIVA DA CENSURA DE TOM, COMPREENDE-A E AGORA ESFORÇA-SE PARA RECONQUISTAR A SUA CONFIANÇA. PARA ISSO NÃO LHE FALTAM NEM O FASCÍNIO FEMININO NEM A ASTÚCIA NECESSÁRIA.

249

— Deus meu, não poderei nunca sair daqui!

TENDO FALHADO, ASSIM, A PRIMEIRA TENTATIVA, E DESILUDIDA DE PODER SERVIR-SE DE ALGUM DOS EMPREGADOS PARA COMUNICAR-SE COM O EXTERIOR, PAOLA CONVENCE-SE DE QUE NÃO EXISTE UM MEIO DE FUGIR. A SUA É UMA PRISÃO DOURADA, MAS NÃO DEIXA DE SER UMA PRISÃO.

ÁGUAS ESCURAS

(Continuação)

-vou ao passo do cavalo, sôltas as rédeas, em risonho e ligeiro abandono. Nem uma alma povoa estas paragens de cuja magnificência emana uma frescura e um mistério de lugar sagrado. Caminho ameno, seguro, em meio à solidão impressionante, porque me parece escutar a voz profunda de Cristiano que, como naquela noite, balbucia-me ao ouvido: "Não tenhas mêdo..."

Meus olhos perdem-se deslumbrados diante da natureza que me cerca: esbeltos lauréis, robles centenários, árvores que não conheço, tôdas vestidas de um brilho luxuriante; fôlhas estranhas que se degradam em tôdas as gamas do verde e do vermelho, desde o esmeralda intenso e o púrpura vivo, até o pálido verde jade. O bosque inteiro, em suave penumbra sob o denso tôldo das suas ramagens, é uma harmoniosa e intensa sinfonia; vertentes claras caem murmurantes de cada lado do caminho e o ar está cheio de gorgeios, de escondidos rumores, de silvos e flautas invisíveis. Sinto a meus pés e sôbre minha cabeça, as palpitações de mil vidas secretas.

Capins monstruosos, de formas diversas e de fôlhas envernizadas, atapetam o caminhozinho estreito e entremisturam-se aos humildes "digitais" de tons violáceos. Uma tentação me acomete: desço do cavalo, corto algumas dessas florezinhas e com elas tranço uma grinalda para adornar-me os cabelos.

Quero apresentar-me dêsse modo a Cristiano, engalanada com flores da sua região. Enquanto vou arrancando as florezinhas ternas, sinto sôbre o rosto, sôbre as mãos, o fresco abraço dos capins que surgem de entre as pedras úmidas.

Após três horas de caminhada, tendo almoçado frugalmente com os inquilinos de uma choça em encontro no caminho, chego afinal a Los Coigües, e bato à porta de uma casa de madeira, modesta e acachapada. Um criado velho vem abrir-me, obsequioso.

— Mora aqui Don Cristiano?

— Esta é a sua casa, senhorita. Mas não está, anda pelo campo.

— A que horas volta?

— Tarde da noite. Almoça sempre no campo, em qualquer rancho. Sua mercê quer entrar? Minha mulher pode preparar-lhe um mate.

— Não, obrigada. Voltarei amanhã. Diga-lhe que estêve aqui a senhorita que êle conheceu em Copihuelpi, êle sabe... Que estou hospedada na hospedaria de Lonquimay e que voltarei amanhã cedo. Que me espere, porque virei todos os dias, até encontrá-lo. Por isso é melhor que me espere amanhã, que não se negue. Diga-lhe que é preciso que me explique. Sim. Que me explique...

Compreendo o insólito da minha atitude e a incoerência das minhas palavras diante da cara surprêsa do porteiro que responde, não obstante, impetuoso:

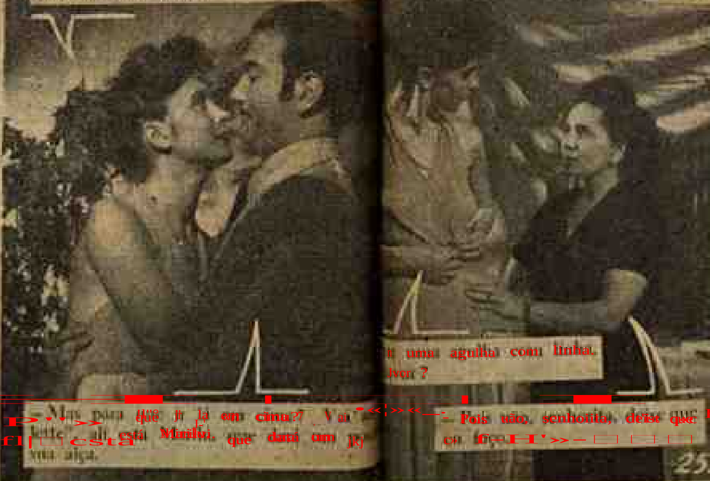
— Bem, senhorita. Dar-lhe-ei seu recado.

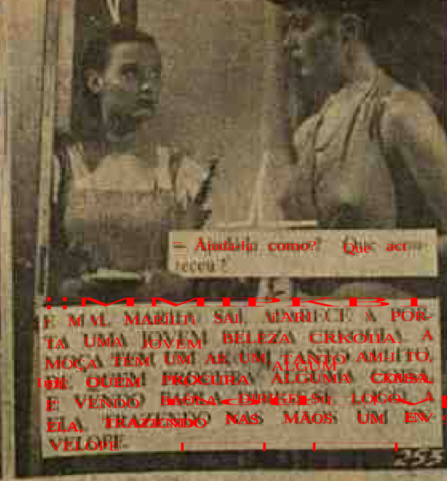
Decepcionada, com a cabeça em confusão, monto no cavalo. A volta através da selva solitária parece-me agora pesada, interminável. Antes de empreender a caminhada, volto a cabeça para olhar o porteiro que permanece no umbral da porta.

— Diga-me, murmuro confusa. Além de vocês dois, que o servem, don Cristiano vive sòzinho aqui?

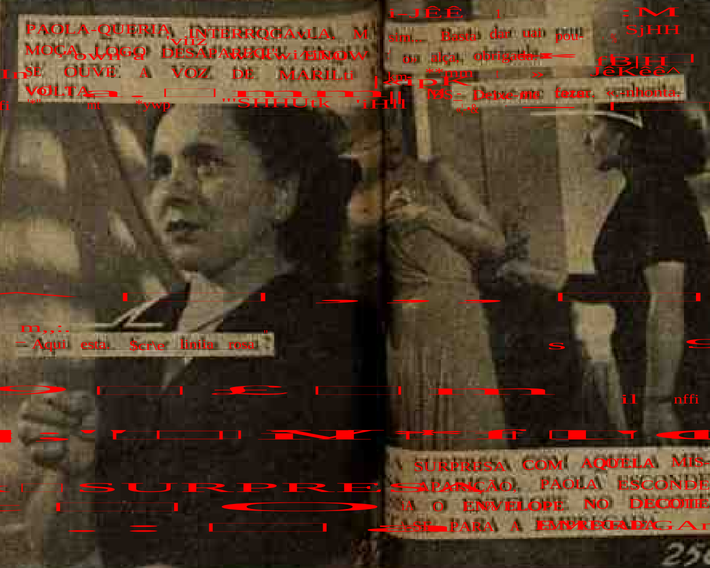
— Sim, senhorita. Sòzinho.





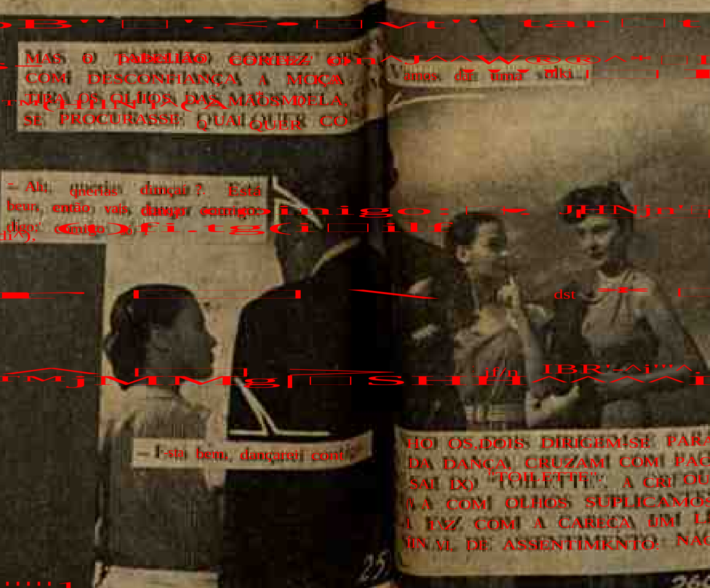














ÁGUAS ESCURAS

(Continuação)

De novo à noite em Lonquimay, de novo a madrugada, de novo a longa cavalgada através da exuberância magestosa, de novo a chegada à hermética habitação de madeira. Antes de bater, afundo nos arredores o olhar, ansiando descobrir a silhueta de Cristiano, vê-lo vir-me ao encontro. Mas não há lá ninguém. Um silêncio impassível cerca a modesta vivenda. Na batida que dou com os nós dos dedos na porta, ponho todo o meu temor, a minha angustiada impaciência.

Como na véspera, o porteiro aparece, obsequioso. Não consigo pronunciar o nome que me queima os lábios, mas abro olhos interrogadores e êle responde à minha muda pergunta:

— Não está, senhorita. Quando soube que a senhorita tinha vindo vê-lo, ficou muito sério e muito pálido. "Diga-lhe que não volte cá," me disse. "E que não procure ver-me. Faça-a jurar que não voltará."

Na voz do porteiro palpita uma desculpa. Sinto que uma onda de sangue aflui-me às faces e logo se retira deixando-me exangue. Êle continua:

— Não sei porque o patrão faz isso com a senhora, êle que é tão direito. Mas Dolores e eu, desde que êle voltou de Copihuelpi, temos achado que êle está diferente e entristecido. Desculpe-o, senhorita, e entre para tomar alguma coisa.

Como uma sonâmbula aceito a hospitalidade do porteiro. Sua mulher faz-me sentar e traz da cosinha um mate fumegante que começo a beber a goles lentos. Passeio em volta o olhar e procuro adivinhar que marcas deixou Cristiano entre essas paredes. Nada! O quarto nú — pequena sala de campo — carece de intimidade e de expressão. Ao lado, um velho piano e sôbre a rústica chaminé, um relógio que respira imperceptìvelmente. Nem livros, nem retratos. Cristiano passa pelos lugares sem marcá-los com o seu sêlo, sem deixar partículas de sua alma, levando consigo mesmo, por onde vá, a preciosa bagagem.

— Saiu cedo, hoje? perguntou.

— Às sete já estava a cavalo. O esquisito é que não permitiu que os cachorros o acompanhassem. Leva-os sempre, mas hoje disse-me: "prenda-os, Pedro". Os cachorros estavam como loucos porque não iam com êle. Depois o patrão me olhou. "Felicidades", me disse. E partiu a galope.

Subitamente ponho-me de pé. Uma idéia atravessou-me o cérebro: ir ao seu encontro. Como não pensara nisso antes? Oh, será fácil encontrá-lo, nem que tenha que percorrer tôda a floresta! Desde menina tive um instinto seguro e esta vez sentirei, como coisa viva, o rastro que no caminho vai deixando a sua presença.

— Para que lado foi? pergunto decidida.

— Para Este, internando-se mais pela cordilheira das Raízes.

De um pulo estou sôbre o cavalo cujas ancas fustigo nervosamente.

Mas as frondes são caprichosas e guardam seus segredos! Caminho seguido e sem descanso. Em breve vacilo, estaco perplexa. Aqui? Lá? Ah, não sei! Sua presença escapa-me, seu hálito dilui-se no ar. E continuo, continuo sempre, anhelante e febril.

(Conclui na página seguinte)

ÁGUAS ESCURAS

(Continuação)

certa de que conseguirei encontrá-lo antes que a negra cortina do crepúsculo me feche o passo.

Um a um, vou detendo os poucos sêres humanos — peões e lavradores — que encontro no caminho.

— Don Cristiano ?

— Não o vi hoje, senhorita.

— Don Cristiano ?

— Passou há uma hora, senhorita.

Chego enfim a uma grande clareira atapetada de ervas humildes. Ao fundo, a cadeia das lombadas das cordilheiras que se sucedem até o infinito. Lá em baixo, o vale despenhando-se até o rio que corre invisível por detrás de um terreno cortado a pique. Amarro o meu cavalo exausto e suado e desço para descansar. O sol, ainda alto no horizonte, banha de ouro os campos e eu bebo a sua luz a grandes sorvos, ligeiramente cansada da penumbra dos bosques. Minha vista crava-se num rapagão que, a dez passos de mim, está cavando a terra.

— Don Cristiano passou por aqui ? grito.

Êle move negativamente a cabeça, depois apura o ouvido e me faz um sinal com o braço. Por minha vez, escuto: o martelar de um cavalo a galope é ouvido claramente sôbre a terra dura do caminho. Avanço um passo e detenho-me, palpitante. De cima, das lombadas das cordilheiras, Cristiano vem em nossa direção a correr no seu cavalo. Corre em linha reta, parecendo dirigir-se direto ao abismo.

O rapaz, atônito com a inconsciência de Cristiano, deixa a sua pá e precipita-se ao caminho para tomar as rédeas do cavalo que êle pensa ter tomado o freio nos dentes. Mas Cristiano faz um violento arranco para a esquerda e açoita os flancos do animal com o seu látego para apressar ainda mais a corrida desenfreada. Então o rapaz agita no ar os dois braços e grita com tôda a fôrça:

— O barranco !...

Cristiano não volta a cabeça. Eu chego a ver a sua figura fantasmagórica, terrivelmente alterada, que passa como um raio ao meu lado. Exalo um grito inhumano e faço um esfôrço desesperado para correr. Mas não posso mover um único membro. Estou petrificada, olhando.

A um passo do abismo, o cavalo pressente o vazio, retrocede bruscamente e levanta no ar as patas dianteiras, descrevendo meio círculo. Cristiano, com o busto jogado para a frente, com o rosto tocando quase a cabeça do cavalo, atira-lhe uma capa sôbre os olhos para cegá-lo e, cravando-lhe as esporas no ventre, castiga-lhe os flancos com violência.

Deus meu, tanta palavra para explicar fatos que se sucederam com uma rapidez quase irreal ! Tanta frase inútil para descrever a macabra visão !

Um instante, antes de desaparecer para sempre no vazio, ginete e cavalo, desenham-se no espaço, de encontro ao céu inflamado. Depois... a paisagem recobra a sua imobilidade estática. Nenhum ruído, nenhuma vibração, denunciou a queda no abismo. Então, sùbitamente, o universo inteiro começou a girar diante de meus olhos. E, sem um grito, submergi na noite tenebrosa.

*
* *

Despertei da noite e do não ser num aposento desconhecido e humilde, recostada em estreita cama. O rosto de um estranho inclina-se sôbre mim.



●

ENDERÊÇO

Administração, Redação e Oficinas: — Rua Pedro Alves 60. — Tels.: — Gerência e Publicidade: 23-5180. Redação: 23-6282. Contabilidade: 43-1527. — Caixa Postal 97. — End. Teleg. FON-FON. — Sucursal em São Paulo — Gabriel Pereira — Rua Xavier de Toledo, 141, 2.º and. — Representante na Europa: Comptoir International de Publicité (P. Garçon & Ch. Levindrey 28 Boulevard Haussman PARIS 9e) — France.

●

ANO XLIV
Rio de Janeiro
29 de Dezembro de 1951 — N. 2.333
Cr$ 4,00 — EM TODO O BRASIL

●

DIRETOR-PRESIDENTE
Sérgio Silva.
DIRETOR-RESPONSÁVEL
Ary Sérgio Silva.
DIRETOR-SECRETÁRIO
André Sérgio Silva.
DIRETOR-TESOUREIRO
Cyro Vieira Machado.
REDATOR-PRINCIPAL
Martins Capistrano.
REDATORES
Elcias Lopes e Bastos Portela.
COLABORADORES
Gustavo Barroso — Alziro Zarur — Edvard Carmilo — Edgard Pereira — Làsinha Luís Carlos de Caldas Brito — Mercedes S. Martins (Miss "N") — Jonald — Gilberto Brandão — Clélia Clay — Zilah Bastos Seabra — José Bandeira Nery — Maluh Ouro Preto — Caio Pinheiro — Cyra Nery — Jeda Criso Fontes — Eloyna de Araújo.

●

Venda avulsa	Cr$	4,00
Núm. atrasado	Cr$	4,50
Núm. atras. pelo Correio	Cr$	5,00

●

Preço das assinaturas em todo o Brasil
Porte Simples

Ano (52 ns.)	Cr$	200,00
Semestre (26 ns.)	Cr$	100,00

Registrado

Ano (51 ns.)	Cr$	230,00
Semestre (26 ns.)	Cr$	115,00

As assinaturas começam e terminam em qualquer mês.

ÁGUAS ESCURAS

(Conclusão)

enquanto Carlota e a mulher do p[...] teiro de Cristiano me obrigam a [...] ber uma bebida muito forte e pô[...] em minha testa compressas frias.

— Onde estou? — interrogo.

— Volta a si, enfim ! — excla[...] Carlota tôda chorosa. — Pobrezinh[...] Há dois dias que não recobravas [...] sentidos...

— Onde estou ?

— Em Los Coigües.

Los Coigües... Los Coigües... És[...] nome tem na minha memória u[...] fascinação evocadora, mas é como [...] fio cortado de uma trama confu[...] Meu tio Ramón, único parente pró[...] mo que tenho, entra no aposento [...] ponta dos pés.

— Por que está aqui ? pergun[...] assombrada.

— Telegrafei-lhe chamando-o, responde-me Carlota. — Vai te lev[...] para Santiago, assim que puderes e[...] preender a viagem.

— E tu, por que vieste ? — int[...] rogo dirigindo-me a ela.

— Nós todos deixamos Copihue[...] quando... Mas não tivemos corag[...] de dar a notícia a Misia Trinid[...]

Trevas cada vez menos densas. [...] meço a retroceder em minhas rec[...] dações e, sùbitamente, sento-me, e[...] louquecida:

— "O barranco!"... grito.

Mas uma suave mão apóia-se e[...] minha testa e me inclina para trá[...] enquanto Carlota, banhada em lá[...] grimas, balbucia:

— Não penses, Luíza, não pense[...] Procura dormir.

Cerro os olhos. A seguir sinto q[...] todos se retiram do aposento, d[...] xando-me sozinha com a portei[...] que se instala junto ao leito.

— Conte-me... imploro. — Cont[...] me tudo.

Ela, então, soluçando, começa [...] lenta ladainha:

— Parece que morreu instantânea[...] mente, sem sofrer. Mas o corpo es[...] tava terrivelmente destroçado. Custo[...] muito para se descer até o barranc[...] e tirá-lo de lá. Avisamos por tod[...] os lados. Os irmãos dêle chegara[...] no dia seguinte, trazendo o ataúd[...] E levaram o corpo para Santia[...] Mas nós o velamos aqui, primei[...] uma noite.

Enquanto escuto a voz entrecor[...] tada e monótona da porteira, me[...] olhos vão espatifar-se de encontro [...] parede branca. Faço esforços des[...] perados e surdos para passar al[...] dela e, por fim, submerjo longe, mu[...] to longe, em não sei que profundu[...] pavorosa. A voz da porteira que co[...] tinua a falar confunde-se com out[...] muito tranqüila, que murmura a [...] ouvido:

— "Os abismos me atraem... [...] águas de uma côr tão estranha..."

*
* *

A noite entra furtivamente no qua[...] to e o homem deixa de ler. Parece-l[...] ver nessa semi-obscuridão as pupi[...] luminosas de Luíza, cheias de p[...] sagens e de imagens que êle só c[...] nhece através do papel.

Como todo ser positivo, dete[...] aqueles fatos e coisas que roçam [...] insólito, o peregrino, o torturant[...] mente misterioso. E essa exótica h[...] tória de amor não tem nada que [...] com êle.

Sem acender a luz, vai rasgando [...] papéis em pequenos pedaços que [...] espalham pelo chão. E, sùbitamen[...] os olhos de Luiza se apagam p[...] sempre na noite do quarto.



O Agradável Hábito de Tomar Chá

O chá, bebida agradável, dá a nossos nervos descanso que êles exigem. Façamos dêle, pois, n hábito diário.

Só, ou entre amigas, pela manhã, à tarde ou noite, busquemos numa xícara de chá a repounte sensação de bem-estar que nos é tão cara.

Pela manhã, podemos saboreá-lo na cozinha em louça comum; à tarde e à noite, partilhe-os o prazer de sorvê-lo lentamente em compa-hia de nossas visitas enquanto conversamos ou sistimos ao programa de televisão. Porque, tan-o na taça da mais fina porcelana como na xícara enos pretensiosa, o chá apenas exige que o pre-rmos segundo as regras que já se tornaram rdadeiro rito entre seus apreciadores.

"Use bule de louça, ou porcelana ao prepa-r o seu chá. Escalde-o prèviamente e empregue mpre água fervendo para obter a infusão. A rreta proporção para um bom chá é a seguin-: para cada xícara de água fervendo, ponha 1 lherinha de fôlhas de chá. Deite primeiro as lhas dentro do bule e despeje por cima a água rvendo. Tampe o bule e deixe-as de infusão 3 a 5 minutos. Coe e sirva.

Se preferi-lo mais fraco, não diminua o tem-o da infusão: acrescente uma pequena quanti-de de água quente à sua xícara".

Naturalmente o gôsto de um chá bem feito tecerá melhor ainda quando servido em louça fina. Os modernos aparêlhos de chá dispensam pires e pratinhos pois as lindas xícaras vêm acompanhadas por um prato de desenhos delica-dos e com divisões para os sanduíches e os docinhos.

Agora, como complemento, sugerimos que ex-perimente os seguintes "muffins" ao tomar o seu chá.

MUFFINS

Dissolva ½ tablete de fermento Fleishman em ½ xícara de leite morno e ½ xícara de água morna. Adicione 1 colher sopa, rasa, de açúcar, 1 colher sopa de manteiga e 1½ xícara de farinha de trigo.

Bata bem até obter uma massa mole. Aos poucos, e amassando, junte mais 1½ xícara de farinha e 1 pitada de sal. Sove até formar uma massa elástica. Ponha então numa vasilha unta-da, cubra com um pano grosso e deixe em lugar quente para levedar. Quando a massa estiver bem crescida, quase o dôbro do tamanho primi-tivo — umas 2 horas depois, conforme a tempe-ratura ambiente — faça pequenas bolas, como pães redondos, e deixe crescer, novamente cober-ta, por mais ½ hora. Deite-as então em tabuleiro quente e leve ao forno quente por 10 minutos. Di-minua o calor, e, em forno brando, deixe que os muffins acabem de assar.



Johnson SEA-HORSE

25 HP.

Imagine um motor que tanto pode flanar a baixa velocidade, como singrar as águas a 30 milhas por hora. Eis o novo Johnson de 25 HP.

Suas características são notáveis: - Mudança de velocidade com ponto morto, marcha avante e a ré; tanque independente para gasolina; novo controle de velocidade por punho de torsão, comodamente localizado na barra do leme, sincronizando a centelha da inflamação com a posição do acelerador...

Nunca se viu tanta potência em tão pouco peso, tamanha flexibilidade a preço tão reduzido.



VENHA EXAMINÁ-LO EM NOSSAS EXPOSIÇÕES   PEÇAM CATÁLOGO

SECÇÃO MARÍTIMA

MESBLA

RIO DE JANEIRO
PELOTAS
PORTO ALEGRE
VITÓRIA

BELO HORIZONTE
SÃO PAULO
RECIFE · NITERÓI
MARILIA